

A Consagração á luz da Experiência de Montfort

Pelo Padre Alissio Mandeli e traduzido pelo Padre Delfim Afonso

A consagração a Jesus pelas mãos de Maria, proposta por Montfort, está na origem do caminho que pretendemos percorrer. Maria é o “segredo de santidade”: entregando-nos a ela entregamo-nos completamente a Cristo. Esta “entrega” não é apenas um dom vindo do Céu, mas é também, um desejo que se levanta da terra. A consagração é um encontro desejado, uma descoberta e uma meta que se atinge.

Um desejo: dar e dar-se

Se entrarmos nas profundezas do coração, aí descobriremos o desejo ardente de “dar” e de “dar-se” totalmente. Enquanto esta doação não se realizar totalmente, nós vivemos eternamente frustrados; não porque não possuamos coisas ou bens, mas sim, porque não damos nem nos damos. Por isso a realidade da consagração, qual porta que se abre á nossa liberdade, sobre o amor e a plenitude de vida, tem as suas raízes no coração de cada um de nós.

Certamente a sede de nos entregarmos a alguma coisa ou a alguém, não é a única que sentimos. Existe uma outra que bem conhecemos, aquela de agarrar, de defender o que é nosso, de realizar um desejo infinito de segurança que na realidade nos torna prisioneiros de nós e nos provocam estado de inquietação.

Uma descoberta: o Amor precede-nos

Alguém antes de nós se entregou a nós e disse: “Amo te!”. Este alguém é Deus. A Consagração assenta as suas raízes na surpreendente descoberta e experiência do “amo-te” pronunciado por Deus e está enxertado no movimento do Seu amor para conosco. Deus é um apaixonado por nós. É uma paixão que existe antes na benevolência e na gratuidade. Trata-se de uma paixão que não se dá por vencida, apesar das nossas resistências: torna-se uma carta de amor nas sagradas escrituras, volta se para nós na encarnação, partilha a nossa condição humana até á Cruz, torna-se Pão de vida na Eucaristia para permancer conosco. Como não maravilhar-se? Um Deus que antes de exigir Se oferece; antes de pedir Se dá; antes de consagrar, Se consagra! Provocados pelo Amor, deixamo-nos atrair pelo Amor e a nossa liberdade sente se interpelada para que façamos do nosso coração um dom irrevogável ao Senhor. O dom de uma vida vivida na dependência do Senhor, brota do facto de sermos por Ele amados!

“Toda a nossa perfeição consiste no ser conformes, unidos, e consagrados a Jesus Cristo” (VD 120), escreve Montfort. A nossa primeira a fundamental consagração aconteceu no Baptismo. “Consagro-me” quer dizer então: “reconheço o que pelo Batismo, o amor de Deus operou em mim e renovo a minha vontade de levar a sério esta pertença de modo a corresponder a esta minha condição de amado”. O primeiro passo, por isso, consiste em abrir-se se a Cristo, Sabedoria, destruindo todos os afectos com a vã sabedoria do mundo. É deixar se entrar numa aliança de amor da qual ninguém pode afastar-nos, se não nós mesmos, porque a partir daí já não podemos mais compreender a nossa vida sem nela incluirmos o Senhor.

Um sonho: encontrar Deus numa criatura humana.

Trata-se de um sonho antigo. Poderá alguma vez concretizar-se? Quem o concretizará? Montfort diz: “a alma encontrará apenas Deus, sem criatura, nesta admirável criatura” (SM20), que é a Virgem Maria.

A partir dos mistérios da encarnação, Montfort consegue descobrir a importância de Maria. Trata-se do meio que Deus escolheu para levar por diante os seus desígnios de amor, é o caminho que ele percorreu para vir ao nosso encontro. Por isso, na nossa “viagem” para Ele convém que sigamos o mesmo itinerário.

Se a nossa perfeição consiste em sermos configurados, unidos e consagrados a Jesus, Maria é a criatura mais configurada, tendo ela mais do que qualquer outra vivido a perfeição da consagração a Deus Pai através do Filho. Por isso diz o Santo de Montfort, “quanto mais uma alma for consagrada a Maria, mais o será a Jesus Cristo” (VD 120).

Nós desejamos que Jesus Cristo reine nos nossos corações, mas o Evangelho recorda-nos que só entrará no Reino dos Céus aquele que se tornar pequeno como uma criança (cfr Lc 10, 14-15). Como nos poderemos tornar pequenos, senão no seio de uma mãe? Como tornar-se pequeno senão reconhecendo a própria dependência neste sinal de amor. Na medida em que deixarmos que a nossa vida dependa de Maria, mais veremos unidos a Seu Filho Jesus Cristo.

Maria, portanto, não é a meta da nossa caminhada, o fim último é e permanecerá Jesus Cristo. A consagração vai ao encontro dos desejos destes dois corações e realiza a sua satisfação, porque “o maior desejo de Maria é o de nos unir a Jesus Cristo, seu Filho e o maior desejo do Filho é que se vá a Ele através de Sua santa Mãe (VD 75).

Antes de iniciarmos o nosso itinerário, deixemo-nos iluminar pelo sentido profundo da Consagração, através da experiência e das palavras de S. João Paulo II. Seguindo o exemplo espiritual de Montfort, ele tomou Maria como Mãe, modelo e guia rumo à santidade e o Totus Tuus, tornou-se o respiro da sua alma e o palpitar do seu coração. Na sua mensagem por ocasião do 25º aniversário da consagração da Itália a Maria (15 de agosto de 1984, podemos ler:

“O significado da tradicional consagração à Santíssima Virgem, consiste não apenas num gesto devocional, mas no acolhimento filial daquela, que Cristo nos deu como Mãe segundo a ordem da Graça, através da pessoa do discípulo amado (Cfr. Jo 19, 25-27). Esta relação directa e permanente com Maria através da oração, na disponibilidade para acolhermos a sua maternal influência e na assimilação da sua vida de acordo com o Evangelho, está por sua vez orientada e encontra o seu significado num caminho de fidelidade a Cristo, de docilidade ao Espírito Santo, de comunhão de amor com o Pai e de vida eclesial”.

A preparação para a Consagração

A consagração a Jesus Cristo pelas mãos de Maria não se reduz a uma fórmula ou a prática exteriores, mas propõe-se “tornar a alma interiormente dependente e escrava da Santíssima Virgem e de Jesus por meio dela” (SM 44). Trata-se de um dom de tal modo precioso, que requer em quem deseja recebê-lo, uma séria e sólida preparação.

A proposta de Montfort

Montfort propõe um itinerário de preparação no qual se encontram as realidades essenciais da vida segundo o ritmo do Evangelho: renunciar a tudo quanto se opõe a Jesus Cristo, dentro e fora de nós, para que Ele tome posse de nós através do Seu Espírito, por meio de Maria.

Montfort não explicitou o conteúdo do caminho, mas indicou apenas, o resumo e a meta desta preparação:

- dedicar pelo menos doze dias para se esvaziar do espírito do mundo;
- dedicar três semanas para se encher de Jesus Cristo; a primeira semana servirá para pedir o conhecimento de si mesmo, a segunda semana servirá para conhecer a Virgem Maria, enquanto associada à obra da redenção e a terceira para conhecermos Jesus Cristo; conscientes de que “conhecer Jesus Cristo, a Sabedoria Encarnada, significa conhecer tudo. Saber tudo e não O conhecer a Ele, corresponde a não saber nada” (ASE 11).

O itinerário percorre-se dentro de um clima de oração contínua, uma vez que o fruto da preparação para a consagração, não depende essencialmente, ou apenas dos nossos esforços pessoais. Montfort sugere súplicas de estilo repetitivo, de modo particular as ladaínhas e breves invocações. Na oração imporamos o Espírito Santo, o verdadeiro Mestre interior, para que nos abra ao conhecimento de nós mesmos, de Maria e de Jesus. Suplicamos pois a Maria o dom da Sabedoria, para percebermos o abismo que existe entre nós e o Seu Filho. Rezamos além disso a Jesus, para que aumente em nós o desejo de O conhecer, de O amar com todo o coração e todas as nossas forças.

Para viver este Itinerário

Na base desta preparação deve estar uma decisão firme de se deixar transformar totalmente pela Graça do Senhor, que nos despoja do homem velho e nos reveste do Homem Novo. Trata-se de viver o mês de preparação como um itinerário progressivo, onde o mais importante não é a sequência dos conteúdos, mas sim o amadurecimento da disposição interior. Não pode ser de outro modo, visto que no centro deste itinerário está o referimento à Palavra de Deus que nos interpela, orienta e modela a existência.

Concretamente é importante:

- agradecer continuamente ao Senhor que suscita em nós o desejo de uma verdadeira devoção a Maria;

- progredir na prática da oração pessoal diária, pois que nada entra no coração sem a acção do Espírito Santo;
- afastar toda a espécie de angústia e de ansiedade e colocar de lado, tudo quanto nos impeça de viver com profundidade, serenidade e em clima de paz;
- procurar afastar ao máximo, todas as más inclinações pecaminosas e todo o afeto egoísta ou narcisista; afastar-se de todas as ilusões e falsas expectativas e formas de mundaneidade que possam ofuscar o sentido e a presença de Deus;
- valorizar os exercícios espirituais propostos para cada dia e empenhar-se a viver desde já, a pertença a Jesus por Maria. Apenas fazendo experiência desta prática, se pode compreendê-la;
- aceitar as exigências do percurso, para que se possam colher as graças correspondentes na medida em que se avança. Por isso não devemos ter pressa, nem ser impacientes, devemos sim estar dispostos a avançar com perseverança e constância;
- não devemos isolar-nos em nós mesmos, numa espiritualidade egoísta, mas devemos sim manter um coração aberto aos irmãos e desenvolver o sentido de pertença à comunidade cristã de que fazemos parte.

(Em seguida ides encontrar algumas das orações recomendadas para esta preparação de consagração dos 33 dias. Encontrareis mais nas últimas páginas deste texto. São recomendadas orações no princípio e no fim de cada dia de preparação. Voltai a este lugar cada dia para rezares as orações indicadas.)

Salvé Estrela do mar

Salvé Estrela do mar,
Mãe do Verbo de Deus,
Virgem pura entre as virgens,
Feliz porta do Céu.

Salvé, salvé Estrela do Mar,
Salvé Mãe do Verbo de Deus!

Saudada pelo Arcanjo,
Avé, cheia de Graça.
Dá-nos a tua paz,
Mudando o nome de Eva.

Quebra ao preso as cadeias,
Dá aos cegos a vista,
Afugenta a desgraça,
Traz-nos todos os bens.

Mãe de Deus nossa Mãe
Ouça os nossos pedidos,
Aquele que por nós
quis chamar-se teu Filho.

Virgem incomparável,
Mãe de misericórdia,
liberta-nos da culpa,
Faz-nos mansos e castos.

Vinde Espírito Santo

Vinde, ó santo Espírito,
vinde, Amor ardente,
acendei na terra vossa luz fulgente.

Vinde, Pai dos pobres:
na dor e aflições,
vinde encher de gozo
nossos corações.

Benfeitor supremo
em todo o momento,
habitando em nós
sois o nosso alento.

Descanso na luta
e na paz encanto,
no calor sois brisa,
conforto no pranto.

Luz de santidade,
que no Céu ardeis,
abrasai as almas
dos vossos fiéis.

Sem a vossa força
e favor clemente,
nada há no homem
que seja inocente.

Lavai nossas manchas,
a aridez regai,
sarai os enfermos
e a todos salvai.

Abrandai durezas
para os caminantes,
animai os tristes,
guiai os errantes.

Vossos sete dons concedei
à alma do que em Vós confia:
Virtude na vida,
amparo na morte, no Céu alegria.

ORAÇÃO AO ESPÍRITO SANTO

Espírito Santo, concedei-me todas estas graças; plantai, regai e cultivai na minha alma a verdadeira Árvore da Vida' que é a amabilíssima Maria, para que cresça, deia flores e frutos de vida em abundância.

Espírito Santo, concedei-me o dom de amar e venerar muito a vossa divina Esposa, de ter no seu coração materno um sólido apoio e um recurso assíduo da sua misericórdia para que n'Ela e com Ela venhais a formar em mim Jesus, ao natural, grande e robusto, até à plenitude da sua idade perfeita. Amém.

Ladaíña do Santíssimo Nome de Jesus

Senhor, tende piedade de nós.

Jesus Cristo, tende piedade de nós.

Senhor, tende piedade de nós.

Jesus Cristo, ouvi-nos.

Jesus Cristo, atendei-nos.

Pai celeste que sois Deus,

tende piedade de nós.

Filho, Redentor do mundo, que sois Deus,

tende piedade de nós.

Espírito Santo, que sois Deus,

tende piedade de nós.

Santíssima Trindade, que sois um só Deus,

tende piedade de nós.

Jesus, Filho de Deus vivo,

Jesus, esplendor do Pai,

Jesus, pureza da luz eterna,

Jesus, Rei da glória,

Jesus, sol da justiça,

Jesus, Filho da Virgem Maria,

Jesus amável,

Jesus admirável,

Jesus, Deus forte,

Jesus, Pai do futuro do século,

Jesus, Anjo do grande conselho,

Jesus poderosíssimo,

Jesus pacientíssimo,

Jesus obedientíssimo,

Jesus, brando e humilde de coração,

Jesus, amante da castidade,

Jesus, amador nosso,

Jesus, Deus da paz,

Jesus, autor da vida,

Jesus, exemplar das virtudes,

Jesus, zelador das almas,

Jesus, nosso Deus,

Jesus, nosso refúgio,

Jesus, Pai dos pobres,

Jesus, tesouro dos fiéis,

Jesus, bom Pastor,

Jesus, luz verdadeira,

Jesus, sabedoria eterna,
Jesus, bondade infinita,
Jesus, nosso caminho e nossa vida,
Jesus, alegria dos anjos,
Jesus, Rei dos patriarcas,
Jesus, Mestre dos apóstolos,
Jesus, Doutor dos evangelistas,
Jesus, fortaleza dos mártires,
Jesus, luz dos confessores,
Jesus, pureza das virgens,
Jesus, coroa de todos os santos,

Sede-nos propício; perdoai-nos, Jesus.
Sede-nos propício; ouvi-nos, Jesus.

De todo o mal, **livrai-nos, Jesus.**
De todo o pecado,
De vossa ira,
Das ciladas do demônio,
Do espírito da impureza,
De morte eterna,
Do desprezo das vossas inspirações,
Pelo mistério da vossa santa Encarnação,
Pela vossa natividade,
Pela vossa infância,
Pela vossa santíssima vida,
Pelos vossos trabalhos,
Pela vossa agonia e paixão,
Pela vossa cruz e desamparo,
Pelas vossas angústias,
Pela vossa morte e sepultura,
Pela vossa ressurreição,
Pela vossa ascensão,
Pela vossa instituição da Santíssima Eucaristia,
Pelas vossas alegrias,
Pela vossa glória,

Cordeiro de Deus, que tirais os pecados do mundo,
perdoai-nos, Jesus.

Cordeiro de Deus, que tirais os pecados do mundo,
ouvi-nos, Jesus.

Cordeiro de Deus, que tirais os pecados do mundo,
tende piedade de nós, Jesus.

Jesus, ouvi-nos.
Jesus, atendei-nos.

Oremos.

Senhor Jesus Cristo, que dissestes: Pedi e recebereis; buscai e achareis; batei e abrir-se-vos-á, nós vos suplicamos que concedais a nós que vo-lo pedimos, os sentimentos afetivos de vosso divino amor, a fim de que nós vos amemos de todo o coração e que esse amor transcenda por nossas ações, sem que deixemos de vos amar.

Permiti que tenhamos sempre, Senhor, um igual temor e amor pelo vosso santo nome; pois não deixais de governar aqueles que estabeleceis na firmeza do vosso amor. Vós que viveis e reinais pelos séculos dos séculos.

Amém

Ladaíinha do Espírito Santo

Senhor, tende piedade de nós.
Jesus Cristo, tende piedade de nós.
Senhor, tende piedade de nós.

Divino Espírito Santo, ouvi-nos.
Espírito Paráclito, atendei-nos.

Deus Pai dos céus, tende piedade de nós.
Deus Filho, redentor do mundo, ...
Deus Espírito Santo,
Santíssima Trindade, que sois um só Deus,

Espírito da verdade,
Espírito da sabedoria,
Espírito da inteligência,
Espírito da fortaleza,
Espírito da piedade,
Espírito do bom conselho,
Espírito da ciência,
Espírito do santo temor,
Espírito da caridade,
Espírito da alegria,
Espírito da paz,
Espírito das virtudes,
Espírito de toda a graça,
Espírito da adoção dos filhos de Deus,
Purificador das nossas almas,
Santificador e guia da Igreja católica,
Distribuidor dos bens celestes,
Conhecedor dos pensamentos e das intenções do coração,
Doçura dos que começam a vos servir,
Coroa dos perfeitos,
Alegria dos anjos,
Luz dos patriarcas,
Inspiração dos profetas,
Palavra e sabedoria dos apóstolos,
Vitória dos mártires,
Ciência dos confessores,
Pureza das virgens,
Unção de todos os santos,

Sede-nos propício, perdoai-nos, Senhor.
Sede-nos propício, atendei-nos, Senhor.
De todo o pecado, livrai-nos, Senhor.
De todas as tentações e ciladas do demônio, livrai-nos, Senhor.
De toda a presunção e desesperação, livrai-nos, Senhor.
Do ataque à verdade conhecida, livrai-nos, Senhor.
Da inveja da graça fraterna, livrai-nos, Senhor.
De toda a obstinação e impenitência, livrai-nos, Senhor.
De toda a negligência e tepidez do espírito, livrai-nos, Senhor.
De toda a impureza da mente e do corpo, livrai-nos, Senhor.

De todas as heresias e erros, livrai-nos, Senhor.
De todo o mau espírito, livrai-nos, Senhor.
Da morte má e eterna, livrai-nos, Senhor.
Pela vossa eterna procedência do Pai e do Filho, livrai-nos, Senhor.
Pela milagrosa conceição do Filho de Deus, livrai-nos, Senhor.
Pela vossa descida sobre Jesus Cristo batizado, livrai-nos, Senhor.
Pela vossa santa aparição na transfiguração do Senhor, livrai-nos, Senhor.
Pela vossa vinda sobre os discípulos do Senhor, livrai-nos, Senhor.
No dia do juízo, livrai-nos, Senhor.
Ainda que pecadores, nós vos rogamos, ouvi-nos.
Para que nos perdoeis, nós vos rogamos, ouvi-nos.
Para que vos digneis santificar todos os membros da Igreja, nós vos rogamos, ouvi-nos.
Para que vos digneis conceder-nos o dom da verdadeira piedade, devoção e oração, nós vos rogamos, ouvi-nos.
Para que vos digneis inspirar-nos sinceros afetos de misericórdia e de caridade, nós vos rogamos, ouvi-nos.
Para que vos digneis criar em nós um espírito novo e um coração puro, nós vos rogamos, ouvi-nos.
Para que vos digneis conceder-nos verdadeira paz e tranquilidade do coração, nós vos rogamos, ouvi-nos.
Para que vos digneis fazer-nos dignos e fortes, para suportar as perseguições pela justiça, nós vos rogamos, ouvi-nos.
Para que vos digneis confirmar-nos em vossa graça, nós vos rogamos, ouvi-nos.
Para que vos digneis receber-nos no número dos vossos eleitos, nós vos rogamos, ouvi-nos.
Para que vos digneis ouvir-nos, nós vos rogamos, ouvi-nos.
Espírito de Deus, nós vos rogamos, ouvi-nos.

Cordeiro de Deus, que tirais os pecados do mundo, enviai-nos o Espírito Santo.
Cordeiro de Deus, que tirais os pecados do mundo, mandai-nos o Espírito prometido do Pai.
Cordeiro de Deus, que tirais os pecados do mundo, dai-nos o Espírito bom.

Espírito Santo, ouvi-nos.
Espírito Consolador, atendei-nos.

V. Enviai o Vosso Espírito e tudo será criado.
R. E renovareis a face da terra.

Oremos:

Deus, que instruístes os corações dos vossos fiéis com a luz do Espírito Santo, concedei-nos que no mesmo Espírito conheçamos o que é reto, e gozemos sempre as suas consolações. Por Cristo, Nosso Senhor. Amém.

Primeira etapa **Doze dias para se esvaziar do espírito do mundo**

“Quantos que quiserem abraçar esta devoção particular (...) depois de terem dedicado pelo menos doze dias para se esvaziarem do espírito do mundo, contrário ao espírito de Jesus Cristo (...) empregarão três semanas, para se encherem de Jesus Cristo através da Santíssima Virgem (VD 227).

Existe uma atmosfera de mundaneidade, a que o apóstolo João chama de concupiscência da carne, concupiscência dos olhos e a soberba pela vida (cfr. 1 Jo 2, 15-16), na qual, de qualquer maneira todos estamos imersos. Disse o Papa Francisco: “Vivemos no mundo, plenamente inseridos na realidade social e cultural do nosso tempo, e assim deve ser, mas isto traz o risco de nos tornarmos mundanos, o risco de o sal perder o sabor como dizia Jesus (cfr. Mt 5,13), o risco de que o cristão perda a sua identidade, que perca a carga de novidade que lhe vem do Senhor e do Espírito Santo (Angelus, 31 de Agosto 2014).

Pois bem, quem deseja entregar-se a Maria, para melhor se conformar a Jesus Cristo, deve esvaziar-se completamente do espírito do mundo que se opõe ao Espírito de Deus, diz Montfort. De maneira radical, pois que a tentação é a de acomodar Jesus Cristo com a lógica mundana, a tentação de percorrer o caminho da santidade, conservando a afeição pela sabedoria do mundo. No entanto, bem sabemos que não podemos servir a dois senhores: ou se serve o Senhor ou se serve o espírito do mundo que inclina o nosso coração para a vanidade, a prepotência e o orgulho.

Recebedo o alimento espiritual do Evangelho, da Eucaristia e da oração poderemos renovar continuamente a nossa mente para nos “conformarmos não ao mundo, mas a Cristo, para podermos seguir os Seus passos, seguindo o itinerário do perder a própria vida para a encontrar... para a receber de novo, purificada, liberta de todo o egoísmo e do peso da morte, iluminada pela eternidade” (Papa Francisco, Angelus, 31 de Agosto de 2014).

Ao iniciarmos este percurso, não deixemos que o nosso coração se pertube. Se colocamos a nossa confiança em Jesus, o mundo, apesar de ser muito tentador não pode seduzir o nosso coração nem meter-nos medo. Que o Senhor nos dê a coragem necessária para nos despojarmos do espírito do mundo.

I-O Esquecimento de Deus

Prepara o teu Coração

Invoca a Luz do Espírito Santo: Vinde Espírito Santo

Viver como se Deus não existisse, viver sem mistério; e este o Espírito do mundo. "É uma sereia falaciosa que não nos propõe coisas valiosas e é violenta, mas que nos vai dizendo para não sonharmos nada mais do que o mundano, que nos vai dizendo: só existe o que é humano, a lógica humana. E o engano de crer que a realidade é apenas o que se vê" escreve Ermes Ronchi.

Mas é aceitável prestar atenção só ao que se pode ver e tocar, calcular e controlar com a experiência? Não se exclui deste modo o que há de mais verdadeiro em nós e nos outros, ou seja, a confiança, o amor, a beleza, a bondade, a alegria, tudo o que torna a vida digna de ser vivida?

Porquê este esquecimento e indiferença para com Deus? Porque temos medo de perder a nossa autonomia e liberdade, de seguirmos os caminhos do Mistério e nos entregamos a Ele. A promessa de um homem feliz sem Deus, e o grande engano do espírito do mundo que nos empurra para uma espécie de auto-suficiência não só material mas também espiritual.

Apesar disso, recorda-nos o Papa Francisco: "*se falta a memória de Deus, tudo perde o sabor, dado se encaminha para o individualismo e o bem-estar. A vida, o mundo e os outros perdem consistência, não servem para mais nada... Se perdemos a memória de Deus também nos mesmos perdemos consistência, também nós nos esvaziamos, perdemos a nossa identidade*" (Homilia, 29-9-2013).

Na Escola da Sabedoria

Da Carta de S. Paulo aos Romanos 1, 18-23

De facto, a ira de Deus, vinda do céu, revela-se contra toda a impiedade e injustiça dos homens que, com a injustiça, reprimem a verdade. Porquanto, o que de Deus se pode conhecer está à vista deles, já que Deus lho manifestou. Com efeito, o que é invisível nele - o seu eterno poder e divindade - tornou-se visível à inteligência, desde a criação do mundo, nas suas obras. Por isso, não se podem desculpar.

Pois, tendo conhecido a Deus, não o glorificaram nem lhe deram graças, como a Deus é devido. Pelo contrário: tornaram-se vazios nos seus pensamentos e obscureceu-se o seu coração insensato. Afirmando-se como sábios, tornaram-se loucos e trocaram a glória do Deus incorruptível por figuras representativas do homem corruptível, de aves, de quadrúpedes e de répteis.

S. Paulo analisa o espírito do mundo e procura iluminar o seu problema mais profundo que reside na tentativa de marginalizar Deus, de disfarçar e eliminar os traços, com os quais Ele se demonstra misteriosamente presente e em certo modo reconhecível em cada ser humano.

O espírito do mundo manifesta-se através de um comportamento de não querer agradecer, não querer dar glória a Deus. A presunção de sermos donos da própria vida leva a eliminar os traços do divino que pelo contrário é indelével no coração humano.

Pensemos no comportamento de Adão que pretende comer o fruto da árvore do conhecimento do bem e do mal, porque não aceita a realidade que o coloca em relação com o mistério de Deus e de viver em relação com Ele. Quer ser senhor da própria vida, conduzir cada uma das suas ações simplesmente a partir de si mesmo, daquilo que experimenta e toca com as próprias mãos.

Os tempos de S. Paulo, não são muito diferentes dos nossos, sublinha o Papa Francisco: "*também hoje, existem tantos ídolos e tantos idólatras, tantos que se julgam sábios. Mesmo entre nós,*

os cristãos! Tornaram-se insensatos e trocaram a glória de Deus incorruptível, por uma imagem, o próprio eu, as minhas ideias, a minha comodidade" (homilia, 15-19-2013).

O espírito do mundo revela-se na idolatria do homem que, sempre e apesar de tudo, mesmo quando não se dá conta, é tentadora querer ocupar o lugar do Deus Vivo. *"Todos nós temos necessidade de adorar - continua o Papa Francisco - porque temos o selo de Deus dentro de nós. Quando não adoramos Deus, adoramos as criaturas. Esta é a passagem da fé à idolatria. E qual é o caminho da idolatria? O egoísmo do próprio pensamento, o pensamento da onipotência, o que eu penso e que é verdade: eu penso a verdade, eu faço a verdade, eu faço a verdade com o meu pensamento... (Homilia, 15. -10-2013).*

Na Escola de Montfort

Do Tratado da Verdadeira Devoção, 127

Mas quem se mantém fiel às promessas do Batismo? Não será verdade que quase todos os cristãos quebram a fidelidade a estas promessas feitas a Cristo no Batismo?

De onde pode vir este desregramento universal, senão do esquecimento em que se vive das promessas e compromissos do Batismo, e do facto de que quase ninguém ratifica por si mesmo o contrato de aliança que fez com Deus, por intermédio dos seus padrinhos?

Os sábios segundo o mundo, professam no seu íntimo essa sabedoria sempre que deixam apegar-se o coração aos seus próprios bens. No que se refere á salvação e aos meios para a alcançar, como sejam a confissão, a oração, etc, fazem-no com ligeireza, por formalismo, com irregularidade e apenas para tranquilizarem a consciência e salvarem as aparências (ASE, 80).

Só depois de terem gozado, sem escrúpulo, de todas as satisfações conseguidas com o aplauso do mundo e sem prejudicar a saúde, é que vão procurar o confessor, o menos escrupuloso possível, é assim que eles consideram, aqueles confessores relaxados que não cumprem o seu dever, para obterem dele, a baixo preço, a paz em suas vidas sensuais e efeminadas, e ainda a indulgência plenária para todos os seus pecados. Digo a baixo preço porque, de ordinário, estes sábios mundanos não querem por penitência senão algumas orações ou esmolas, detestando tudo quanto possa mortificar o corpo (ASE, 81).

Para Meditar

1º- Acontece-me de viver de tal modo a longo tempo esquecendo Deus na minha vida?

2º- Quais as consequências para a minha vida e dos que me estão ao lado?

3º- Qual é o ídolo escondido, que ocupa o lugar do Senhor?

Invoca a Virgem Maria: Salvé Estrela do Mar.

II- O Medo de perder a Vida

Prepara o teu coração

Invoca a Luz do Espírito Santo: Vinde Espírito Santo

“Creio que seja sobretudo o medo de dar-se que leva as pessoas a não usarem o melhor das suas forças, escreveu no seu diário Etty Hillessum, uma jovem hebraica holandesa morta no campo de concentração de Auschewitz em 1943. As palavras desta testemunha, com extrema lucidez, denunciam o espírito do mundo: fundamentalmente trata-se do medo de perder a vida e a recusa de qualquer experiência que nos faça sentir os próprios limites.

Quando abraçamos a Sabedoria do mundo, fechados no castelo das nossas seguranças e do egoísmo, surge a tentação de conservar a vida para nós, mas assim a nossa vida reduz-se á de miseráveis....

Ainda no seu Diário, a mesma Hillesun escreve: “se excluímos do nosso horizonte a ideia da morte, nunca se tem uma vida completa; e se aceitamos a morte, a vida ganha maior dimensão e enriquece-se.

Trata-se do paradoxo evangélico anunciado por Jesus:

“Quem se ama a si mesmo, perde-se; quem se despreza a si mesmo, neste mundo, assegura para si a vida eterna” (Jo 12, 25). A vida vive-se dando-se e cresce servindo; pelo contrário, se estamos demasiado agarrados a ela, soffoca-nos e escorre como areia que o vento leva das nossas mãos!

Esvaziar-se do espírito do mundo é superar o medo de que a vida nos possa escapar, se a consideramos como um dom é apostar que ao escolhermos gastar a vida, essa doação não consiste em queimá-la inútilmente, mas em deixar que ela se manifeste em toda a sua beleza!

Na Escola da Sabedoria

Da Carta aos Hebreus 2, 14-15

Assim, tal como os filhos têm em comum a carne e o sangue, também Ele partilhou a condição deles, a fim de destruir, pela sua morte, aquele que tinha o poder da morte, isto é, o diabo, e libertar aqueles que, por medo da morte, passavam toda a vida dominados pela escravidão.

A narração da paixão no Evangelho de Lucas (cfr. 23, 35-39), está marcado pelo tríplice convite feito a Jesus “salva-Te a Ti mesmo”. As esperanças dos homens de todos os tempos são sempre as mesmas e permanecem na obsessiva repetição “salva-te a ti mesmo”.

Desde sempre, os homens procuram a felicidade e quanto mais tomam consciência dos próprios limites, mais cresce a sua ânsia de coisas, de pessoas e também de Deus. O que nos põe em questão é o medo da morte e a ilusão da imortalidade. Não se trata apenas do medo da morte compreendida no sentido biológico. Este é compreensível, pois cada um ama a vida. “Por medo da morte” entendemos dizer: medo de dar a vida, de se perder a si mesmo. Este medo esconde-se por detrás de cada um dos nossos limites, desilusão ou insucesso, bem como por detrás de cada renúncia que é preciso fazer. O ser humano esconde-se do medo da morte, justificando-se com as suas lógicas, como denuncia o profeta Isaías: “Vós dizeis: «*Fizemos um pacto com a Morte, uma aliança com o Abismo e, por isso, o flagelo passará sem nos atingir, porque fizemos da mentira um abrigo e da fraude um refúgio.*» (Is 28, 15).

Fazemos uma aliança com a morte, cada vez que, com a intenção de assegurarmos a vida escolhemos a mentira, o pecado, a maldade, a violência injustificada, todas estas coisas que destroem

o homem e deformam a sua identidade. O medo de perder a vida condiciona de modo pesado a existência, estrutura o modo de pensar, os comportamentos, a visão do mundo. Este medo torna-se senhor de nós, não no fim da existência, mas ao longo dos dias de cada homem, que dominado pelo medo da morte, nunca arrisca viver em plenitude.

Todavia, não precisamos de nos deixar dominar pelo medo, mas é necessário apostar que na verdade amando não se perde nada. Jesus venceu a morte, recorda-nos o papa Francisco: *“Jesus ressuscitou, existe esperança para ti, já não vives sob o domínio do pecado, do mal! O amor venceu, a misericórdia venceu!... O amor de Deus pode transformar a nossa vida, fazer florir aquelas zonas de deserto que ainda existem nos nossos corações”*. (Mensagem Pascal, 31 de Março de 2013)

Na escola de Montfort

Carta aos Amigos da Cruz, 10

Os mundanos, pelo contrário, para se encorajarem a perseverar nas suas maldades sem escrúpulos, todos os dias gritam os seus slogans: “A vida! A vida! Vivamos a Vida! Paz! Alegria! Comamos, bebamos, cantemos, dancemos, divertamo-nos! Deus é Pai de misericórdia e não nos criou para depois nos condenar; Deus não nos proíbe o divertimento; por isso não seremos condenados; nada de escrúpulos, portanto! Não, não morreréis!”.

Tratado da Verdadeira Devoção, 81

Se o grão de trigo, lançado á terra, não morre, permanece só e não produz fruto (Jo 12, 24). Se não morremos para nós mesmos, e se as nossas devoções, por mais santas que sejam não nos levam a esta morte necessária e fecunda, não daremos fruto que valha. Então as nossas devoções tornar-se-ão estéreis, todas as nossas boas obras serão manchadas pelo amor próprio e pela vontade própria.

Para Meditar

1º O que significa para mim, viver para Jesus ?

2º O que significa para mim, viver segundo o Espírito do mundo?

3º O que existe em mim no medo de dar-me?

Invoca a Virgem Maria: Salvé Estrela do Mar.

III – O Apêgo à Vida

Prepara o teu coração

Invoca a Luz do Espírito Santo: Vinde Espírito Santo

A outra face do medo da morte e o medo é a preocupação ou o apego á vida, a busca afanosa de tudo quanto possa garantir uma vida suficientemente tranquila para o presente e o futuro.

A pressa é uma das características do nosso tempo. É aquela preocupação que tudo esvazia e tudo enche de vazio. A ansiedade ataca todos os que acreditando que vem do nada e que são destinados ao nada se sentem destinados à morte e por isso procuram fugir da sua presença, recorrendo a todos os meios que apresentam a ilusão da imortalidade.

A ânsia pela vida, que se exprime no ativismo exagerado que nos leva a querer experimentar tudo, provar de tudo, enriquecer, buscar sempre mais coisas materiais é uma tentativa de evitar estar a sós consigo mesmos, com a própria pobreza, as próprias misérias, os próprios limites.

Deste modo acabamos "por procurar a vida entre as realidades mortas, entre aquelas realidades que não podem dar a vida, entre as realidades efémeras, que hoje existem e amanhã passam...

Nestas circunstâncias, a Palavra de Deus o que nos diz: "Porque buscais entre os mortos, aquele que está vivo?" Porque andas à procura dele aí? Essas realidades não te podem dar a vida! Sim, talvez te possam dar uma alegria de um minuto, uma semana, um mês... e depois? "Porque procurais entre os mortos, aquele que está vivo?" Esta frase deve entrar no nosso coração e devemos repeti-la" (Papa Francisco, Audiência, 23 de Abril 2014).

Na Escola da Sabedoria.

Do Evangelho de Mateus 6, 25-34.

«Por isso vos digo: Não vos inquieteis quanto à vossa vida, com o que haveis de comer ou beber, nem quanto ao vosso corpo, com o que haveis de vestir. Porventura não é a vida mais do que o alimento, e o corpo mais do que o vestido? Olhai as aves do céu: não semeiam nem ceifam nem recolhem em celeiros; e o vosso Pai celeste alimenta-as. Não valeis vós mais do que elas? Qual de vós, por mais que se preocupe, pode acrescentar um só côvado à duração de sua vida? Porque vos preocupais com o vestuário? Olhai como crescem os lírios do campo: não trabalham nem fiam! Pois Eu vos digo: Nem Salomão, em toda a sua magnificência, se vestiu como qualquer deles. Ora, se Deus veste assim a erva do campo, que hoje existe e amanhã será lançada ao fogo, como não fará muito mais por vós, homens de pouca fé? Não vos preocupeis, dizendo: 'Que comeremos, que beberemos, ou que vestiremos?' Os pagãos, esses sim, afadigam-se com tais coisas; porém, o vosso Pai celeste bem sabe que tendes necessidade de tudo isso. Procurai primeiro o Reino de Deus e a sua justiça, e tudo o mais se vos dará por acréscimo. Não vos preocupeis, portanto, com o dia de amanhã, pois o dia de amanhã já terá as suas preocupações. Basta a cada dia o seu problema.»

"Não vos preocupeis" é o convite repetido várias vezes no texto de S. Mateus. A azáfama, de que fala o Evangelho, refere-se às preocupações que todos nós experimentamos na vivência dos pequenos ou grandes problemas de todos os dias. Deixamos emergir, por detrás da agitação que não nos deixa tranquilos o sentido penoso da inutilidade da nossa vida.

"Alimentação", "bebida", "agasalhos" referem-se às necessidades materiais, mas também aqueles mais profundas da amizade, de uma vida com sucesso, da estima de si. Alimentam a vida, mas não são a vida e nem sequer a garantem. Quando se tornam uma finalidade é deixam de ser um meio, surge a preocupação.

A ânsia com a vida é sinal de uma fé débil. Preocupa-se em cuidar de si mesmo, quem vive como pagão, ou seja quem não acredita que a sua própria vida está sob o olhar atento de um Pai Providente. Num momento cheio de incerteza quanto ao seu futuro, Montfort escreve ao seu tio sacerdote: "independentemente do que venha a acontecer, eu não me preocupo: tenho no Céu um Pai que nunca me abandona. Ele que me conduziu até aqui, me conservou até ao dia de hoje, continuará a fazê-lo com a sua habitual misericórdia. Ainda que eu não mereça mais do que o castigo pelos meus pecados, não cesso de rogar a Deus e de me abandonar á sua Providência" (carta 2).

Na verdade nós temos um Deus que é Pai e nos conhece, Providente que nunca falha. Alimentando esta consciência de que vimos de Deus e que a Ele voltaremos, esvaziamos do coração a ânsia da vida e mantenhamo-lo aberto para um amor maior e para uma maior disponibilidade para com os irmãos.

Na Escola de Montfort

Da Carta Aos Associados da Companhia de Maria, 4.

Compete a Deus defender-te. Não temas portanto os inimigos. Pertence ao Seu cuidado vestir-te, alimentar-te e conservar-te. Não temais então se vos faltar o necessário, nestes tempos controversos, que o são unicamente pela falta de confiança em Deus. Deus encarrega se de te glorificar. Não temas pelo que te rouba a glória. Numa palavra, não temas e adormece em paz em seu coração paterno.

Da Carta, a sua irmã Guyonne-Jeanne (C7)

Deus quer que tu, querida irmã, vivas o dia a dia, como um passarinho sobre o seu galho, sem te preocupares com o amanhã. Dorme em paz sobre o seio da Divina Providência e da Santíssima Virgem, não procurando outra coisa que amar e dar glória a Deus, pois é uma verdade infalível, um pois é uma certeza eterna e divina, tão verdadeiro como haver um só Deus (quem me dera que eu pudesse escrevê-la no teu espírito e no teu coração com caracteres indeléveis): “Buscai primeiro o Reino de Deus e a Sua justiça, e o resto vos será dado por acréscimo”. Se meteres em prática a primeira parte desta proposição, Deus infinitamente fiel cumprirá a segunda, quer dizer, se fielmente servires a Deus e à Sua Santíssima Mãe, não te faltará neste mundo e no futuro.

Do Segredo Admirável do Santo Rosário, 40.

“O pão nosso de cada dia nos dai hoje”. Jesus Cristo ensina-nos a pedir a Deus o necessário para a vida do corpo e da alma. Com estas palavras professamos humildemente a nossa miséria e prestamos homenagem á Providência, declarando que esperamos da sua bondade todos os bens temporais. Com a palavra pão, pedimos a Deus o indispensável para a vida, excluindo o que é supérfluo. Este pão, nós pedimo-lo para hoje, ou seja, restringimos ao presente dia, cada uma das nossas solicitações, entregando-nos nos braços da divina Providência para o dia seguinte.

Pedindo o pão de cada dia, admitimos que as nossas necessidades surgem continuamente e proclamamos a nossa constante necessidade de proteção e auxílio divino.

Para meditar:

- Vivo demasiado preso á vida, ou sei-me desprender de mim?
- Vivo angustiado com coisas pequenas?
- Sei-me abandonar-me nas mãos de Deus, colocando nas Suas mãos a minha vida?
- O que significa para mim, pedir o pão de cada dia, viver confiando na providência divina?

Invoca a Virgem Maria: Salvé Estrela do Mar.

IV – A Ambição pelas Riquezas

Prepara o teu coração

Invoca a Luz do Espírito Santo: Vinde Espírito Santo

O medo da morte e o instinto de sobrevivência, tocam os três pilares da existência. O primeiro é a riqueza. Consiste em colocar a esperança na riqueza, esperando que o dinheiro salve, se não da morte física, pelo menos da insatisfação, da vulnerabilidade da saúde, da rejeição por parte dos outros ou da solidão.

Muitas pessoas na vida, deixam-se guiar pelo desejo compulsivo de ter, mas na realidade estão apenas a fugir do medo de não se sentirem capazes de responder às situações, de não se considerarem belos, fortes, brilhantes, sedutores, resumindo, seguros de si. Por isso se ocupam em conquistar, ganhar e acumular cada vez mais.

No entanto, o atacamento aos bens terrenos, a ânsia das riquezas e do que se pode possuir é algo que apenas ilude a existência. Todas as coisas que o homem procura e nas quais confia oferecem sempre menos do que aquilo que prometem: no fundo são banalidades inconsistentes como o fumo. A avidez do dinheiro revela ser a raiz de todos os males, porque corrompe o pensamento e abala também a vida de fé. Dai provêm as invejas, as discussões, a maledicência, os prejuízos, os conflitos" (papa Francisco, Homilia da manhã, 20 de Setembro de 2013). O bem-estar aprisiona o nosso coração que se cansa, se torna preguiçoso, tornando-se um coração que não ama (cfr. papa Francisco, homilia da manhã, 20 de Junho de 2013).

Na Escola da Sabedoria

Do Evangelho de S. Lucas 12, 13-21

Alguém entre a multidão, disse a Jesus: «Mestre, diz a meu irmão que reparta a herança comigo.» Ele respondeu-lhe: «Homem, quem me nomeou juiz ou encarregado das vossas partilhas?» E prosseguiu: «Olhai, guardai-vos de toda a ganância, porque, mesmo que um homem viva na abundância, a sua vida não depende dos seus bens.»

Disse-lhes, então, esta parábola: «Havia um homem rico, a quem as terras deram uma grande colheita. E pôs-se a discorrer, dizendo consigo: ‘Que hei-de fazer, uma vez que não tenho onde guardar a minha colheita?’ Depois continuou: ‘Já sei o que vou fazer: deito abaixo os meus celeiros, construo uns maiores e guardarei lá o meu trigo e todos os meus bens. Depois, direi a mim mesmo: Tens muitos bens em depósito para muitos anos; descansa, come, bebe e regala-te.’ Deus, porém, disse-lhe: ‘Insensato! Nesta mesma noite, vai ser reclamada a tua vida; e o que acumulaste para quem será?’ Assim acontecerá ao que amontoa para si, e não é rico em relação a Deus.»

O Senhor aproveitando a ocasião em que um anónimo da multidão lhe faz o pedido para que intervenha junto do seu irmão afim de regular assuntos de heranças, dá a conhecer a relação das riquezas com o espírito do mundo. Não estão em questão os bens materiais ou bem que eles trazem, mas sim a ilusão de colocar neles a segurança e fazer deles o centro da vida, idolatrando-os. Jesus adverte-nos para o perigo ambição á qual se junta a arrogância.

Esta constante busca de ter sempre mais e que faz adoecer o ser humano, levando o a idolatria do dinheiro que acaba por destruir a relação com os outros.

O Papa Francisco comentou: "quantas famílias destruídas por causa problemas ligados ao dinheiro: irmão contra irmão; pais contra filhos! Quando alguém está demasiado atacado ao dinheiro destrói-se a si mesma e destrói a família (homilia da manhã, 21 de Outubro de 2013). Existe uma lógica do mundo, segundo a qual, acumular para amanhã, procurando assim o mais possível a segurança, equivale a ser sábio. No entanto, para o Espírito do Evangelho isso corresponde a uma estupidez, porque significa confiar a vida aos bens efémeros.

Orgulhar-se do muito que se possui, esquecendo que se é "terra" frágil e mortal, é uma forma de estupidez humana. A Sabedoria consiste em reconhecer a própria condição de criatura.

Estupidez é fazer as contas sem ter presente o futuro em Deus e acumular para si mesmo. A sabedoria consiste em enriquecer diante de Deus, abraçando "o caminho da pobreza como instrumento, para que Deus seja Deus, para que Ele seja o único Senhor, não o ídolo de ouro (Francisco, homilia da manhã, 21 de Outubro 2013). "Diante de Deus" quer dizer: orientados para Deus! Consiste em usar os bens segundo a lógica divina. De facto "todos os bens que possuímos, nos foram confiados por Deus para o progresso do mundo, para o bem da humanidade, para ajudar os outros" (homilia da manhã, 21 de Outubro de 2013).

Na escola de Montfort

Do Amor da Sabedoria Eterna, 80.197

A sabedoria do mundo, de que fala S. Tiago, consiste em amar os bens da terra. Os sábios segundo o mundo, professam no seu íntimo essa sabedoria quando deixam que o coração se apegue aos seus próprios bens, quando tudo fazem para se tornar ricos; ou quando promovem processos ou fazem jogos políticos e fraudulentos, para conseguir ou conservar as riquezas. Quando, na maior parte das vezes, pensam, falam e agem, é somente em vista de conquistar ou conservar os bens temporais.

É preciso na verdade, abandonar os bens do mundo, como fizeram os apóstolos, os discípulos, os primeiros cristãos e os religiosos; este é o meio mais rápido, o melhor e o mais seguro para se alcançar a Sabedoria. Pelo menos é preciso desapegar o coração dos bens do mundo e possuí-los como se não se possuíssem, sem cansar-se por alcançá-los sem inquietar-se por conservá-los, sem impacientar-se ou lamentar-se por perdê-los, mas isto é bem difícil de pôr em prática.

Para aprofundar

- Existe em mim a sabedoria do mundo, do estúpido que se compraz pelos seus muitos bens materiais? Acumulo tesouros para mim, ou aos olhos de Deus?
- Devo abandonar o desejo desenfreado de ter, do dinheiro idolatrado e mal usado?
- Busco apenas o essencial, desapegando-me de tantas coisas supérfluas e inúteis que me sufocam?

Invoca a Virgem Maria: Salvé Estrela do Mar.

V- A Vontade de dominar

Prepara o teu Coração

Invoca a Luz do Espírito Santo: Vinde Espírito Santo

O outro ponto importante da vida é o poder! Em si mesmo o poder não é mau, e como é apresentado no livro dos Gênesis ele está ao serviço da vida (cfr Gn 1, 26). Trata-se do poder de tomar conta das obras criadas e de tomar conta uns dos outros. Quando o ser humano não assume esta responsabilidade, então entra a destruição e o coração humano torna-se árido e indiferente (Papa Francisco, homilia 19 de março de 2103).

Estamos sempre constringidos entre domínio e serviço, egoísmo e altruísmo, possessão e oferta, interesse e gratuidade. E nós "enquanto pessoas medrosas, ansiosas, inseguras e feridas, somos constantemente tentados a agarrar-nos áquele pouco de poder que o mundo que nos envolve, nos oferece á direita ou à esquerda, aqui ou acolá agora ou depois" (Henri Newman).

O espírito do mundo tenta-nos para que exercitemos a nossa vontade de domínio de muitas maneiras: idolatrando os cuidados com o corpo, cultivando o mito da eterna juventude e da beleza com a conseqüente falta de estima por tudo o que envelhece; também a tentação a que nos imponhamos sobre os outros ostentando a nossa supremacia e as nossas habilidades e deixando que sejam as nossas ideias e sentimentos a prevalecer.

Em Jesus contemplamos o verdadeiro poder, que não responde á lógica do domínio e da força, mas que com a Sua liberdade é um sinal que irradia: escolhe dar a vida porque se ama (Jo 10, 17 -18).

Na Escola da Sabedoria

Do Evangelho de S. Marcos 10, 135-45

Tiago e João, filhos de Zebedeu, aproximaram-se dele e disseram: «Mestre, queremos que nos faças o que te pedimos.» Disse-lhes: «Que quereis que vos faça?» Eles disseram: «Concede-nos que, na tua glória, nos sentemos um à tua direita e outro à tua esquerda.» Jesus respondeu: «Não sabeis o que pedis. Podeis beber o cálice que Eu bebo e receber o baptismo com que Eu sou baptizado?» Eles disseram: «Podemos, sim.» Jesus disse-lhes: «Bebereis o cálice que Eu bebo e sereis baptizados com o baptismo com que Eu sou baptizado; mas o sentar-se à minha direita ou à minha esquerda não pertence a mim concedê-lo: é daqueles para quem está reservado.» Os outros dez, tendo ouvido isto, começaram a indignar-se contra Tiago e João. Jesus chamou-os e disse-lhes: «Sabeis como aqueles que são considerados governantes das nações fazem sentir a sua autoridade sobre elas, e como os grandes exercem o seu poder. Não deve ser assim entre vós. Quem quiser ser grande entre vós, faça-se vosso servo e quem quiser ser o primeiro entre vós, faça-se o servo de todos. Pois também o Filho do Homem não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em resgate por todos».

Os desejos do homem mundano são também aqueles vividos pelos discípulos: "concede que na tua glória nos sentemos um a tua direita e outro a tua esquerda" .

O que é a glória? Para o espírito mundano, é o ser reconhecido, exaltado pelo nome que se tem; é o êxito, o prestígio, o triunfo diante dos homens. Segundo o Espírito de Jesus, a glória

é o peso do amor, que O fez descer do Alto para vir até nós. A Sua glória é a ternura de um esposo e a doçura de um amigo porque nele é o amor quem dita as leis e revela o poder.

"Mestre, queremos que nos faças o que te vamos pedir"; estas palavras desconcertam, escandalizam! Deixam intuir que a lógica do poder segundo o espírito do mundo, chega a tocar as coisas de Deus tornando-se vontade de dominar mesmo na relação com Ele.

E não nos admira nem sequer tanto a reação de indignação assumida pelos outros dez contra Tiago e João! No fundo eles revelam que querem a mesma coisa!

Montfort chama a glória do mundo uma nuvem de fumo (Oração Abrasada, 27).

O que é a glória? Nada! Olhando bem, percebemos que não somos mais do que os outros. Um rei, uma rainha, um príncipe, um presidente é como os outros, é um homem-de-palha ou mulher como outros ou outras. Não há diferença! Somos nós que damos a uma pessoa mais importância e glória que às outras, mas a glória em si é nada. É fumo. Na realidade é vanglória: é o vazio de uma imagem sem peso nem consistência, á qual sacrificamos a nossa humanidade e por vezes o melhor de nós mesmos.

Para aprofundar

- Reconheço em mim o desejo de dominar os outros?
- Acontece-me de querer pôr Deus ao serviço dos meus caprichos e da minha vontade?

Invoca a Virgem Maria: Salvé Estrela do Mar.

VI – O Desejo de Perpetuar a Vida

Prepara o teu coração

Invoca a Luz do Espírito Santo: Vinde Espírito Santo

O desejo de perpetuar a vida e também o desejo que sentimos de a guardar para nós depende do ambiente mundano, pelo qual somos contaminados, pois que nele vivemos e dele sofremos influência. Esta soberba manifesta-se quando não consideramos a nossa finitude, a nossa condição de seres limitados, mas pelo contrário vivemos centrados em nós mesmos e nos julgamos autosuficientes. Sentir-se realizado, segundo o espírito do mundo, quer dizer não ter necessidade de ninguém, bastar-se a si mesmo considerar-se a si como o único critério da realidade, iludindo-se assim na pretensão de ser como Deus e de satisfazer a ânsia de imortalidade! Enquanto pretensão de poder avançar na vida de modo individualista, o atacamento à vontade de sermos donos da própria vida é o contrário da dependência!

Na verdade a experiência diz-nos que temos necessidade do outro para atingirmos a plenitude do nosso ser. O que dá qualidade à vida é a ligação que temos com os outros: para viver, é necessária a relação com os outros. Tu existes, porque és filho, irmão, amigo, marido. Para viver, ocorre reconhecer que estamos ligados aos outros, desde sempre já estamos ligados aos outros e sobretudo, à nossa origem que é o próprio Deus!

“Por isso devemos ter a coragem de ousar viver da fé, não nos deixando conduzir pela mentalidade que nos diz: Deus não serve para nada, não é importante para a tua vida” (Papa Francisco, audiência, 10 de Abril 201). É a coragem da humildade, numa atitude de dependência que nos torna fecundos, enquanto que a soberba torna estéreis o nosso coração e a nossa vida.

Na Escola da Sabedoria

Do Livro dos Génesis 3, 1-10

A serpente era o mais astuto de todos os animais selvagens que o SENHOR Deus fizera; e disse à mulher: «É verdade ter-vos Deus proibido comer o fruto de alguma árvore do jardim?» A mulher respondeu-lhe: «Podemos comer o fruto das árvores do jardim; mas, quanto ao fruto da árvore que está no meio do jardim, Deus disse: ‘Nunca o deveis comer, nem sequer tocar nele, pois, se o fizerdes, morrereis.’ A serpente retorquiu à mulher: ‘Não, não morrereis; porque Deus sabe que, no dia em que o comerdes, abrir-se-ão os vossos olhos e sereis como Deus, ficareis a conhecer o bem e o mal’.» Vendo a mulher que o fruto da árvore devia ser bom para comer, pois era de atraente aspecto e precioso para esclarecer a inteligência, agarrou do fruto, comeu, deu dele também a seu marido, que estava junto dela, e ele também comeu. Então, abriram-se os olhos aos dois e, reconhecendo que estavam nus, coseram folhas de figueira umas às outras e colocaram-nas, como se fossem cinturas, à volta dos rins. Ouviram, então, a voz do SENHOR Deus, que percorria o jardim pela brisa da tarde, e o homem e a sua mulher logo se esconderam do SENHOR Deus, por entre o arvoredado do jardim. Mas o SENHOR Deus chamou o homem e disse-lhe: «Onde estás?» Ele respondeu: «Ouí a tua voz no jardim e, cheio de medo, escondi-me porque estou nu».

A experiência dos primeiros pais, revela o coração humano. Nele se desenvolve a suspeita de que o amor de Deus crie uma dependência da qual é preciso libertar-se para sermos plenamente nós mesmos. O coração humano não confia em Deus. Teme que Ele lhe limite a liberdade. Quando o amor parece não merecer confiança, então pensamos que é melhor contar unicamente com o poder do próprio conhecimento e tomar em mãos a vida autónomamente e escondemo-nos dos olhos de Deus, fugindo para longe d’Ele. Na verdade fugimos de nós mesmos e da própria vida. E escondemo-nos aos olhos de Deus, fugindo para longe d’Ele, sendo que na verdade fugimos da verdade de nós mesmos.

Mas exactamente, da ânsia desenfreada por manter a vida, consequência da árvore do bem e do mal, salva-nos a árvore da Cruz. Jesus que desce da Sua glória e se humilha até á morte morte de Cruz, é o novo Adão que inverte a lógica do antigo Adão! Escolhe viver tendo no Seu horizonte o primado de Deus e para Ele a vida não é auto-afirmação mas resposta de amor ao Pai. Para Jesus também, o mistério da liberdade é segredo de uma maravilhosa – e para nós incompreensível – dependência de Amor!

Para entrar neste mistério não existe outra via que a de aprender a depender do Amor. Trata se de um dom que faz viver e nos torna livres para amar o mundo, todas as coisas e as pessoas sem que lhes devamos vender a nossa alma e sem que nos devamos prostrar diante delas. Precisamos no entanto de um coração humilde, dos pobres de espírito, para reconhecermos que não podemos construir a nossa vida sozinhos, mas que temos necessidade de Deus, temos necessidade de O encontrar, de O escutar e de Lhe falar.

Na Escola de Montfort

Do Tratado da Verdadeira Devoção, 18

Deus Filho desceu ao seio da Virgem, qual novo Adão ao paraíso terrestre, para aí encontrar as Suas delícias e aí, em segredo, operar maravilhas de graça.

Este Deus feito homem encontrou a sua liberdade em ver-se aprisionado no seio dela, manifestou a Sua força deixando-se transportar por esta jovem; encontrou a Sua glória e a do Pai no escondimento de todos os Seus esplendores, a todas as criaturas da terra para os revelar só a Maria; exaltou a Sua independência e majestade ao depender desta amável Virgem, na Sua concepção, no nascimento, na apresentação no templo, na vida escondida durante trinta anos, e até na Sua morte, na qual esta devia estar presente, para poder oferecer com Ele o mesmo sacrifício e para ser imolado ao Pai Eterno com o seu consento, como no passado, Isaac tinha sido imolado á vontade de Deus, com o consentimento de Abraão. Além disso, foi ela que o aleitou, nutriu, fez crescer, educou e sacrificou para nós. Ó maravilhosa e incompreensível dependência por parte de Deus na Sua relação connosco.

Para aprofundar:

- Experimento a minha verdadeira liberdade, na dependência amorosa de Deus e dos outros?
- Deixo que seja Deus a “escrever” a minha vida, ou quero ser eu a escrevê-la por mim mesmo?
- Leitura de Lc 13,10-13. Sou uma pessoa centrada em mim mesma, que se refere só a si mesma, colocando-se no centro?

Invoca a Virgem Maria: Salvé Estrela do Mar.

VII A Mania das Grandezas

Prepara o teu Coração

Invoca a Luz do Espírito Santo: Vem Espírito Santo

Cada um de nós deseja ter alguma supremacia sobre os outros. Procuramos a estima sempre fora de nós mesmos, pensando que existir consiste em sair da massa, que o ser depende da capacidade de fazer. Na verdade, a busca da grandeza, apenas nos dá a ilusão de existir.

Buscamos a honras para calar a nossa sensação de inferioridade. Outras vezes, procuramos títulos porque não aceitamos ser comuns mortais, “fruto do sémen de um homem e do prazer conjugal” (Sb 7,2) em circunstâncias iguais ás de todos os outros. E muitas vezes a vontade de nos tornarmos superiores escorrega no comportamento destrutivo que é a ambição.

Pelo contrário, para sermos grandes, é preciso antes de mais saber ser pequenos. A humildade está na base da verdadeira grandeza. A humildade não consiste em dizer: “eu não sirvo para nada”, porque nesta atitude, muitas vezes esconde-se a própria soberba. Consiste pelo contrário em confessar a verdade sobre nós mesmos: “Sou pecador, sou pecadora” .

Consiste em reconhecer antes de mais, que estamos “na margem” da vida devido aos nossos pecados e aos nossos erros e que temos necessidade de ser curados espiritualmente (cfr. papa Francisco, homilia da manhã, 24 de Março de 2014). A humildade “é a estrada por onde seguramente passa a caridade (Papa Francisco, homilia da manhã, 8 de Abril de) 2013.

Na Escola da Sabedoria

Do Evangelho Segundo S. Mateus, 18,1-4

Naquele momento, os discípulos aproximaram-se de Jesus e perguntaram-lhe: «Quem é o maior no Reino do Céu?»

Ele chamou um menino, colocou-o no meio deles e disse: «Em verdade vos digo: Se não voltardes a ser como as criancinhas, não podereis entrar no Reino do Céu. Quem, pois, se fizer humilde como este menino será o maior no Reino do Céu.

São os discípulos, não as multidões, que estão á volta de Jesus. Ele dirige-se a eles, enquanto se faz seu companheiro de caminho e os vai formando sobre o pensamento de Deus. De um momento para o outro, eis a provocação da parte do grupo: “Quem é o maior no Reino dos Céus?” Isto revela a dificuldade em pensar á maneira de Deus e não segundo a lógica humana. O Evangelista Mateus, não nos diz o que os levou a colocar esta pergunta! Certamente Jesus conhece bem o coração humano e a inata tendência de cada um, a colocar-se a si mesmo no centro com as ambições pessoais, filhas da insatisfação e da exigência insaciável de preencher o vazio que se experimenta.

Jesus enquanto hábil Mestre que é, responde cumprindo um gesto simbólico, coloca no meio dos discípulos uma criança. A criança aparece, antes de mais, como aquela que não tem nada atrás de si no seu passado e que tem diante de si toda uma vida, o futuro. Uma criança, não tem segurança, é uma dependência absoluta. Não pode nada por si mesma, mas é o que os outros fazem por ela. Enquanto que o adulto acredita na possibilidade de emergir por si só, fazendo-se notar, a criança reconhece a sua possibilidade de existir apenas quando é acolhida.

Nós, que somos pequenos, imersos no espírito do mundo, aspiramos à grandeza, aspiramos a parecer grandes, a ser os primeiros, a colocarmo-nos acima dos outros. O Papa Francisco nota: “mas é muito feio ver um cristão que não se quer baixar e que não quer servir. Um cristão que se pavoneia por todo o lado com altivez é desagradável: esse não é cristão, esse é pagão (audiência, 18 de Dezembro de 2003)” .

Deus, pelo contrário que é realmente grande, revela-se não como alguém que domina o universo, mas como aquele que não teme de se abaixar até ao último lugar e fazer se o último de todos!

Esvaziar-se do espírito do mundo, da mundaneidade é inverter o critério da grandeza: não é aparecer como primeiro, mas acolher; é converter-se á simplicidade do Evangelho; é voltar á condição pensada por Deus para cada um de nós, rezando:

« Senhor o meu coração não é orgulhoso,
nem os meus olhos são altivos;
não corro atrás de grandezas
ou de coisas superiores a mim.
Pelo contrário, estou sossegado e tranquilo,
como criança saciada ao colo da mãe;
a minha alma é como uma criança saciada! » (Sl 131, 1-2).

Na Escola de Montfort

Do Amor da Sabedoria Eterna, 82

A sabedoria diabólica é o amor e estima das honras. São os sábios deste mundo que professam esta sabedoria e que, ainda que secretamente anseiam por grandezas, honras, dignidades e cargos importantes. Procuram fazer-se ver, estimar, louvar e aplaudir pelos homens. No estudo, no trabalho, nos combates, nas palavras e nas obras, buscam apenas a estima e o louvor dos homens, para se fazerem passar por cristãos praticantes, gente instruída, grandes capitães, exímios sábios, cultos magistrados, bons beneméritos, distintos e merecedores de consideração. Não suportam ser desprezados e maltratados. Escondem os lados mais sombrios deles próprios e põem em evidência o que têm de belo.

Do Tratado da Verdadeira Devoção, 157

O Altíssimo desceu até nós de maneira perfeita e divina através da humilde Maria, sem nada perder da Sua divindade e santidade; de igual forma é também através de Maria que os humildes devem subir de maneira perfeita e divina em direcção ao Altíssimo, sem nada temerem.

O incompreensível deixou-se compreender e conter de maneira perfeita pela humilde Maria, sem nada perder da Sua imensidade. Do mesmo modo também devemos nós, nos devemos submeter e guiar perfeitamente, sem qualquer reserva pela humilde Maria.

O inacesível aproximou-se, uniu-se estreitamente, perfeitamente e até em pessoa à nossa humanidade, através de Maria, e isto sem nada perder da Sua divina Majestade. É também através de Maria que nós devemos aproximar-nos de Deus e unir-nos perfeitamente à sua Majestade, sem medo de sermos repelidos.

Finalmente, Aquele que É dignou-se vir até àquele que não é, para que este que o não é se transforme também em Deus naquele que É. Isto Deus o realizou de maneira perfeita, dando-se e submetendo-se inteiramente à humilde Virgem Maria, sem cessar de ser no tempo Aquele que É desde toda a eternidade. Assim, embora conscientes do nosso nada, nós podemos tornar-nos semelhantes a Deus pela graça e pela glória, através de Maria, consagrando-nos a Ela de forma tão perfeita e total, a ponto de já não sermos nada em nós mesmos mas tudo nela, e sem receio de nos enganarmos.

Para aprofundar:

- Qual a lógica que em mim predomina: a da ambição ou a da humildade do coração?
- Quais os critérios pelos quais olho os outros?
- O que significa para mim, tornar-me como criança?

Invoca a Virgem Maria: Salvé Estrela do Mar

VIII – A Lógica do Conflito

Prepara o coração

Invoca a luz do Espírito Santo: Vinde Espírito Santo

Acordar do sono e abrir-se ao risco do reconhecimento do outro na nossa vida! É um desafio porque o outro é sempre um hóspede desconhecido e como tal suscita inquietação, muitas vezes, abala o nosso frágil equilíbrio e os compromissos nos quais escondemos o nosso egoísmo. A presença do outro constringe-nos ao confronto, para verificarmos se na profundidade do nosso coração ainda existe lugar para o homem.

A alteridade mete nos medo enquanto altera, isto é, nos torna outros a nós mesmos antes de mais, isto é a nossa forma de nos colocarmos face á vida e á relação com outros! Hoje mais do que nunca experimentamos isso, quando somos tentados a ver inimigos em todo o lado dos quais seja preciso defendermo-nos bem como aos nossos bens e diante do estrangeiro fechamo-nos na suspeita, até deslizar na indiferença.

Mesmo as dinâmicas que regulam as relações familiares, o ambiente de trabalho, e muitas vezes nas comunidades cristãs, seguem a lógica do confronto. A maior parte das vezes, isso não se exprime em gestos eclatantes, mas nos julgamentos, no murmúrio, na calúnia, na maledicência que desencadeiam a “guerra quotidiana do falatório”, disse o papa Francisco (homilia da manhã, 13 de Setembro de 2013).

Esvaziar se da lógica do mundo do confronto, significa empenhar se a construir uma cultura do encontro sob a característica da humildade, da mansidão e da magnanimidade.

Na Escola da Sabedoria

Do Evangelho Segundo S. Lucas 7, 36-50

Um fariseu convidou-o para comer consigo. Entrou em casa do fariseu, e pôs-se à mesa. Ora certa mulher, conhecida naquela cidade como pecadora, ao saber que Ele estava à mesa em casa do fariseu, trouxe um frasco de alabastro com perfume. Colocando-se por detrás dele e chorando, começou a banhar-lhe os pés com lágrimas; enxugava-os com os cabelos e beijava-os, unguindo-os com perfume. Vendo isto, o fariseu que o convidara disse para consigo: «Se este homem fosse profeta, saberia quem é e de que espécie é a mulher que lhe está a tocar, porque é uma pecadora!» Então, Jesus disse-lhe: «Simão, tenho uma coisa para te dizer.» «Fala, Mestre» - respondeu ele. «Um prestamista tinha dois devedores: um devia-lhe quinhentos denários e o outro cinquenta. Não tendo eles com que pagar, perdoou aos dois. Qual deles o amará mais?» Simão respondeu: «Aquele a quem perdoou mais, creio eu.» Jesus disse-lhe: «Julgaste bem.» E, voltando-se para a mulher, disse a Simão: «Vês esta mulher? Entrei em tua casa e não me deste água para os pés; ela, porém, banhou-me os pés com as suas lágrimas e enxugou-os com os seus cabelos. Não me deste um ósculo; mas ela, desde que entrou, não deixou de beijar-me os pés. Não me ungieste a cabeça com óleo, e ela ungiu-me os pés com perfume. Por isso, digo-te que lhe são perdoados os seus muitos pecados, porque muito amou; mas àquele a quem pouco se perdoa pouco ama.» Depois, disse à mulher: «Os teus pecados estão perdoados.» Começaram, então, os convivas a dizer entre si: «Quem é este que até perdoa os pecados?» E Jesus disse à mulher: «A tua fé te salvou. Vai em paz.»

Fixemos o nosso olhar no coração de Simeão, o fariseu! Talvez tenha ficado embaraçado pela situação que se criou diante dos presentes. Certamente está tão fixado sobre si mesmo que não consegue compreender no vulto daquela mulher o desejo de ser acolhida.

Simão fixa-se no que aparece exteriormente: a mulher tocou o corpo do seu hóspede e este por sua vez deixou-se tocar. A mulher é uma pecadora e por isso impura, por isso agora todos ficaram impuros por causa dela. Não ultrapassa esta ideia. Não se deixa questionar pelas lágrimas, pelos beijos, pelo perfume derramado; não consegue compreender o que aflige o seu coração: sofrimento, falhanço, desilusão, busca de vida nova, desejo

de verdadeiro amor e ternura. Diz o papa Francisco: “talvez este homem tivesse esquecido como se acaricia uma criança, como se consola uma avó. Nas suas teorias e pensamentos ... tinha esquecido os primeiros gestos da vida que todos nós começamos a receber por parte dos nossos pais logo depois do nosso nascimento” (homilia da manhã do dia 18 de Setembro de 2014). No olhar de Simeão está o desprezo, o preconceito e a mulher é para ele apenas uma presença que deve ser afastada da sua vida porque a considera como uma presença hostil. A hostilidade é o comportamento que nos leva a considerar os outros, talvez os desconhecidos, como inimigos que é preciso combater. Temos medo da sua presença porque podem apresentar pretensões ou apresentar razões válidas que nos demovam. Não nos avizinhamos deles como pessoas que têm uma dignidade própria, que precede tudo quanto possam pensar ou fazer, pelo contrário cedemos á tentação de as rotular.

O papa Francisco, denunciando a cultura do conflito e da fragmentação em que vivemos, convida-nos: “nós devemos ir ao encontro e devemos criar com a nossa fé uma cultura de encontro, uma cultura de amizade, uma cultura onde encontramos irmãos, onde possamos falar mesmo com aqueles que não pensam do mesmo modo que nós, mesmo com aqueles que não têm a mesma fé. Todos têm algo em comum conosco: são imagens de Deus, são Filhos de Deus” (Vigília do Pentecoste, 18 de Maio 2013).

Na Escola de Montfort

Do Amor da Sabedoria Eterna, 41

A Sabedoria Eterna comove-se vivamente diante da desgraça do pobre Adão e da sua descendência: observa com desgosto o vaso – que era a sua glória – despedaçar-se; vê o seu retrato desfigurar-se, a sua obra-prima destruir-se, e o seu vigário protrado por terra.

Escuta com ternura a sua voz angustiante e os seus gritos. Observa com compaixão os suores da sua frente, as lágrimas de seus olhos, o cansaço dos seus braços, a dor do seu coração e a aflição da sua alma.

Do Segredo Admirável do Santo Rosário, 39

Pai Nosso. O mais terno dos pais, onnipotente na criação, estupendo na sua conservação, sumamente admirável na sua providência, sempre bom, melhor, infinitamente bom na Redenção! Deus é nosso pai, nós somos todos irmãos, o céu é a nossa pátria e a nossa herança. Não basta isto para nos inspirar a amar a Deus, a amar o próximo, a relativizarmos todas as coisas da terra?

Para aprofundar:

- Sou capaz de praticar a hospitalidade para com as pessoas e a sua necessidade relação, diálogo, reconhecimento, afecto?

- O que me impede de criar espaço para os outros dentro de mim?

- Vivo comportamentos de hostilidade para com os outros?

- Leio com calma o texto do evangelho e contemplo o coração de Jesus capaz de hospedar o outro.

Invoca a Virgem Maria: Salvé Estrela do Mar

IX - A Cultura do Descartável

Prepara o teu Coração

Invoca o Espírito Santo: Vinde, Espírito Santo

Existe um outro traço do espírito mundano com o qual devemos confrontar-nos é a cultura do descartável. Essa contágia todas as pessoas e não exclui ninguém da exclusão: as criaturas, os seres humanos e até Deus (cfr. papa Francisco, Mensagem, 12 de Janeiro de 2015).

Encontramos esta lógica do descartável um pouco por todo o lado: quando na onda do consumismo, nos habituamos ao supérfluo e ao desperdício quotidiano dos bens que temos á disposição; quando as relações humanas são reguladas pelo critério da eficiência e deixa de existir “espaço para o ancião, para o filho não desejado, não há tempo para pararmos e estabelecermos diálogo com o pobre á beira da estrada” (papa Francisco, homilia de 27 de Julho de 2013); quando separamos o amor da sua origem mais verdadeira que é Deus e marginalizamos os sujeitos mais frágeis, considerados inúteis ou até um peso; quando deixamos de olhar para o próximo como um irmão a quem acolher, e o deixamos fora do nosso horizonte de vida pessoal.

De onde surge esta lógica da exclusão? Do facto que o homem não está no centro, mas foi colocado na periferia, por isso quando queremos perguntar por ele: já não se pergunta “quem é”, mas “quanto nos é útil e produz”. E tudo o que não é útil nem produz, sabemos-lo bem, é descartado.

Na Escola da Sabedoria

Do Evangelho Segundo S. Marcos 1, 40-45

Um leproso veio ter com Ele, caiu de joelhos e suplicou: «Se quiseres, podes purificar-me.» Compadecido, Jesus estendeu a mão, tocou-o e disse: «Quero, fica purificado.» Imediatamente a lepra deixou-o, e ficou purificado. E logo o despediu, dizendo-lhe em tom severo: «Livra-te de falar disto a alguém; vai, antes, mostrar-te ao sacerdote e oferece pela tua purificação o que foi estabelecido por Moisés, a fim de lhes servir de testemunho.» Ele, porém, assim que se retirou, começou a proclamar e a divulgar o sucedido, a ponto de Jesus não poder entrar abertamente numa cidade; ficava fora, em lugares despovoados. E de todas as partes iam ter com Ele.

Jesus também sofreu e experimentou contra si mesmo, toda a violência da cultura da exclusão. E Segundo Jesus, a pertença ao Reino dos Céus começa antes de mais pelos que são considerados descartáveis, como o leproso do Evangelho. Forçado pela lei hebraica a viver isolado do resto da sociedade (Lv 13,46), estava impossibilitado de tecer relações humanas autênticas. Era considerado descartado também por parte de Deus: uma vez que era considerado impuro, não podia entrar em comunhão com o Senhor. No entanto, este homem foi verdadeiramente corajoso. Tendo dentro de si um grande desejo de vida, desafia todas as proibições e vai ter com Jesus, lançando se a Seus pés. É belíssima a reação de Jesus. Estremece de compaixão e deixa-se tocar no seu íntimo. Comove-se interiormente.

A sua pessoa exprime um dinamismo progressivo que o leva ao encontro do outro, até o abraçar e a fazer um todo com ele. Jesus infringe todas as barreiras, abate todos os muros que dividem. Com o seu olhar que ama, com a sua mão toca a carne frágil, com a palavra que recria, com o abraço cheio de ternura, responde áquela cultura de exclusão com uma cultura de acolhimento e de solidariedade.

Somos convidados a deixar transparecer o mesmo rosto de Deus, para o qual uma carícia vale mais do que um preceito e uma lei. Por vezes a distância entre as pessoas mede-se pela distância de um abraço. Pequenos gestos, pelo contrário podem abrir-nos á descoberta sempre nova do outro como

dom. O nosso maior gesto de santidade - recorda-nos o papa Francisco - consiste em não nos envergonharmos da carne de Cristo e “ ir partilhar o pão com o faminto, a cuidar dos doentes, os idosos, aqueles que não nos podem dar nada em recompensa; nisto consiste o não envergonhar-se da carne de Cristo!” (homilia da manhã, 7 de Março de 2014). Jesus estenda a sua mão sobre cada um de nós, nos toque, nos renove no coração e na mente e vença a nossa lógica do descartável.

Na Escola de Montfort

Da Carta ao Padre Lechassier, Carta 10

Encontro me em poitiers (...) desde ha quinze dias que ensino o catecismo aos pobre mendigos da cidade, tendo a aprovação e a ajuda do Bispo. Vou visitar e a evangelizar os prisioneiros nas prisões e os doentes nos hospitais e partilho com eles as esmolas que me dão. O hospital de que estou encarregado é uma casa desorganizada onde não há paz, uma casa onde reina a pobreza espiritual e aquela material. Mas espero que Nosso senhor, por intercessão da santíssima Virgem minha mãe, a transforme numa casa santa, rica e pacífica.

Da Vida de Luis Maria Grignon de Montfort (Besnard) Missão em Dinan, 1701

Uma noite, percorrendo a rua, encontrou um pobre, leproso e coberto de chagas. Não esperou que o miserável lhe implorasse, falou-lhe ele pripeiro, levantou-o carregou-o aos ombros e avançou para a porta da casa dos missionários, que estava fechada, pois era já um pouco tarde. Bateu e gritou várias vezes: Abri a porta a Jesus Cristo, abri a porta a Jesus Cristo. Quem lhe abriu a porta ficou surpreendido, ao vê-lo transportar assim aquele pobre homem. Entro carregado com aquele precioso fardo, e deitou o pobre na sua própria cama, aconchegou-o para se aquecer o melhor que podia (pois era início de inverno), e ele mesmo passou a noite em oração.

Para aprofundar:

-No meu dia a dia, acontece me descartar coisas que podem ainda ser úteis?

- Acontece-me descartar pessoas? Em que modo e porque o faço? O que senti quando me vi descartado pelo outros?

-Como posso combater a cultura do descartável, abrindo-me á cultura do acolhimento e da inclusão?

- Leio com calma o texto do Evangelho e contemplo o coração de Jesus capaz de hospedar o outro.

Invoca a Virgem Maria: Salvé Estrela do Mar.

X - A busca do Efémero

Prepara o teu coração

Invoca a Luz do Espírito Santo: Vinde Espírito Santo

Viver á superfície ... ou descer á profundidade! São dois modos de estar na vida, de viver a própria identidade, de pensar a vida e de a viver.

A Sabedoria diz-nos que a estabilidade de uma casa depende dos seus alicerces. Sobre que valores constrói o espírito do mundo? Sobre a vaidade e sobre o que não tem consistência, transformando a existência numa bola de sabão, bela mas efémera (cfr. papa Francisco, homilia da manhã de 25 de Setembro de 2014). O Espírito do mundo esconde “as suas insídias por detrás da aparência da sofisticação, do fascínio de ser “modernos”, de ser “como todos os outros”. Distrai-nos com a miragem de prazeres efémeros e de passatempos superficiais. Deste modo desperdiçamos os dons recebidos de Deus, divertindo-nos com actividades e coisas fúteis; desperdiçamos o dinheiro em jogos de sorte e na bebida; fechando-nos sobre nós mesmos. Transcuramos o cuidado de permanecer centrados sobre as coisas que realmente são importantes. (papa Francisco, homilia, 18 de Janeiro de 2015).

Ora se corremos atrás dos valores efémeros, nós tornamo-nos vazios. Prisioneiros do efémero, fixamo-nos na nulidade e tornamo-nos nós próprios uma nulidade (papa Francisco, homilia da manhã, 29 de Setembro de 2013). Este é o destino do homem mundano: a sua confiança é como um fio, a sua segurança é como uma teia de aranha: ele apoia-se numa casa, que se desmorona, numa morada que não tem consistência (Jb 8,13-15).

Na escola da Sabedoria

Do Evangelho Segundo S. Lucas 6, 46-49

Porque me chamais ‘Senhor, Senhor’, e não fazeis o que Eu digo? Vou mostrar-vos a quem é semelhante todo aquele que vem ter comigo, escuta as minhas palavras e as põe em prática. É semelhante a um homem que edificou uma casa: cavou, aprofundou e assentou os alicerces sobre a rocha. Sobreveio uma inundação, a torrente arremessou-se com violência contra aquela casa mas não a abalou, por ter sido bem edificada. Mas aquele que ouve as minhas palavras e não as pratica é semelhante a um homem que edificou uma casa sobre a terra, sem alicerces. A torrente arremessou-se contra ela, e a casa imediatamente se desmoronou. E foi grande a sua ruína!» Jesus não faz distinção entre quem constrói a casa e não a constrói. Ele tem em atenção sobre o como e sobre o onde a casa é construída porque isto é revelador o ser sábio ou o ser tonto.

A casa é a vida. O homem insensato constrói, mas não escava com profundidade e por isso os alicerces, são postos na areia, sobre o que não dura nem se mantém. Nós somos como um sopro e os nossos dias são como uma sombra que passa, na tentativa de não desvanecer, agarramo-nos ora á juventude, ora ao amor, ora aos filhos, ora ao trabalho, ora á fama. Mas, diz Montfort: “é coisa de loucos, apoiar-se sobre as forças humanas, frágeis canas, tomar como escudo um pedaço de lama ou de barro que ainda mais nos engana e muda ao sabor do vento” (Ct 36,84).

O Homem sábio aceita a dificuldade de descer á profundidade de si mesmo, diz-se que quanto mais se desce nas profundezas, mais maravilhosas são as paisagens e os espectáculos e as paisagens submarinas são maravilhosas e indiscritíveis.

O sábio não tem medo de escavar e aprofundar os seus desejos, rompendo as cadeias das necessidades imediatas. Sabe discernir o que o coração deseja: por vezes apresenta necessidades mesquinhas e está fechado sobre si mesmo e muitas vezes, erradamente, faz coincidir o justo com o que é cómodo. Por vezes é desmedido e prepotente, coloca-se a si mesmo como princípio e medida de todas as coisas. Outras vezes é atraído pelo que brilha e reluz ou considera importante só o que é capaz de poder dominar.

Por isso Jesus exige uma tomada de posição: passar da areia á rocha. Construir sobre a rocha, quer dizer construir sobre Cristo e com Cristo e por isso sobre um alicerce que se chama Amor Crucificado. Quer dizer, construir com Aquém que é sempre fiel, mesmo que nós falhemos na fidelidade, alguém que se curva constantemente sobre o coração ferido do homem, não para condenar, mas para enfaixar e curar. Construir em Cristo, quer dizer, colocar a sua vontade como critério de todos os desejos próprios, as esperanças, as ambições e todos os projectos. Significa dizer a si mesmo, á própria família, aos amigos, ao mundo inteiro e sobretudo a Cristo: “Senhor, na minha vida não quero fazer nada que seja contrário á Tua vontade, poque tu sabes o que é melhor para mim. Só Tu tens Palavras de Vida Eterna” (papa Bento XVI, homilia de 28 de Maio de 2006).

Na escola de Montfort

Do Amor da Sabedoria Eterna, 81

A sabedora carnal é o amor pelo prazer. Os sábios segundo o mundo, professam essa Sabedoria quando não procuram senão o prazer dos sentidos; quando têm prazer em comer e beber; quando afastam de si tudo o que eventualmente poderá mortificar e incomodar o corpo, sejam jejuns, mortificações, etc; quando habitualmente, pensam só em comer, em beber, em jogar, em rir, em divertir-se e a passar gozosamente o seu tempo; quando procuram leitos aconchegados, jogos divertidos, festins agradáveis, belas companhias.

Do Tratado da Verdadeira Devoção, 61

Deus não constituiu outro fundamento da nossa salvação, perfeição e glória senão Jesus Cristo. Todo o edifício que não estiver erguido sobre esta pedra firme, está cosntruído sobre areia movediça e, mais cedo ou mais tarde, acabará infalivelmente por ruir.

Quem não estiver unido a Jesus como o sarmento á cepa da vide, cairá, secará, e só servirá para ser lançado ao fogo (Jo 15,6). Se pelo contrário, estivermos unidos a Jesus Cristo e Jesus Cristo a nós, “já não há qualquer perigo de condenação” (Rom 8,1), porque assim nem os anjos do Céu nem os homens na terra, nem os demónios no inferno poderão fazer mal “porque não nos poderão separar do amor de Deus que está em Jesus Cristo (Rm 8,39).

Para aprofundar:

- Sobre qual areia o espírito do mundo constrói?
- Sobre qual rocha somos convidados a construir segundo a Sabedoria de Deus?
- Sobre o que construo a minha vida? Sobre o que desmorona ou sobre a solidez?
- Tenho coragem de dizer ao Senhor: “Tu és o meu rochedo”?

Invoca a Virgem Maria: Salvé Estrela do Mar.

XI O Fascínio pelo Provisório

Prepara o teu coração

Invoca a Luz do Espírito Santo: Vinde Espírito Santo

O Espírito do mundo, hoje seduz com o fascínio do provisório que nos propõe a fuga da rotina e a seguir sempre novas emoções, a multiplicar as satisfações, permanecendo em certo sentido, eternos adolescentes. O resultado é uma vida fragmentada porque ceder ao fascínio do provisório “fragmenta a nossa vida em pedaços”, disse o papa Francisco (discurso, 26 de Outubro 2013).

É também o fascínio do não ter que decidir. Na vida é difícil tomar decisões, tendemos a adiar, a deixar que outros decidam por nós; frequentemente preferimos deixar-nos arrastar pelos acontecimentos e seguir a moda do momento porque é difícil remar contra a maré.

Inamorados pelo provisório, ao “para sempre” preferimos o “momento” do qual nós podemos ser os protagonistas: “como gostamos de estar enjaulados no meio de tanto fogo de artifício, aparentemente belo, mas que na realidade dura pouco tempo! E este é o reino, este é o fascínio do momento!”(papa Francisco, homilia, 31 de Dezembro 2014).

Se para a cultura do provisório a felicidade consiste em viver o momento, pelo contrário na lógica do “para sempre” a felicidade consiste em saber decidir e permanecer fiel às escolhas feitas, num constante empenho de desenvolver os vários aspectos e consequências da decisão.

Na Escola da Sabedoria

Do Evangelho Segundo S. Lucas 9,51-60

Como estavam a chegar os dias de ser levado deste mundo, Jesus dirigiu-se resolutamente para Jerusalém e enviou mensageiros à sua frente. Estes puseram-se a caminho e entraram numa povoação de samaritanos, a fim de lhe prepararem hospedagem. Mas não o receberam, porque ia a caminho de Jerusalém. Vendo isto, os discípulos Tiago e João disseram: «Senhor, queres que digamos que desça fogo do céu e os consuma?» Mas Ele, voltando-se, repreendeu-os. E foram para outra povoação.

Enquanto iam a caminho, disse-lhe alguém: «Hei-de seguir-te para onde quer que fores.»⁵⁸ Jesus respondeu-lhe: «As raposas têm tocas e as aves do céu têm ninhos, mas o Filho do Homem não tem onde reclinar a cabeça.»

E disse a outro: «Segue-me.» Mas ele respondeu: «Senhor, deixa-me ir primeiro sepultar o meu pai.» Jesus disse-lhe: «Deixa que os mortos sepultem os seus mortos. Quanto a ti, vai anunciar o Reino de Deus.»

A liberdade consiste na coragem a assumir compromissos que envolvam a vida toda, mas esta sofre a tentação do fascínio pelo provisório. Jesus explica isso através da toca e do ninho. Cedemos ao fascínio do provisório porque temos medo de sair de nós, de deixar as certezas para ir ao encontro da novidade. Estamos expostos á tentação do fascínio porque nos fechamos, voltando ao ninho das nossas seguranças e isto impede-nos de tomar e acelerar o voo.

É a tentação do adiamento. Existe sempre um antes, que nos bloca e trava o andamento, quando a vida nos pede decisões. Erros, saudades, sentimentos de culpa, invenções para adiarmos e ganharmos tempo. Acabamos talvez por ficar a vida inteira á espera que tudo isto desapareça para não tomarmos decisões.

Existe a tentação de de voltar para o passado, de considerarmos o que perderemos e não o que nos será concedido; ao que deixamos e não ao horizonte que se abre diante de nós. Desejamos tocar com as

mãos os resultados, enquanto o agricultor sabe que não pode ver os frutos enquanto lavra a terra. Como a esposa de Lot, tornamo-nos estátuas de sal e ficamos paralisados.

Existe uma escolha definitiva que mais do que todas as outras dilata o nosso coração: decidir-se por Jesus. Esta escolha não admite adiamentos nem distrações e menos ainda saudosismos. Com Jesus não há lugar para “se” o “mas”, “por algum tempo” ou “por um momento”: só existe o “para sempre”. No entanto, recorda-nos o papa Francisco: “a cultura do provisório, do relativo afecta a nossa vida de fé. Deus pede-nos que sejamos fiéis cada dia, nas acções quotidianas e acrescenta que, mesmo que por vezes não Lhe sejamos fiéis, Ele é sempre fiel e com a Sua misericórdia não se cansa de nos etender a mão para nos reerguer, de nos encorajar a retomar o caminho, a voltar para ele e a confessar-lhe a nossa fragilidade para que nos dê a sua força. E este é o caminho definitivo: sempre com o Senhor, mesmo nas nossas fragilidades, mesmo nos nossos pecados. Nunca andemos na estrada do provisório. Isto destrói-nos. A fé consiste numa fidelidade definitiva como aquela de Maria” (Homilia, 13 de Outubro 2013).

Na escola de Montfort

Do Amor da Sabedoria Eterna, 59.182

Quem poderá sentir-se pobre, possuindo a Sabedoria eterna que é de tal modo rica e generosa? Quem poderá sentir-se triste, possuindo a Sabedoria que é doce, formosa e terna? Apesar disso, quem é que entre todos os que buscam a Sabedoria, está em condições de dizer, em verdade com Salomão: “ Por isso decidi?” a maioria ainda não tomou essa sensata resolução: é tudo fantasia ou, no máximo trata-se de propósitos vacilantes e indiferentes, por isso não encontrarão nunca a Sabedoria. Com efeito, existe uma infinidade de insensatos e preguiçosos que têm milhares de desejos, ou antes milhares de fantasias sobre o bem. Mas tais desejos não produzem a fuga do pecado, nem violência a si mesmos e são por isso desejos falsos e mentirosos que matam e condenam.

Para meditar:

- O meu coração anseia por valores belos e grandiosos o contenta-se de pequenas metas?
- Tenho dificuldade em manter-me fiel às decisões e compromissos assumidos?
- A cultura do provisório afecta também, o meu modo de viver a fé? Sou um cristão “intermitente”, ou sou cristão “sempre”?

Invoca a Virgem Maria: Salvé Estrela do Mar.

XII A Máscara da Hipocrisia

Prepara o teu coração

Invoca a Luz do Espírito Santo: Vinde Espírito Santo

Para quantos seguem a sabedoria do mundo o que é importante não é o ser mas o parecer, o mostrar-se perante os outros, como se a vida dependesse da aprovação dos olhos do mundo. Trata-se de uma tendência mundana, que tem o nome de hipocrisia. Reduz a pessoa a uma imagem falsa que é a da exterioridade. Despojada da sua identidade mais profunda, a pessoa acaba por se confundir com uma máscara e a vida passa a ser como um teatro em que o importante é a representação, a vida torna-se por isso um fingimento e uma mentira.

Trata-se de uma verdadeira duplicidade de vida bem como das intenções. O coração hipócrita não é imaculado, ou seja não é simples, iluminado e transparente; pelo contrário está enrugado, cheio de zonas obscuras e confusas. Uma pessoa assim corre atrás das tendências e opiniões que estão na moda, sem se preocupar de aprofundar se são verdadeiras ou falsas: baste que nos compensem com sucessos e honras de que se gabar. Daqui surge como consequência uma existência inquieta, vivida na incerteza e na instabilidade, á qual falta a coragem das próprias convicções.

Deste modo, escreveu Pascal “trabalhamos para fabricar e cuidar do nosso ser imaginário trascurando a verdadeira identidade. Possuindo alguma virtude ou mérito preocupamo-nos imediatamente para a tornar pública e demonstrar usando todos os meios possíveis, para aumentarmos o nosso ser imaginário”. Uma vida sem raízes que se torna uma escravidão!

Na escola da Sabedoria

Do Evangelho Segundo S. Lucas 12, 1-3

Entretanto, a multidão tinha-se reunido; eram milhares, a ponto de se pisarem uns aos outros. Jesus começou a dizer primeiramente aos seus discípulos: «Acautelai-vos do fermento dos fariseus, que é a hipocrisia. Nada há encoberto que não venha a descobrir-se, nem oculto que não venha a conhecer-se. Porque tudo quanto tiverdes dito nas trevas há-de ouvir-se em plena luz, e o que tiverdes dito ao ouvido, em lugares retirados, será proclamado sobre os terraços.

São muitas as vezes em que no Evangelho, Jesus denuncia e adverte contra o perigo da hipocrisia. No texto de Lucas há algo em particular que chama a nossa atenção: a multidão tinha-se reunido; eram milhares, mas Ele dirige-se antes de mais aos seus discípulos. Isto é indício de uma verdade importante: a tendência mundana da hipocrisia “ataca sobretudo as pessoas religiosas, e o motivo é simples: onde existe maior estima dos valores da vida espiritual e da virtude..., mais forte é a tentação da ostentação e de nos julgarmos imunes da mesma” (Raniero Cantalamessa).

O convite de Jesus dirige-se a cada um de nós, em primeiro lugar. Pelo Batismo, todos nós recebemos uma nova identidade e fomos chamados a um novo modo de viver. A hipocrisia pode tornar pouco evidente esta realidade, disse o Papa Francisco, referindo-se ao comportamento cristão tépido de quem vai á Missa ao Domingo, mas na vida não deixa transparecer a sua identidade e apesar de ser cristão, substancialmente vive como um pagão (homilia da manhã, 17 de Outubro de 2014).

O fermento da hipocrisia corre o risco de trabalhar dentro de nós, fermentando a vida com o comportamento do fingimento: professando uma coisa com as palavras e agindo diversamente. Os cristãos hipócritas, são cristãos fingidos de bons; “vivem com uma máscara, rezam olhando para o Céu, fazendo-se notar, consideram-se melhores que os outros, e por isso desprezando os outros” (papa Francisco, homilia da manhã, 18 de Março de 2014).

A hipocrisia chega por isso, a deturpar a relação com o Senhor. Quem assim vive, preocupa-se em salvar a aparência, praticando as próprias devoções com fórmulas e atitudes que são apenas hábitos.

Esvaziamo-nos da atitude do mundanismo que é a hipocrisia, vivendo a bem-aventurança dos puros de coração. Um coração é puro quando não é duplo, não está comprometido com mais do que um senhor ou amante, não se encontra dividido servindo vários ídolos. O coração não é hipócrita se não estiver repartido, mas se encontrar orientado exclusivamente para Deus.

Na Escola de Montfort

Do Amor da Sabedoria Eterna, 75-97

Esta sabedoria mundana está em perfeita harmonia com as máximas e costumes da sociedade; vive uma tendência, constante para a grandeza e a reputação; vive uma busca permanente, ainda que secreta pelo próprio interesse e prazer, não recorrendo a métodos grosseiros e barulhentos de forma a cometer qualquer pecado escandaloso, mas agindo com fineza, com hipocrisia e astúcia, caso contrário – até do ponto de vista do mundo – não seria sabedoria, mas sim libertinagem.

O sábio aos olhos do mundo é aquele que sabe gerir bem os próprios negócios e sabe orientar tudo em proveito próprio, sem dar a entender que pretende fazê-lo; conhece bem a arte de fingir e enganar astuciosamente, sem que o outro se aperceba; diz e faz uma coisa apesar de estar a pensar e desejar outra; conhece perfeitamente os gostos e os aplausos do mundo, sabe ir ao encontro de todos para alcançar os próprios objectivos, sem se preocupar absolutamente nada com a honra e a glória de Deus; estabelece um secreto e funesto acordo entre a verdade e a mentira, entre o Evangelho e o mundo, entre a virtude e o pecado, entre Jesus Cristo e belial; quer fazer-se passar por honesto, sem o ser nas obras concretas; despreza, interpreta mal ou condena com leviandade todas as práticas de piedade que não vão de acordo com as suas.

Enfim, o sábio segundo o mundo, é alguém que, deixando se guiar apenas pela luz dos sentidos e da razão humana, procura simplesmente rodear-se de aparências de cristão e de homem de bem, sem se preocupar minimamente em agradar a Deus ou de expiar, pela penitência, os pecados que se cometem contra a sua divina magestade.

São sete, as razões de fundo que o sábio mundano considera inocentes e sobre as quais se baseia para levar uma vida tranquila. São elas: a dita palavra de honra, “o que irá dizer-se?”, a moda, a boa mesa, o interesse pessoal, o armar-se em importante, o dar-se ares de graça.

E há ainda sete virtudes especiasis em que se apoia, para ser canonizado pelos mundanos: a valentia, a delicadeza, a diplomacia, a astúcia, a galanteria, a cortesia, a jovialidade. Considera, porém, serem pecados enormes: a insensibilidade, a simplicidade, a pobreza, a rudez e a beatice.

Observa com a maior fidelidade possível os mandamentos ditados pelo mundo, ou sejam:

- 1) - conhecerás bem o mundo;
- 2) - viverás como homem honrado;
- 3) - orientarás bem os teus negócios;
- 4) - guardarás bem o que te pertence
- 6) - procurarás ganhar-te amigos
- 7) - frequentarás a alta sociedade
- 8) - comerás e viveras bem
- 9) - não darás azo a melancolias
- 10) - evitarás a singularidade, a rudeza, a beatice

Jamais o mundo esteve tão corrupto como nos dias de hoje, também porque nunca foi tão sagaz, tão sábio á sua maneira e tão politiquero. Sabe usar sorrateiramente a verdade para inspirar a mentira, a virtude para

autorizar o pecado, as máximas de Jesus Cristo, para legitimar as próprias, a ponto de conseguir enganar até mesmo as almas mais esclarecidas e fiéis a Deus.

Infinito é o número de insensatos, ou seja, dos sábios segundo o mundo que, por isso são insensatos segundo Deus.

Para aprofundar:

- Amo a autenticidade ou vivo de fingimento, de exterioridade e artifícios?
- A quem procuro agradar com as minhas acções: a Deus ou aos homens?
- Existe em mim algum fermento de hipocrisia que faz com que as palavras digam uma coisa, mas as minhas acções sejam diversas?

Invoca a Virgem Maria: Salvé Estrela do Mar.

Segundo Período de Preparação

“Não vos acomodeis a este mundo.

Pelo contrário, deixai-vos transformar, adquirindo uma nova mentalidade,

para poderdes discernir qual é a vontade de Deus: o que é bom e lhe é agradável o que é perfeito.” Rm 12,2

“Os que quiserem
abraçar esta forma especial de devoção....

Utilizarão três semanas
para se echerem de Jesus Cristo
através da Santíssima Virgem”.

(VD 227)

Primeira semana
Que eu me conheça a mim mesmo

“Durante a primeira semana,
aplicarão todas as suas orações e actos de piedade
a pedir o conhecimento de si mesmos e a contrição dos seus pecados
e farão tudo em espírito de humildade...

Rezarão a Nosso Senhor e ao Espírito Santo para os iluminar, rezando:

“Senhor que eu veja”, ou então: “que eu me conheça a mim mesmo”, ou ainda: “Vem Espírito Santo”
e rezarão todos os dias a Ladaínha do Espírito Santo
e a seguinte oração que se encontram na primeira parte da obra.

Recorrerão á santíssima Virgem, pedindo-lhe também esta grande graça,
que deve ser o fundamento de todas as outras, por isso rezarão também todos os dias o Ave Maris Stella
e a Ladaínha em honra de Nossa Senhora”(VD 228).

Segundo S. Luis de Montfort, a primeira condição para nos deixarmos habitar por Jesus Cristo consiste em
que nos conheçamos a nós mesmos, avaliando sinceramente quem somos e a situação em que nos
encontramos. Trata-se de um conhecimento espiritual que revela:

- o que somos diante de Deus: seres finitos, Suas criaturas.

Montfort diz isso acerca de Maria; “sendo uma simples criatura saída das mãos do Altíssimo, ela é menos do
que um átomo, ou melhor, não é nada, comparada com a Magestade infinita, visto que só Deus é “Aquele que
É” VD 14.

Este conhecimento é fundamental porque desperta na alma um estado de humildade tal, que nada a pode
inquietar, antes pelo contrário, a faz tomar consciência sobre a verdade de si mesma, o que atrai a si todas as
graças de Deus;

- as nossas riquezas interiores: se o conhecimento de nós mesmos revela a nossa pequenez diante da
imensidade de Deus, revela também a nossa dignidade. Criados á imagem de Deus, somos chamados a ser
perfeitos como o Pai Celeste, porque “Aquele que É se dignou vir até àquele que não é, para que este, que não
é, se transforme ele também em ser divino ou n’Aquele que É (VD 157).

- as más tendências que nos dominam e criam entraves á nossa aproximação de Deus: são consequêncas do
pecado original e do Espírito do mundo e não podemos fingir que não existem. São como amarras que nos
impedem de voar e por fim tiram o fôlego á alma fragilizando-a.

O essencial é que nos conheçamos a nós mesmos, analisando-nos segundo a Luz de Deus. Este exercício
impede que nos banhemos na lama das nossas misérias, cedendo ao cansaço; evita que nos fechemos em nós
mesmos, o que nos paralisa e faz suspeitar que tudo seja inútil, pelo contrário suscita em nós a disponibilidade
para o bem. Deste modo, o verdadeiro conhecimento de nós mesmos faz se acompanhar por um estado de paz,
de equilíbrio de liberdade interior e fecunda.

XIII – Criatura e não Criador

Prepara o teu coração

Invoca a Luz do Espírito Santo: Vinde Espírito Santo

“Como o barro está nas mãos do oleiro, que o molda a seu bel-prazer, assim o homem está nas mãos do seu Criador” (Sir 33,13). Esta é a verdade sobre Deus na relação conosco, contida e revelada na Sua Palavra.

A vida não é nossa, mas é nos dada e nós vivemos porque Deus infundiu em nós o Seu sopro de vida. Deus é nosso Criador e nós somos Suas criaturas: esta é a primeira verdade acerca da nossa existência, para a qual o Espírito Santo nos chama continuamente. Não é sempre fácil aceitar esta condição. Hoje a palavra criatura parece que passou de moda: preferimos pensar no homem como um ser que se baste a si mesmo e seja artífice absoluto do seu destino. Aceitar-se como criaturas, é incômodo, porque implica um constante referimento a Alguém fora de nós, que define a nossa identidade.

Desta maneira, frequentemente pretendemos viver como se nós tivéssemos tudo nas nossas mãos e por vezes não nos aceitamos a nós mesmos, culpando Deus pelos nossos limites. Não nos damos conta, com o nosso coração a intuição de que a nossa condição de criaturas tem um sentido, que os nossos limites podem ser também uma oportunidade. Esquecemo-nos que quando Deus acabou de criar o homem não diz: “viu que era bom”, disse que era “muito bom!”... aos olhos de Deus nós somos a realidade mais bela, a maior, a melhor de toda a criação” (Francisco, Audiência, 21 de Maio 2014).

Na escola da Sabedoria

Do Livro do Profeta Jeremias 18, 1-6

Palavra que o SENHOR dirigiu a Jeremias, nestes termos: «Vai, desce à casa do oleiro, e ali escutarás a minha palavra.» Fui, então, à casa do oleiro, e encontrei-o a trabalhar ao torno. Quando o vaso que estava a modelar não lhe saía bem, retomava o barro com as mãos e fazia outro, como bem lhe parecia.

Então, foi-me dirigida a palavra do SENHOR, dizendo: «Casa de Israel, não poderei fazer de vós o que faz este oleiro? Como o barro nas suas mãos, assim sois vós nas minhas, casa de Israel – oráculo do SENHOR.

A experiência do profeta Jeremias é ilucidante e oferece-nos a chave para o conhecimento de nós mesmos. Quem somos? Um punhado de argila informe, que as hábeis mãos de Deus modelaram segundo o Seu coração, como o artesão modela um vaso. Assim lemos no livro dos Génesis: “Então o SENHOR Deus formou o homem do pó da terra e insuflou-lhe pelas narinas o sopro da vida, e o homem transformou-se num ser vivo” (Gen 2,7). O ser homem, faz-se sempre em referimento a outro fora de si: a alguém que o pensou, plasmou, numa palavra, o deu a Luz.

Somos como barro nas mãos de Deus. Não faz parte da verdade de nós mesmos, que nos consideremos iguais ao nosso Criador. Pelo contrário, “viver segundo a fé, quer dizer exactamente reconhecer a grandeza de Deus e aceitar a nossa pequenez, a nossa condição de criaturas deixando que o Senhor a preencha com o Seu amor e assim encontremos a nossa verdadeira grandeza” (Bento XVI)

A coragem de reconhecer que na origem da nossa existência está o Senhor, acrescenta um dado novo na forma de olhar a realidade: a Seus olhos somos algo de verdadeiramente belo, somos uma obra de arte e em nós Ele encontra o Seu contentamento.

Criados á Imagem de Deus, é certo que que trazemos em nós a fragilidade do pó de que fomos formados. Basta pouco para que a obra possa ser destruída. Quando somos tentados a ocupar o lugar de Deus, pensando que estamos na origem de nós mesmos, deveremos reflectir com frequência sobre a nossa fragilidade e recordarmo-nos frequentemente que não somos Deus.

Se por acaso formos despedaçados, o que importa é reconhecer que para Deus nada está definitivamente perdido. Se nos colocarmos de novo em Suas mãos, Ele fará de nós algo de novo: “Eis que eu faço novas todas coisas. As coisas antigas passaram” (Ap 21, 4-5) Grande é a consolação de nos sentirmos em Suas mãos: são mãos ternas, que protegem e acariciam, mas são também mãos fortes que sabem dar forma e consistência.

Na escola de Montfort

Do Amor da Sabedoria Eterna, 35-37

Se o poder e a doçura da Sabedoria Eterna brilharam tanto na criação, na ordem e na beleza do universo, brilharam porém com mais intensidade ainda, na criação do homem, já que é este, a maravilhosa obra-prima, a imagem viva da Sua beleza e das suas perfeições, o vaso maravilhoso das suas graças, o admirável tesouro das suas riquezas e o seu único representante em toda a superfície da terra.

Poder-se-há afirmar que Ela fez, por assim dizer, uma cópia ou imagem resplandecente da sua inteligência, da sua memória, da sua vontade, infundindo-as na alma do homem, a fim de que este pudesse ser um retrato vivo da Divindade. Acendeu-lhe no coração a chama do puro amor de Deus; plasmou-lhe um corpo todo resplandecente e nele encerrou, como que em síntese, todas as diferentes perfeições dos anjos, dos animais e das outras criaturas.

Para meditar

- Tenho consciência de que o Senhor agora está a plasmar a minha vida; vejo como vou ganhando forma e maravilhado admiro a maravilha que Deus está a fazer em mim ?
- Tenho consciência de que não está em mim a raiz de mim mesmo, que a minha existência me foi dada?
- A descoberta de que a minha vida é um dom, o que desperta em mim?
- Faço da minha vida um dom para os outros, ou vivo apenas para mim mesmo?

Invoca a Virgem Maria: Salvé Estrela do Mar.

XIV - Sou Amado

Prepara o teu coração

Invoca a Luz do Espírito Santo: Vinde Espírito Santo

Tu Senhor é que és nosso pai. Nós somos a argila e Tu és o oleiro. Todos nós fomos modelados pelas tuas mãos (IS 64,7. Isto mesmo confessamos também nós com admiração: Deus é noso Criador, mas

também nosso Pai. O ser Criador de Deus, é caracterizado pela paternidade. Paternidade e maternidade simultaneamente.

A Nossa história é sempre a história de Deus conosco. Deus conhece-nos e a tal conhecimento não é neutro. É conhecimento que aprecia e ama desde sempre.

Eis o motivo: na origem não está o nosso amor, mas o Amor de Deus e a Sua benevolência. No princípio o que existiu foi a Graça e a Sua Palavra. Antes de todas as coisas o que existiu foi um pensamento de amor que nos chamou à existência e nos faz viver. Não somos, por isso um fruto do ocaso e nem uma evolução sem sentido.

Diz o Senhor ao profeta Jeremias: “Com amor eterno Eu te amei” (31,3). Trata-se de uma palavra nunca dita pela boca de algum deus. Talvez se tivesse falado de um deus a quem amar, mas não de um Deus que ama e o faz em primeiro lugar, desde sempre. Devemos assimilar isto não apenas pela razão, mas nas próprias entranhas, por Ele somos desde sempre conhecidos e escolhidos. Só assim a nossa vida será transformada e descobriremos que tudo quanto fazemos ao longo dos tempos encontra a sua razão de ser no facto de nos sabermos amados. Então a pergunta: “quem sou?”, responderei: “sou o amado”.

Na Escola da Sabedoria

Do Evangelho Segundo S. João 4,9-10

Assim se manifestou o amor de Deus no meio de nós: Deus enviou ao mundo o seu Filho Unigénito, para que, por Ele, tenhamos a vida. É nisto que está o amor: não fomos nós que amámos a Deus, mas foi Ele mesmo que nos amou e enviou o seu Filho como vítima de expiação pelos nossos pecados. Caríssimos, se Deus nos amou assim, também nós devemos amar-nos uns aos outros.

Aqui está a raiz da nossa dignidade: o amor de Deus antecede e é mais importante do que nosso amor por Ele. O Amor de Deus é como uma flor de amendoeira que floresce sempre em primeiro lugar em cada primavera, disse o papa Francisco: “ quando nós chegamos, já Ele lá está. Quando nós O procuramos, já Ele nos procurou antes. Ele está sempre em primeiro lugar, face a nós, Ele espera-nos, para nos receber em Seu coração, no Seu amor (homilia da Manhã, 27 de Junho de 2014).

O amor de Deus tem qualquer coisa de realmente especial! Não é apenas um sentimento ou emoção! O sentimento não é duradouro e muda frequentemente. Hoje pensa-se que o amor é isso. O amor de Deus, pelo contrário, é muito diferente, é de outra qualidade. Deus manifesta-Se como o “Deus conosco”, o Deus que partilha a história do Seu povo e que a assume para dele cuidar. Não é um Deus estranho, um Deus de filósofos, mas um Deus constantemente presente..

Por outro lado, se é verdade que Deus ama toda a gente, é mais verdade ainda, que ama cada um pessoalmente por nome e apelido. Quer dizer que Ele tem um amor particular por mim, por ti, isto é, por cada um que se sente amado individualmente, o que é maravilhoso. O Amor de Deus, além disso, não se fica pelo exterior, mas é infundido em cada um de nós como uma nascente de água abundante que invade a nossa vida. Cada um de nós transporta no próprio coração o amor de Deus. Eu sou possuidor do amor de Deus no meu coração. Sou possuidor do amor de Deus, ele está comigo! Também neste momento! É um mistério, mas é uma verdade! E ainda mais, trata-se de um amor irrevogável, que não falha, porque o rosto do amor de Deus, é o rosto da caridade, é o Filho que nos foi dado. Olhando para Ele e contemplando Maria, disse o papa Francisco, nós vemos “o nosso destino mais autêntico, a nossa vocação mais profunda: sermos amados, sermos transformados pelo amor, sermos transformados pela beleza de Deus” (Angelus, 8 de Dezembro de 2013).

Na escola de Montfort

Do Amor da Sabedoria Eterna, 38-64

Tudo no homem era luminoso, sem trevas; formoso, sem fealdade; puro, sem mancha alguma; harmonioso, sem qualquer desordem, sem defeito e sem imperfeição. O seu espírito era dotado da luz da Sabedoria para reconhecer perfeitamente o seu Criador e as criaturas. Trazia na sua alma a graça de Deus, tornando-o inocente e agradável aos olhos do Altíssimo.

Tinha o dom da imortalidade corporal e possuía no coração o puro amor de Deus, sem temer a morte, e amava a Deus continuamente, sem interrupção, sem negligências, só por puro amor e só para a sua glória. Enfim, ele era de tal maneira divino que era levado a cada momento, por assim dizer, a ficar fora de si, arrebatado em Deus, sem paixões a vencer ou inimigos a combater.

Ó liberalidade da Sabedoria Eterna para com o homem!

Ó feliz estado do homem quando da Sua inocência!

Existe um vínculo de amizade de tal maneira intenso entre a Sabedoria eterna e o homem que se torna incompreensível: A SABEDORIA É PARA O HOMEM E O HOMEM É PARA A SABEDORIA. «*É um tesouro inesgotável para os homens*» e não o é nem para os anjos nem para as outras criaturas.

Esta amizade da Sabedoria para com o homem deve-se ao facto de que este, na sua criação, se tornou o resumo das suas maravilhas, o seu pequeno e grande mundo, a sua imagem viva e o seu representante na terra. E, desde que, num excesso de amor pelo homem, a Sabedoria se tornou semelhante ao homem ao encarnar-se e ao morrer por ele para salvá-lo - pois isso é prova de que Ela o ama como a um irmão, a um amigo, a um discípulo, a um aluno, por ser o preço do seu sangue e co-herdeiro do seu Reino - causa-lhe um sofrimento infinito, que o homem a recuse e Lhe negue o seu coração.

Para Aprofundar

- Lendo o profeta Isaías 43,1-7.16-21, contemplo as características do Amor de Deus.
- Tento ver os sinais do Amor de Deus na minha vida.
- Faço memória de todos os que me ofereceram amor.
- Agradeço ao Senhor o amor que recebi.

Invoca a Virgem Maria: Salvé Estrela do Mar.

XV - Filhos no Filho

Prepara o teu coração

Invoca a Luz do Espírito Santo: Vinde Espírito Santo

Na nossa vida, as novidades, inesperadas ou procuradas, causam sempre uma sensação de felicidade e alimentam a esperança. No dia do nosso Batismo, Deus também nos presenteou com uma novidade. Antes de mais, uma revelação sobre Ele mesmo, não é um Deus caprichoso, mas um Pai de infinita bondade. E depois uma novidade sobre nós: não somos criaturas abandonadas ao destino, mas seus filhos, queridos, amados e acompanhados com premura e ternura para que alcancemos a felicidade.

Viver então, quer dizer descobrir o amor de um Pai que nos revestiu de uma dignidade única entre todas as criaturas. Trata-se de nos enriquecermos da riqueza de Jesus: do Seu ser Filho, da sua imensa confiança no Pai, do Seu confiar-Se a Ele em cada momento, procurando sempre e só, a Sua vontade e a Sua glória. Ser rico como o é uma criança que se sente amada e ama os seus pais e não duvida nunca do seu amor e da sua ternura. Tornarmo-nos cada vez mais filhos no Filho, e viver como tais é por isso o nosso tesouro.

Recorda-nos o papa Francisco: “Alguém disse que a única verdadeira tristeza consiste em não ser santo (L. Bloy); poderemos também dizer que existe uma só miséria: a de não vivermos como Filhos de Deus e irmãos de Jesus Cristo” (mensagem, 26 de Dezembro de 2013).

Na Escola da Sabedoria

Da Carta aos Romanos 8, 14,17

De facto, todos os que se deixam guiar pelo Espírito, esses é que são filhos de Deus. Vós não recebestes um Espírito que vos escravize e volte a encher-vos de medo; mas recebestes um Espírito que faz de vós filhos adoptivos. É por Ele que clamamos: Abbá, ó Pai! Esse mesmo Espírito dá testemunho ao nosso espírito de que somos filhos de Deus. Ora, se somos filhos de Deus, somos também herdeiros: herdeiros de Deus e co-herdeiros com Cristo, pressupondo que com Ele sofremos, para também com Ele sermos glorificados.

Ser filhos de Deus é desde sempre a nossa vocação. É uma condição que não podemos dar-nos por nós mesmos, nem de algum modo merecer. Recebemo-la por dom gratuito, pura Graça e é o Espírito Santo que nos torna filhos e nos concede a certeza de o sermos.

Tornamo-nos Filhos de Deus, por Jesus Cristo. Inseridos n’Ele pelo Batismo, nessa ocasião ouvimos dizer: “és meu filho”. Chamados a esta familiaridade com Deus, podemos gritar “Abbá... paizinho”! Fixemo-nos neste gemido do Espírito em nós. Trata se do balbuciar da criança, a sua primeira palavra. Implica ternura,

familiaridade, confiança. A nossa vida, que antes estava sob o sinal da escravidão e do medo, agora encontra-se sob o sorriso de um amor paterno, seguro e livre. Dizer “Pai” é dizer sim á verdade sobre nós e á verdade sobre Deus; é demonstrar que somos filhos. O Homem torna-se adulto quando se reconhece como filho. Apenas então sabe quem é e se sente ele mesmo, livre. Diversamente, se procura fora deste âmbito a sua identidade e pertença, torna-se escravo. Quem perdeu Deus, faz de tudo o seu Deus, abre o caminho á idolatria.

“Filho” quer dizer que cada um está diante de Deus como único e não como um número. Revestidos da veste de Filhos, já não somos servos, somos de estirpe divina. Esta é a consolante verdade da qual o Espírito nos convence, capaz de atrair a Deus quantos O buscam com sinceridade.

“Faz-nos bem pensar nisto e pensar como é belo sermos filhos. Esta liberdade é muito bela, porque o filho está na casa do Pai. Ninguém nos pode roubar esta identidade. Chamo-me assim: filho de Deus! Que bela identidade! Estado civil: livre!” papa Francisco, homilia da manhã, 4 de Julho 2013).

Na escola de Montfort

Do Tratado da Verdadeira Devoção, 215

Esta Mãe do puro amor tirará do teu coração todo o escrúpulo e todo o temor servil; abri-lo-á e dilatará para que possas correr pelo caminho dos mandamentos de seu Filho com a santa liberdade dos filhos de Deus, e para que possas abeirar-te do puro amor de que Ela possui o tesouro. E assim, já não procederás como até aqui por temor de Deus, que é Caridade, mas por puro amor. Olhá-lo-ás como teu Pai bondoso, a quem procurarás agradar incessantemente, a quem falarás confiadamente, como um filho fala a seu bom pai. Se, por infelicidade, vieres a ofendê-lo, humilhar-te-ás imediatamente na sua presença, pedir-lhe-ás humildemente perdão, estender-lhe-ás a mão com toda a simplicidade, e levantar-te-ás confiadamente, sem perturbação nem inquietação, e continuarás a caminhar para Ele sem desânimo.

Para aprofundar

- Recordo a data do meu Batismo
- Alguma vez penso no dom que é foi o meu batismo? Constitui para mim uma riqueza e um título de verdadeira Realeza?
- Como vivo a dignidade da adoção de Filho de Deus?
- Invoca a Virgem Maria: Salvé estrela do Mar

XVI - A resistência ao amor

Prepara o teu coração

Invoca a Luz do Espírito Santo: Vinde Espírito Santo

Existe uma ordem no amor: Deus é quem ama em primeiro lugar e nós seguimo-Lo. Na nossa vida quotidiana somos tentados a inverter esta ordem, porque é difícil deixar-se amar. Deixar-se amar, implica passividade. Quem ama em primeiro lugar, fá-lo de modo gratuito; ora o Amor que vem ao

nosso encontro marcado pela gratuidade causa-nos medo e assusta porque nos pede uma atitude de facolhimento, de fé e esta atitude de fé convida ao abandono amoroso e isso pode colocar em questão a própria vontade de tudo controlar e dominar. Somos tentados a controlar e dominar tudo, mas não podemos; diante do amor gratuito a única posição possível é render-se e entregar-se.

Acreditamos verdadeiramente que Deus nos ama? Talvez não. Se acreditássemos, a vida, as coisas e os acontecimentos, ganhariam nova forma, imediatamente tudo seria transfigurado e visto noutra perspectiva. Hoje estaríamos com Jesus no paraíso, porque o paraíso não é mais do que isto: alegrar-se no amor de Deus. O mundo, por seu lado, torna cada vez mais difícil acreditar no amor devido às inúmeras traições e tantas decepções. Quem foi traído ou saiu ferido uma vez, tem medo de amar e de ser amado, porque sabe quanto sofrimento advém do facto de amar e ser amado. Assim aumenta o número dos que não conseguem acreditar no amor de Deus, melhor, em amor nenhum.

Por vezes, estamos preocupados em amar a Deus ou amar como Ele ama e experimentamos a nossa impotência enquanto não aprendermos a acreditar no amor de Deus! Sendo os segundos na ordem, antes de mais devemos submeter-nos a Deus e deixar-nos amar, assim como somos!

À luz da Divina Sabedoria

Do Evangelho Segundo S. João 13,9

Antes da festa da Páscoa, Jesus, sabendo bem que tinha chegado a sua hora da passagem deste mundo para o Pai, Ele, que amara os seus que estavam no mundo, levou o seu amor por eles até ao extremo. O diabo já tinha metido no coração de Judas, filho de Simão Iscariotes, a decisão de o entregar.

Enquanto celebravam a ceia, Jesus, sabendo perfeitamente que o Pai tudo lhe pusera nas mãos, e que saíra de Deus e para Deus voltava, levantou-se da mesa, tirou o manto, tomou uma toalha e atou-a à cintura. Depois deitou água na bacia e começou a lavar os pés aos discípulos e a enxugá-los com a toalha que atara à cintura.

Chegou, pois, a Simão Pedro. Este disse-lhe: «Senhor, Tu é que me lavas os pés?» Jesus respondeu-lhe: «O que Eu estou a fazer tu não o entendes por agora, mas hás-de compreendê-lo depois.» Disse-lhe Pedro: «Não! Tu nunca me hás-de lavar os pés!» Replicou-lhe Jesus: «Se Eu não te lavar, nada terás a haver comigo.» Disse-lhe, então, Simão Pedro: «Ó Senhor! Não só os pés, mas também as mãos e a cabeça!»

Consideremos o estado de alma de Pedro e assim fazendo, entraremos em nós próprios, porque na sua vida, vemos espelhada a nossa vida e a nossa consciência. Na recusa ao gesto de Jesus, contemplamos a resistência de Pedro ao amor. "Senhor, tu vais lavar-me os pés ...? Tu não me lavarás os pés nunca"! Exclama o Apóstolo. No fundo ele não aceita que Jesus se faça servo, porque considera que deve ser o homem a servir a Deus em primeiro lugar. Exprime a dificuldade real de se deixar amar, de considerar dever alguma coisa a alguém, a dificuldade em acreditar que Deus ame de tal modo a Sua criatura.

Pedro tem dificuldade a sair do orgulho da auto-suficiência, quase invencível ao homem; não consegue aceitar que seja o Senhor a salvar-lhe a vida e a entregar-se por ele. Só Jesus pode reparar, corrigir e curar a débil consciência que impede Pedro de acreditar, de ter confiança e que o Pedro à negação de Jesus.

Se nos interrogarmos com sinceridade, devemos admitir que também nós duvidamos que Deus nos ame, temos dificuldade a aceitar que deva ser Ele a fazer alguma coisa por nós. Preferimos colocar-nos na condição de ser nós a fazer alguma coisa pelo Senhor.

Muitas vezes, a dificuldade a aceitar e acreditar que Deus oferece a vida por nós provoca em nós a insegurança. Quantas vezes tememos não ser amados, de não ser agradáveis a Deus; quantas vezes duvidamos que Deus acolha a nossa vida! E assim, "mais difícil do que amar a Deus é deixarmos amar por Ele. Permitir que Ele se torne companheiro da nossa vida. Deixar que ele seja terno, nos acaricie", disse o Papa Francisco. Por isso nos convida a rezar: Senhor eu quero amar-Te, mas ensina-

me esta difícil ciência, o difícil hábito de me deixar amar por Ti, de Te sentir próximo e terno! (homilia da manhã, 7 de Junho de 2013).

Na escola de Montfort

O Amor da Sabedoria Eterna, 70. 72-73

Enfim, a Sabedoria Eterna, para mais facilmente se aproximar dos homens e para lhes testemunhar mais sensivelmente o seu amor, chegou ao ponto de Se fazer homem, de Se tornar criança, de Se fazer pobre e até de morrer por eles, numa cruz.

Quantas vezes Ela exclamou: «Vinde todos a Mim. Sou Eu, não temais.

E por que deveríeis ter medo?

Na verdade, eu sou semelhante a vós. Eu amo-vos. Será que deveríeis ter medo porque sois pecadores? Mas é a vós mesmos a quem eu procuro. Eu sou a amiga dos pecadores.

Será que tendes medo porque vos afastastes do rebanho por vossa própria culpa?

Mas Eu sou o Bom Pastor.

Será talvez, porque estais carregados de pecados, cobertos de pecados e oprimidos pela tristeza?

Pois bem, é precisamente por isso que deveis vir a Mim, que Eu vos aliviarei do vosso fardo, purificar-vos-ei e vos consolarei».

Quão grande será a nossa insensibilidade e a nossa ingratidão se não nos deixarmos comover pelos ardentes desejos, pelas amorosas invenções e provas de amor da amável Sabedoria para conosco!

E se, em vez de escutá-la, tapamos os ouvidos; se, em vez de procurá-la, fugirmos dela; se, em vez de honrá-la, de amá-la, a desprezamos e ofendemos — qual não será a nossa crueldade e o nosso castigo já sobre a terra?

Diz, com efeito, o Espírito Santo:

«Aqueles que desprezaram a Sabedoria, não apenas se prejudicaram a si próprios, vendo--se impedidos de conhecer o bem, mas deixaram ainda aos homens um testemunho da sua insensatez para que os seus pecados não pudessem ser esquecidos.»

Três desgraças sofrem em vida aqueles que não se importam de alcançar a Sabedoria, ou sejam: 1) caem na ignorância e na cegueira; 2) caem na insensatez; 3) caem, por fim, no escândalo e no pecado.

E quão grande desgraça lhes está reservada no momento da morte, malgrado seu, quando ouvirem a Sabedoria censurá-los, dizendo: «Chamei-vos e vós recusastes». Cada dia vos estendi os braços e vós desprezastes-me; fiquei sentada, à espera, na soleira da vossa casa e não viestes ter comigo. Por isso vou rir da vossa desgraça, vou-me divertir...; ficarei surda aos vossos clamores, cega diante das vossas lágrimas, insensível diante dos vossos soluços e inerte para vos deitar a mão!»

Mas... como será maior ainda o seu infortúnio, no inferno!

Leia-se o que o Espírito Santo disse das desgraças, dos lamentos, dos remorsos, do desespero dos insensatos no inferno, que vêm a reconhecer tarde demais a própria estupidez e desgraça, por terem desprezado a Sabedoria de Deus.

Só no inferno é que começam a falar sabiamente.

Desejemos, pois, e procuremos unicamente a Sabedoria: «Ela é mais preciosa do que as pérolas; e não há tesouro que a possa igualar».

Qualquer que seja o dom de Deus ou sejam quais forem os tesouros celestiais que possais desejar — se não desejardes a Sabedoria — estareis a desejar algo que lhe é muito inferior.

Ah!... se conhecêssemos quão grande é este tesouro infinito da Sabedoria, criado para o homem — e reconheço nada ter dito a propósito — suspiraríamos por ela noite e dia; voaríamos rapidamente de uma extremidade à outra da terra, e passaríamos alegremente através de fogo e sobre lâminas cortantes, se necessário fosse, na condição de merecê-la!

É necessário, porém, estar bem atento e não deixar-se enganar na escolha já que existem várias espécies de sabedoria.

Para Aprofundar:

- Como se manifesta em mim, a resistência semelhante á de Pedro, para com o amor do Senhor?

- O que reconheço em mim dos sentimentos de amor próprio de Pedro, de querer ser ele a salvar o Senhor?

- Confio no Amor de Deus' O que torna difícil a acreditar no Seu Amor?

Invoca Maria: Salvé Estrela do Mar

XVII - De novo escravos

Prepara o teu coração

Invoca a Luz do Espírito Santo: Vinde Espírito Santo

Cada momento constitui uma ocasião para dizermos não á liberdade de filhos de Deus, ou um sim ao Seu amor filial. O homem está sempre em caminho: avançando em direcção á sua própria identidade que o move, ou recuando, atraído pela escravidão que também conhece. Também o povo de Israel se sentiu ameaçado na liberdade que Deus lhe concedeu.

Qual é a grande tentação do filho? Aquela de voltar a ser escravo. Voltar a uma imagem errada de Deus. Vivendo como escravos, considera-se Deus como um patrão e não como um Pai. Dizer-se “filho”, limitando-se a cumprir normas por dever, impede-nos de apreciar a paternidade de Deus. O filho, pelo contrário é chamado a servir a Deus de forma livre.

O que pode abalar a nossa segurança, a certeza de sermos filhos? Por vezes assustamo-nos porque permanecer no bem é difícil e exige esforço, enquanto que o mal se nos apresenta fácil e agradável. Além disso, no coração esconde-se sempre a saudade que nos faz olhar para o passado. Existe sobretudo a ilusão, de que a liberdade consista em fazer o que se quer, gozar da vida, usando-a só para si, sem limites nem condicionamentos. Quando se escolhe a liberdade puramente exterior, superficial, num primeiro momento tudo parece correr bem e parece fantástico, mas depois regressa a escravidão de sempre.

Na Escola da Sabedoria

Da Carta de S. Paulo aos Gálatas 4, 8-11

Mas outrora, quando não conhecíeis a Deus, servistes os deuses que, na realidade, o não são. Agora, porém, tendo conhecido a Deus, ou melhor, sendo conhecidos por Deus, como é possível que vos convertais outra vez aos elementos fracos e pobres, querendo novamente ser escravos deles? Observais os dias e os meses, as estações e os anos! Temo, a vosso respeito, que afinal tenha sido em vão o trabalho que suporrei por vós.

Lemos no livro de Sirácide: «Filho, se te decides seguir o Senhor, prepara te para as tentações (2,1). A nossa identidade é essa de Filhos de Deus, mas por causa do pecado original, que nos separou d'Ele, a nossa relação filial ficou profundamente ferida e por isso sempre sujeita á tentação. Manter se adultos e livres, no espírito de abandono filial, exige uma contínua luta entre o desejo da autosuficiência e a aceitação de que somos criaturas. Cedemos á sedução, quando deixamos de colocar a nossa confiança no Senhor, e a colocamos nos ídolos que as nossas mãos vão construindo. Então, disse o papa Francisco, perdemos a a nossa identidade, o nosso nome de filhos, ao ponto de á pergunta : « como te chamas » respondemos : conta numero tal, banco tal... » ou então indicando « o numero de propriedades, e bens... », ou então « as coisas que temos, os ídolos » (homilia

da Manhã, 20 de Março de 2014). Existem sempre deuses que com o seu fascínio, a sua grandeza e o seu esplendor parecem tranquilizar-nos. Influenciados pela saudade da escravidão do passado, corremos o risco de voltar aos frágeis e pobres elementos do mundo. Assim a nossa vida deixa de obedecer á Palavra de Deus, passando a obedecer a outras forças que não nos dão nenhuma segurança, mas simplesmente condicionam por exigem a nossa liberdade.

O regresso á escravidão é uma ameaça constante, porque aparentemente, é mais tranquilizante e por vezes mais cómoda que o risco da liberdade. « Vós de facto cumpris dias, meses, estações e anos», denuncia o apóstolo Paulo! Contentar-se com as práticas religiosas cumprindo os tempos e os momentos estabelecidos para os ritos e outras práticas é mais fácil e menos exigente; pelo contrário corresponder ao amor recebido como Graça custa mais, porque coloca em causa a vida de cada um, em todos os seus aspectos. Se nos acontece de voltar á escravidão, perdendo a dignidade da filiação, temos sempre a possibilidade de levantar os olhos e dizer uma única palavra: « Pai ! » A resposta de Deus será unicamente a palavra « Filho » (papa Francisco, Homilia da manhã, 20 de Março 2014).

Na Escola de Montfort

Do Tratado da Verdadeira Devoção, 87-89.173

Tendo em conta a nossa fraqueza e fragilidade, é muito difícil conservarmos as graças e os tesouros recebidos de Deus. Porque trazemos este *tesouro*, mais valioso do que o Céu e a terra, *em vasos de argila* ou seja, num corpo corruptível e numa alma fraca e inconstante, que por nada se perturba e desfalece. Porque os demónios, que são ladrões muito astutos, querem-nos apanhar de imprevisto, para nos roubar e despojar. Para isso espiam de noite e dia o momento favorável. Rondam incessantemente, prontos para nos devorar e nos arrebatam num só momento, por um único pecado, tudo o que ganhámos em graças e méritos durante muitos anos. A sua malícia, a sua experiência, as suas astúcias e o seu número devem-nos fazer temer imensamente esta desgraça, já que outras pessoas, mais cheias de graça, mais ricas de virtudes, mais fundadas na experiência e elevadas em santidade, foram surpreendidas, roubadas e lamentavelmente despojadas. Ah! Quantos cedros do Líbano, quantas estrelas do firmamento se não têm visto cair miseravelmente e perder, em pouco tempo, toda a sua elevação e lucidez? Donde proveio esta estranha mudança. O que faltou não foi a graça – que não falta a ninguém –, mas a humildade. Julgaram-se mais fortes e mais habilidosos do que eram; julgaram que podiam guardar os seus tesouros; fiaram-se e apoiaram-se em si mesmos; acharam a sua casa bastante segura, os seus cofres bastante fortes, para guardar o precioso tesouro da graça. Foi por causa desta confiança nas suas próprias forças — embora lhes parecesse que se apoiavam unicamente na graça de Deus – que o Senhor, infinitamente justo, permitiu que fossem roubados e abandonados a si mesmos. Ah! Se tivessem conhecido a admirável devoção que vou expor, teriam confiado o seu tesouro a uma Virgem poderosa e fiel, que ela teria guardado como um bem próprio fazendo até isso como se fosse um dever de justiça.

Porque é difícil perseverar no estado de graça por causa da incrível corrupção do mundo, este está, presentemente, tão corrompido que se torna quase inevitável que os corações, mesmo os mais religiosos, sejam manchados, se não pela sua lama, ao menos pela poeira. Assim, é quase um milagre alguém conservar-se firme no meio desta torrente impetuosa, sem ser arrastado; andar neste mar tormentoso sem ser ou submergido pelas ondas, ou pilhado pelos piratas e corsários; respirar este arpoluído, sem ser por ele afectado. Só a Virgem fidelíssima, que nunca foi vencida pelo demónio, sim só apenas ela, poderá operar um tal milagre em benefício daqueles e daquelas que a servem da melhor maneira.

Finalmente, o que mais eficazmente nos impelirá, de certa maneira, a abraçar esta prática de devoção é o reconhecer nela um maravilhoso meio de perseverança na virtude e na fidelidade. Porque será que a maior parte das conversões dos pecadores não são duradoiras? Porque recaem eles tão facilmente no pecado? Porque será que a maior parte dos justos, em vez de progredirem de virtude em virtude e de alcançarem novas graças, perdem muitas vezes as poucas virtudes e graças que possuem? Esta desgraça provém, como já acima demonstrei, porque, sendo o homem tão corrupto, tão fraco e inconstante se fia em si próprio, apoiando-se nas suas próprias forças e julgando-se capaz de guardar o tesouro das suas graças, virtudes e méritos. Ora, por meio desta devoção, entrega-se tudo quanto se possui nas mãos da Virgem santa e fiel, constituindo-a depositária universal de todos os nossos bens de natureza e de graça. Confiamo-nos à sua fidelidade, apoiamo-nos no seu poder, fundamo-nos na sua misericórdia e caridade, a fim de que conserve e aumente as nossas virtudes e méritos, apesar dos esforços que o demónio, o mundo e a carne fazem para no-los roubar. Dizemos-lhe, como um bom filho diria a sua mãe e um fiel servo à sua senhora: “*Guardai o meu depósito*”. Minha boa

Mãe e Senhora, reconheço que, por vossa intercessão, recebi até hoje mais graças de Deus do que tenha merecido e a minha triste experiência ensina-me que trago este tesouro num vaso muito frágil, e que sou demasiado fraco e miserável para o conservar em mim: *“Sou pequeno e desprezível”*. Suplico-vos que recebais em depósito tudo quanto possuo, e conservai-mo por vossa fidelidade e poder. Se me guardardes, nada perderei; se me sustentardes, não hei-de cair; se me protegerdes, estarei ao abrigo dos meus inimigos.

Para aprofundar?

- Em vez da relação de amor com o Senhor, prefiro a escravidão que consiste em seguir a voz do maligno?
- A que tentações e relações me abandono, buscando a minha glória?
- O que faço de concreto para viver a minha dignidade filial, sem a desbaratar entregando-me ás falas grandezas?

Invoca a Virgem Maria: Salvé Estrela do Mar

XVIII Pecador Perdoado

Prepara o teu coração

Invoca a Luz do Espírito Santo: Vinde Espírito Santo

Em cada ação e escolha, nós movemo-nos sempre entre egoísmo e amor. Nos tempos actuais difundiu-se a ideia de que as pessoas se tornam más, caem no erro, por necessidade, devido aos factores externos. A Palavra de Jesus pelo contrário anula a fatalidade do mal e diz-nos que a verdadeira raiz do mal está em nós. A realidade do pecado, faz portanto parte da nossa vida. O pecado não é apenas uma fragilidade ou limite, mas é também a tentativa de construir a vida sem Deus, isto é, sem amor. Por isso, o pecado paralisa-nos, fecha-nos em nós mesmos, causa divisões, faz tropeçar e caír. Envenena as nossas relações com os outros e com a criação. Faz morrer o que deve crescer e florir.

O erro está em pensarmos que somos justos, e sobretudo o pensar que o perdão de Deus nada pode fazer para mudar o nosso coração. Pelo contrário, "o Senhor está desejoso que Lhe digamos: "perdoa-me, ajuda-me a caminhar, transforma o meu coração!". O Senhor pode transformar o coração. Podes ser como filho que abandonou a casa, experimentou a miséria da distância de Deus. Quando tiveres a força para dizer: quero voltar para casa, encontrarás a porta aberta, Deus vem ao teu encontro porque te espera sempre, Deus espera-te sempre, Deus abraça-te, beija-te e faz festa. Este é o modo de ser do Senhor, esta é a ternura do nosso Pai Celeste" (papa Francisco, audiência de 2 de Outubro de 2013).

Na Escola da Sabedoria

Da Carta de S. Paulo aos Galatas 5, 16-21

Mas eu digo-vos: caminhai no Espírito, e não realizareis os apetites carnis. Porque a carne deseja o que é contrário ao Espírito, e o Espírito, o que é contrário à carne; são, de facto, realidades que estão em conflito uma com a outra, de tal modo que aquilo que quereis, não o fazeis. Ora, se sois conduzidos pelo Espírito, não estais sob o domínio da Lei. Mas as obras da carne estão à vista. São estas: fornicção, impureza,

devassidão, idolatria, feitiçaria, inimizades, contenda, ciúme, fúrias, ambições, discórdias, partidarismos, invejas, bebedeiras, orgias e coisas semelhantes a estas. Sobre elas vos previno, como já preveni: os que praticarem tais coisas não herdarão o Reino de Deus.

Existem dois modos diametralmente opostos de conceber a nossa existência. Um, segundo a carne: consiste em satisfazer as ambições da vida, das coisas, das pessoas e até de Deus, numa lógica de possessão; trata-se do amor de si que põe o eu no centro de modo egoísta. O outro modo de conceber a existência é ver tudo segundo o Espírito: consiste em assumir a existência com uma atitude de confiança perante a vida, no dom de si, colocando o Outro no centro.

S. Paulo explica com muita clareza e de forma muito concreta os efeitos de uma vida vivida segundo a carne, fazendo o elenco das suas obras. O egoísmo, traduz-se em escolhas de morte que atingem a relação consigo próprios e as relações interpessoais. O eu, passa a ser ídolo a quem se sacrifica a própria existência e a dos outros, vivendo a sexualidade de maneira desordenada movida pelo instinto não controlado. Deste desregramento vem a fornicação a impureza e a libertinagem. Também a relação com Deus fica desfigurada: não valorizando o Deus absoluto, a pesosa entrega-se à idolatria e da magia. Surge o desejo de se apropriar nestes poderes para controlar a própria vida e a dos outros. Por fim, ou outros são profanados: a excessiva preocupação consigo próprios, impede de estar atentos aos outros, pois são vistos como inimigos.

Por vezes temos medo de olhar de frente, assumindo, o mal que existe em nós, aquela parte de nós mais submersa e profunda onde não permitimos a ninguém de entrar. Temos medo de tomar consciência das nossas mortes, causadas pelo egoísmo e pela ilusão de sermos felizes sem passarmos pela Cruz. No entanto, é importante reconhecer, com verdade que em nós existe o pecado e confessarmos humildemente a nossa escravidão! Essa é a porta que nos abre à presença e ao abraço terno de Jesus, que derramou o seu Sangue por nós, diz o papa Francisco. Através desta porta entra em nós a salvação (cfr. papa Francisco, homilia 18 Setembro 2014). "Deste modo também as nossas dificuldades e as nossas quedas encontram um sentido. Também os nossos pecados encontram um sentido no amor de Deus, porque este amor de Deus revelado em Cristo, nos perdoa sempre, ama-nos tanto que nos perdoa sempre" (Angelus, 11 de Agosto 2013).

Na escola de Montfort

Do Amor da Sabedoria Eterna, 39

Mas!... Ó desgraça das desgraças!... Eis que esse vaso todo divino fragmentou-se em mil pedaços; a esplendorosa estrela caiu por terra; o sol brilhante cobriu-se de lama!

Eis aí o homem que peca e, pecando, perde a sua sabedoria, a sua inocência, a sua formosura e imortalidade. Perde, enfim, todos os bens que tinha recebido e vê-se agora assaltado por uma infinidade de males!

O homem tem o seu espírito todo embotado de trevas: já não vê mais nada. Tem o seu coração gélido para com Deus e já não O ama; a sua alma está manchada pelo pecado, assemelhando-se aos demónios. Tornam-se-lhe desordenadas as paixões, que já não controla. Resta-lhe a companhia dos demónios, de quem se torna morada e escravo. Vê-se atacado pelas criaturas, que lhe movem guerra.

Eis aí o homem que, num ápice, se tornou num escravo do demónio, no objecto da ira divina e na vítima do inferno.

Sente-se a si mesmo de tal maneira hediondo que, por vergonha, corre a esconder-se. É amaldiçoado e condenado à morte; é expulso do paraíso terrestre e não tem mais direito ao céu. É condenado a levar uma vida sem qualquer esperança de ser feliz: é um desgraçado a vagar sobre uma terra amaldiçoada. E será como maldito que ele morrerá para, depois da morte, se tornar como o demónio, condenado para sempre no corpo e na alma. E tudo isto para si mesmo e sua descendência.

Tal foi a desgraça tremenda em que o homem veio a cair, depois do pecado; tal foi a merecida sentença que a justiça divina pronunciou contra ele.

Para aprofundar

- Quais são os meus pecados frequentes (ações e comportamentos que os outros continuamente me apontam)?
- Quais as consequências que eles têm na minha relação com Deus, comigo mesmo e com os outros?
- Sei confessar ao Senhor: sou pecador?
- Entro nas chagas de Jesus dizendo-Lhe: Senhor estou aqui, aceita a minha pobreza, esconde nas tuas chagas o meu pecado, lava me com o teu sangue"?
- Valorizo com alegria, com simplicidade e assiduidade o sacramento da reconciliação?

Invoca a Virgem Maria: Salvé Estrela do Mar

Segunda Semana

“Espírito Santo, revela-me o Segredo de Maria”

Na segunda semana, aplicar-se-ão em todas as orações e ações de cada dia, a conhecer a Santíssima Virgem. Pedirão este conhecimento ao Espírito Santo, podendo ler e meditar o que sobre isto já dissemos. Rezarão, como na primeira semana, a Ladainha do Espírito Santo e o Ave Maris Stella, acrescentando um rosário cada dia ou, pelo menos, um terço, por essa intenção. (VD, 229)

Nesta segunda semana queremos conhecer Maria. Conhecê-la a ela para conhecer Jesus, para viver n’Ele e para que Ele viva em nós.

Que conhecimento? Podemos aproximar-nos de Maria com uma preocupação puramente intelectual. Assim conseguiremos avizinhar-nos de Maria e saber muitas coisas àcerca dela, mas, como diz Montfort, ficaremos a conhecê-la “de maneira apenas especulativa, árida, estéril e indiferença (VD 64). Montfort, pelo contrário tem em vista um conhecimento sapiencial de Maria, que englobe a mente e o coração e se traduza numa relação de amor com ela.

Para conhecer Maria, não podemos percorrer outra estrada que a de abrir o tesouro da Palavra de Deus. Maria, de facto, é Filha da Palavra de Deus. Maria, de facto, é Filha da Palavra, na medida em que foi descobrindo a sua identidade e a sua missão, confrontando se sempre com a Sagrada Escritura. E Maria vive animada pela

Palavra, porque Deus assim o quis e nela pensou pelo seu amoroso desígnio. Conhecer toda a riqueza de Maria, significa encontra-la no horizonte pascal de Cristo morto e ressuscitado, coração do Evangelho.

O nosso percurso desenrola-se, por isso através dos textos do Novo Testamento que nos orientam para a figura de Maria. A sua presença é realmente bela! Não é intrépida, mas robusta, harmoniosa, corajosa, vigilante, solícita e cheia de força e beleza. Sobretudo, inundada de uma fé profunda e simples. Como José, acolhemos o convite feito pelo Anjo a não temermos de acolher Maria (Cfr. Mt 2,20) e como o discípulo Amado aos pés da Cruz iremos acolhe-la entre os nossos bens mais preciosos (Jo 19, 27).

Conscientes de que conhecer Maria é um dom que nos vem do Alto, antes de iniciarmos a semana rezemos com as palavras de Montfort: “Jesus, concede-me de partilhar os sentimentos de reconhecimento, de estima, de respeito e de amor que tu viveste para com a tua santa Mãe” (VD 65)

XIX - Um coração que surpreende Deus

Prepara o teu coração

Invoca a Luz do Espírito Santo: Vinde Espírito Santo

O desejo de ser nada é incompreensível para nós, mas é verdadeiro e concreto, porque foi o verdadeiro desejo da Virgem de Nazaré que o viveu e concretizou: ser só para Deus, porque Deus é todo para Ela. Ser um nada, mas um nada amado por Deus.

Para Maria, a fonte da alegria está em reconhecer-se amada de forma gratuita por Deus, reconhecer-se objecto da sua benevolência e agradecer porque não a destinou para ser uma rainha poderosa, mas uma humilde Serva.

Com esta humildade, Maria conquistou o coração de Deus, canta Montfort: “

ò Virgem, tu sorprendeste Deus,

fizeste-O descer até nós.

Atraído pela tua beleza,

Assumiu a nossa humanidade,

não pode resistir. (C63,5)

Ainda hoje, Maria continua a atrair o Onnipotente, para vir ao encontro da nossa pequenez, e transformar-nos n’Ele, para realizar a união do Criador com a Criatura.

Deus bate á porta da nossa vontade e espera que se abra. Declara-se sempre como um amante e espera, porque Deus, só preenche a nossa vida, na medida em que nós nos abandonamos a Ele e dá-se inteiramente a nós quando nós nos damos inteiramente a Ele. Por isso devemos ser como Maria: Quando tivermos um coração semelhante ao dela para dizer Sim, Deus poderá dar-se a nós.

Na Escola da Sabedoria

Do Evangelho de S. Lucas, 1, 26-38

Ao sexto mês, o anjo Gabriel foi enviado por Deus a uma cidade da Galileia chamada Nazaré, a uma virgem desposada com um homem chamado José, da casa de David; e o nome da virgem era Maria. Ao entrar em casa dela, o anjo disse-lhe: «Salve, ó cheia de graça, o Senhor está contigo.» Ao ouvir estas palavras, ela perturbou-se e inquiria de si própria o que significava tal saudação. Disse-lhe o anjo: «Maria, não temas, pois achaste graça diante de Deus. Hás-de conceber no teu seio e dar à luz um filho, ao qual porás o nome

de Jesus. Será grande e vai chamar-se Filho do Altíssimo. O Senhor Deus vai dar-lhe o trono de seu pai David, reinará eternamente sobre a casa de Jacob e o seu reinado não terá fim.» Maria disse ao anjo: «Como será isso, se eu não conheço homem?» O anjo respondeu-lhe: «O Espírito Santo virá sobre ti e a força do Altíssimo estenderá sobre ti a sua sombra. Por isso, aquele que vai nascer é Santo e será chamado Filho de Deus. Também a tua parente Isabel concebeu um filho na sua velhice e já está no sexto mês, ela, a quem chamavam estéril, porque nada é impossível a Deus.» Maria disse, então: «Eis a serva do Senhor, faça-se em mim segundo a tua palavra.» E o anjo retirou-se de junto dela. (Lc 1, 26-38)

Através desta página do Evangelho de S. Lucas, podemos olhar para Maria com olhos humanos e conhecê-la concretamente na sua personalidade.

Uma geografia: Nazaré, uma pequena aldeia na periferia de Israel e do império romano.

Uma condição social: Virgem, prometida como esposa.

Um nome: Maria

Um coração: um misto de silêncio e escuta, de inquietação e de questões, de espera cheia de confiança na vinda do salvador do seu Povo!

Sobre esta pequena história humana fixa-se a graça divina. Existe portanto uma verdade sobre a Virgem de Nazaré, que pertence a Deus e está encerrada num nome: Maria, isto é a amada de Deus. É a cheia de Graça, assim Deus a olhou desde o primeiro instante do seu desígnio de amor. Fixou-se nela, bela, cheia de Graça.

“É bela a nossa mãe” papa Francisco, 8 de Dezembro 2013)

É aquela que foi e continuará ser a “cheia do favor divino”, digna da companhia de Deus: “o Senhor está contigo”.

Em Maria reconhecemos sobretudo de que modo Deus ama: Ama dando-Se a Si mesmo, com um amor que preenche completamente a vida e pede o abandono ao Mistério, sem nada pedir em troca. Antes de ser chamada a dar, a Virgem da Anunciação é chamada a acolher um Dom. Nisto consiste a Sua fé: a sua capacidade de estar atenta á entrada de Deus na sua existência, abrindo o coração, a alma e o corpo!

Maria deixa-se surpreender por um Deus que para se fazer homem, a escolheu exactamente a ela, uma simples mulher de Nazaré, que não vive nos palácios do poder e da riqueza, que não fez nada de extraordinário, mas que se abre á acção de Deus, que sabe confiar-se a Ele ainda que não compreenda tudo o que está a acontecer (papa Francisco, Homilia 13 de Outubro de 2013).

Da sua capacidade para se surpreender, nasceu o seu sim e com as palavras: “Eis-me sou a serva do Senhor”, Maria define-se a Si mesma, não em relação ao seu eu, mas em relação ao seu Deus. A sua identidade mais autêntica está em ser toda relativa á Santíssima Trindade, centro do qual nunca se afastou. No momento em que se declara, Serva do Senhor, Maria é verdadeiramente mulher livre, porque plenamente aberta a Deus: “è livre na liberdade de Deus, que se realiza no amor. E esta é a liberdade que Deus nos concedeu, e nós não devemos perdê-la: a liberdade de adorar Deus e de servir a Deus também nos nossos irmãos, estando atentos a eles” (papa Francisco, Homilia 5 de Julho de 2014).

Na escola de Montfort

Tratado da Verdadeira Devoção, 5. 14. 225

Maria é a excelente obra prima do Altíssimo, cuja posse e conhecimento reservou para Si. Maria é a Mãe admirável do Filho que quis reservá-la e preservá-la durante vida favorecendo a sua humildade. Por isso a tratou pelo nome de mulher, como a uma estranha embora no seu coração a estimasse mais que a todos os anjos e a todos os homens. Maria é a fonte sigilada e a esposa fiel do Espírito Santo, onde só Ele tem entrada. Maria é o Santuário da Trindade, onde Deus se encontra mais magnífica e divinamente que em qualquer outro lugar do universo, sem exceptuar a sua morada, acima dos querubins e serafins. Neste santuário, nenhuma criatura, por mais pura que seja, pode entrar a não ser por grande privilégio.

Com toda a Igreja, confesso que Maria, não sendo mais do que uma simples criatura saídas das mãos do Altíssimo, é menor do que um átomo, ou melhor, não é nada em comparação com a Magestade Divina, visto que só Deus é aquele que é. Por conseguinte, este grande Senhor, sempre independente e bastando-se a si

mesmo, não teve nem tem absolutamente necessidade da Virgem Maria para o cumprimento dos seus desígnios e para manifestação da sua glória. Basta-lhe querer para tudo operar.

Sempre que tu pensares Maria, ela pensará por ti em Deus. Sempre que tu glorificares e louvares Maria ela glorificará e louvará por ti o Senhor. Maria é toda relativa a Deus, eu tenho tanto prazer em apelidá-la “a pura relativamente a Deus”, ou seja, que não existe senão em relação a Deus, o eco de Deus, que não repete e não pronuncia senão Deus. Se tu dizes Maria, ela repete Deus.

Quando santa Isabel louvou Maria e lhe chamou bem-aventurada por ter acreditado, Maria, o eco fiel de Deus – respondeu com o seu magnificat: “a minha alma glorifica o Senhor”. O que Maria fez nessa ocasião, repete-o todos os dias. Sempre que é louvada, amada, honrada ou se lhe oferece algo, é Deus que é honrado, é Deus quem recebe pelas mãos de Maria e em Maria.

Para Meditar

1º- Deixo-me surpreender por Deus, ou fecho-me nas minhas seguranças?

2º- De que modo estou disposto a deixar Deus entrar na minha vida? Como respondo ao Seu convite?

3º- Tenhor medo do que Deus me pede ou poderia pedir-me?

4º- Maria adverte-me que servir a Deus é entregar tudo em suas mãos. Posso apresentar-me também eu como servo(a) do Senhor?

Invoca a Virgem Maria: Salvé Estrela do Mar

XX – Mulher de Ação

Prepara o teu coração

Invoca a Luz do Espírito Santo: Vinde Espírito Santo

Não basta aceitar que sou um dom de Deus, mas é preciso fazer da minha existência um Dom para os outros, porque tudo quanto recebemos o devemos dar. O amor que não se dá não é amor. Quem encontrou a luz não a pode ter para si, não a pode esconder, mas deve fazê-la brilhar á volta de si, iluminando e dando visibilidade a todas as coisas.

O facto de sermos amados é um chamamento a ser sinais de vida para os outros, e o outro pode ser para nós um tesouro se O soubermos escutar. Pode ser uma flor para cuidar, uma criança que pede para viver, uma irmã que pede uma obra de caridade, uma palavra de alento, um idoso que pede paciência para o escutares.

E necessário sair, de casa para rua, quer dizer do meu aconchego para ir ao encontro dos outros. A experiência de fé, quando é autêntica, faz mover os pés não é uma virtude para gente preguiçosa.

Por iso uma poetisa, Ala Merini, escreveu: « Maria quer dizer viagem, escuta, é uma asa veloz, ela que purifica o ambiente».

No movimentar-se de Maria é a Santíssima Trindade que se movimenta, se coloca em viagem, num movimento de amor para com os pequeninos. É a Trindade que vem á procura da humanidade ; o Verbo assume a carne, mas através da vida e do agir de Maria. Se Deus que se coloca em viagem, para vir ao nosso encontro nos surpreende, mais maravilhoso ainda é que Ele tenha escolhido de o fazer através da Virgem de Nazaré.

Na Escola da Sabedoria

Por aqueles dias, Maria pôs-se a caminho e dirigiu-se à pressa para a montanha, a uma cidade da Judeia. Entrou em casa de Zacarias e saudou Isabel. Quando Isabel ouviu a saudação de Maria, o menino saltou-lhe de alegria no seio e Isabel ficou cheia do Espírito Santo. Então, erguendo a voz, exclamou: «Bendita és tu entre as mulheres e bendito é o fruto do teu ventre. E donde me é dado que venha ter comigo a mãe do meu Senhor? Pois, logo que chegou aos meus ouvidos a tua saudação, o menino saltou de alegria no meu seio. Feliz de ti que acreditaste, porque se vai cumprir tudo o que te foi dito da parte do Senhor.»

A vocação, abre-se sempre a uma missão ! O mistério da Visitação diz-nos que a missão de Maria é trazer-nos Cristo. Chamada a conceber Jesus, ela deixa-se levar por Ele ao encontro das expectativas da humanidade e a sua viagem torna-se também a viagem do seu Salvador.

Trazendo-nos Cristo, Maria exerce também para connosco uma caridade surpreendente.

De onde nasce a viagem de Maria? O que a motiva ? Da escuta de uma Palavra de Deus :

Também a tua parente Isabel concebeu um filho na sua velhice e já está no sexto mês, ela, a quem chamavam estéril, porque nada é impossível a Deus.» (Lc 1, 36) e da atenção aos acontecimentos da vida, lidos no mais profundo de si mesma para colher o seu significado. Assim Maria é a mulher da escuta e da decisão que obedece á Palavra sem acanhamento!

A viagem de Maria, é na realidade uma viagem misionária, que a conduz longe de casa, a leva a lugares estranhos da sua realidade quotidiana, fá-la chegar em certo sentido, até aos confins por ela inatingíveis. Maria é a mulher das periferias. Jesus vindo a Ela, introduziu-a no dinamismo do amor divino que é sempre dom de si, vida que se comunica. Antes de mais, testemunha-nos que o facto de colocar Deus no centro da sua vida, implica descentrar-se. Escreve o papa Francisco : «quanto mais te unires a Jesus e Ele for o centro da tua vida, mais Ele te faz sair de ti mesmo, te descentra de ti e te abre aos outros » (Discurso 27 de setembro de 2013).

Correu apressadamente! É a urgência da missão, os seja a grande paixão que sentem aqueles que se deixam possuir por Deus e por Ele se deixam conduzir. O medo e a hesitação, não são compatíveis com a abertura do coração a Jesus e ao Seu Amor: pois que tudo isto impele á partilha, ao testemunho, levando a novas relações geradoras de comunhão!

Maria é uma mulher de Acção: é a nossa Mãe que vem sempre apressada em direcção a nós quando precisamos dela. Seria bom acrescentar nas ladainhas a invocação: “Senhora que corres apressadamente, roga por nós”. Isto é belo, não é verdade? Porque ela corre sempre apressadamente, não esquece os seus filhos” (papa Francisco, homilia, 26 de Maio 2013).

Acolher Maria na nossa vida, contemplando-a no seu deslocar-se pelas estradas do mundo qual serva de Deus e dos homens, pode ajudar-nos a superar a inércia da nossa vida espiritual, da banalidade que por vezes ocupa os nossos dias, das nossas manias de sucesso e grandeza.

A virtude da alegria caracteriza a totalidade do episódio da Visitação! Em Maria, essa alegria brota do facto de ela ter encontrado Deus que Lhe sussurra: “Quero-te bem, conto contigo”. Maria é a mulher cheia de alegria porque se encontra preenchida por Deus e compreendeu que tudo provém gratuitamente de Deus. A sua alegria de cristificada transforma se em cântico de louvor: “A minha alma glorifica o Senhor”.

Para meditar

1º - Como Maria vejo a urgência da acção Apostólica ?

2º - Estou disponível para me pôr a caminho indo de encontro aos outros ?

3º - Tenho já em mim Jesus para o poder levar aos meus irmãos?

Invoca a Virgem Maria: Salvé Estrela do Mar

XXI– Discípula da Sabedoria

Prepara o teu coração

Invoca a Luz do Espírito Santo: Vinde Espírito Santo

Eu dormia, mas de coração desperto. Chamam! É a voz do meu amado, batendo à porta: Ele Abre, minha irmã e amiga, pomba incomparável! (Ct 5, 2)

Dizer sim a Deus é fonte de felicidade para o ser humano por Ele criado, mas não é nada fácil, porque Deus não cessa de se dar a conhecer e nos surpreender á medida que nos vai falando, o seu revelar-se não termina. Ele está sempre para lá do que nos diz e das ideias que temos formuladas sobre Ele.

Ele vai sempre para lá, colocando-nos sempre numa atitude de busca e peregrinação. Muitas vezes no Evangelho aparece a expressão: “e afastando-se um pouco...”! Ele vai sempre, mas não desaparece nunca do nosso horizonte. Ele faz-se sempre encontrar porque para isso nos criou, convida-nos a sairmos de nós para irmos ao seu encontro.

Maria de Nazaré conheceu a fé que traz consigo um conteúdo sempre maior do que aquilo que ela foi capaz de compreender e por isso teve sempre necessidade de crescer na fé ao longo da vida, acompanhando os acontecimentos da vida, sempre numa atitude de disponibilidade. Ao mesmo tempo sempre precisou de aprofundar a sua fé. A sua fé não se reduziu a uma fria adção da mente, a uma verdade revelada, mas é experiência de Deus, do seu amor.

Este Mistério abarca toda a sua pessoa e a sua vida, Maria deixou-se conduzir docemente ao longo da sua existência, renovando em cada dia a sua adção. Escolheu depender da Palavra da qual se diz Serva, por isso a sua vida foi um constante depender do Outro, nunca Senhora, mas sempre serva.

Na Escola da Sabedoria

Do Evangelho de S. Lucas, 2, 41-52

Os pais de Jesus iam todos os anos a Jerusalém, pela festa da Páscoa. Quando Ele chegou aos doze anos, subiram até lá, segundo o costume da festa. Terminados esses dias, regressaram a casa e o menino ficou em Jerusalém, sem que os pais o soubessem. Pensando que Ele se encontrava na caravana, fizeram um dia de viagem e começaram a procurá-lo entre os parentes e conhecidos. Não o tendo encontrado, voltaram a Jerusalém, à sua procura. Três dias depois, encontraram-no no templo, sentado entre os doutores, a ouvi-los e a fazer-lhes perguntas. Todos quantos o ouviam, estavam estupefactos com a sua inteligência e as suas respostas. Ao vê-lo, ficaram assombrados e sua mãe disse-lhe: «Filho, porque nos fizeste isto? Olha que teu pai e eu andávamos aflitos à tua procura!» Ele respondeu-lhes: «Porque me procuráveis? Não sabíeis que devia estar em casa de meu Pai?» Mas eles não compreenderam as palavras que lhes disse. Depois desceu com eles, voltou para Nazaré e era-lhes submisso. Sua mãe guardava todas estas coisas no seu coração. E Jesus crescia em sabedoria, em estatura e em graça, diante de Deus e dos homens.

Esta narração do Evangelista Lucas, pode ser muito bem uma das tantas histórias de uma família qualquer. Maria José, com Jesus cumprem a peregrinação a Jerusalém. Todavia no centro do acontecimento está Jesus que se apresenta como a Sabedoria, iluminando assim o caminho de fé de Maria.

Jesus aos doze anos pronuncia a palavra Pai falando da Sua relação com Deus. Repetirá esta mesma palavra pela última vez na Cruz, quando se consumar a sua oferta. “Pai, nas tuas mãos entrego o meu espírito” (Lc 23,46). Nesta cena emerge o segredo de Jesus, isto é a sua irrenunciável relação com o Pai que está nos Céus. “devo ocupar-me. Este Filho portanto é muito mais do que o Filho de Maria e de José. É o Filho de Deus. A nova relação que nasce tem significado para Maria pois convida-a a entrar no mistério pascal do seu Filho: perder-se a si mesma como a mãe na carne encontrar-se enquanto Mãe na fé, serva do Senhor e discípula. Torna-se filha do filho, deixa-se por ele gerar, dia após dia pela fé e á fé.

Em Maria que perdeu o Filho e o encontrou, vemos o risco que também nós corremos de perder Jesus, mas também vemos neste acontecimento a humildade de que precisamos para continuar a procurá-Lo e reconhecê-lo tal como Ele é e não como nós gostaríamos que fosse. Este seguimento passa pela disponibilidade de O seguir lá onde ele nos levar, onde ele nos quer, na casa do Pai, na intimidade com Ele, com as suas coisas, isto é a fazer a Sua vontade.

Maria torna-se discípula de seu Filho, quando á sua volta nem tudo é claro, e no silêncio da fé e obscuridade do coração guarda a Sua Palavra meditando-a para que seja essa palavra a dirigir os acontecimentos. É este o seu percurso de fé.

O Papa Francisco exclama: “Devido a esta peregrinação na fé, Maria vivia com uma especial dificuldade interior: experimentou o cansaço. Mas isto não é cansaço é um trabalho amoroso. Guardar a Palavra de Deus exige trabalho: o trabalho de procurar o que significa cada momento, cada situação em confronto com a Palavra de Deus. Trata-se de ler a vida á luz da palavra de Deus e isto significa guardar.” (papa Francisco, homilia 8 de Junho 2013)

Por isso Maria é a mulher sábia, que não deixa passar os acontecimentos da vida de modo banal e sem significado, sem deixar marcas e sem consequências para a sua caminhada.

Na Escola de Montfort

Amor da Sabedoria Eterna, 221-22

Para sermos num certo sentido, mais sábios do que Salomão, convém colocar nas mãos de Maria tudo quanto possuímos e o próprio tesouro dos tesouros, Jesus Cristo, afim que Ela O guarde em nós. Somos vasos demasiado frágeis, para pensarmos que sozinhos, sem a ajuda de Maria, podemos guardar em nós Sabedoria que é Jesus. Estamos circundados de inimigos demasiado espertos e oportunistas, não confiemos em nós, na nossa força e nossa prudência. Temos demasiada experiência da nossa leviandade natural: duvidemos da nossa sabedoria, quando se trata das realidades espirituais. Isto para nosso bem.

- Maria é Sábia: Coloquemo-nos em suas mãos, ela saberá dispor de nós e de quanto nos pertence para a maior glória de Deus.

- Maria é Caridosa: ama-nos como Filhos e como servos. Ofereçamos-lhe tudo. Não perderemos nada e ela fará que tudo seja para nosso favor.

- Maria é Generosa: restitui mais do que o que lhe entregamos. Demos-lhe tudo o que somos, os bens que possuímos, sem reservas, e receberemos cem por um.

- Maria é Potente: ninguém pode arrancar das suas mãos o que lhe foi confiado. Confiemo-nos a ela, ela nos defenderá e fará vencer, na luta contra os inimigos.

- Maria é fiel: não deixa perder nem delapidar o que lhe foi confiado. É por excelência a Virgem Fiel a Deus e aos homens. Guardou com fidelidade tudo o que Deus lhe confiou, sem desperdiçar a mínima parte, e também agora guarda com particular cuidado quantos se colocam sob a sua protecção.

Confiemos por isso, todas as coisas á sua fidelidade. Avizinhemo-nos dela como a uma coluna que não pode ser demolida, como a uma âncora que não pode ser levantada, ou melhor como a uma montanha, a montanha de Sião que não pode ser removida.

Por mais cegos, débeis e inconstantes que sejamos por natureza e por mais astutos que sejam os nosso inimigos, não nos enganaremos, não correremos risco, nunca nos perderemos, nem nunca perderemos a Graça de Deus e o infinito Tesouro da Sabedora Eterna, se nos confiarmos á Sede da Sabedoria. (ASE, 221-22)

Para Meditar

1º- Aceito na minha vida espiritual a dinâmica perder e encontrar?

2º- O que devo encontrar na minha vida espiritual, porque considero ter perdido?

3º- No silêncio e obscuridades, aprendo com Maria a ser discípula

XXII– Mulher do Vinho Novo

Prepara o teu Coração

Invoca a Luz do Espírito Santo: Vinde Espírito Santo

Muitas realidades da nossa vida não são eclatantes, não fazem ruído, fazem se sentir apenas a como um sussurro e apenas os olhos do coração as conseguem aperceber delas, como reflexos que transmitem esperança. De facto não se vê bem com os olhos do coração, “O essencial é invisível aos olhos” (Saint-Éxupéry).

É vnecessário por isso afinar o olhar para reconhecer o Invisível que se fez visível, afinar o ouvido para perceber as palavras que vêm do Céu, obscurecer o próprio “eu” para hospedar Deus no espaço do coração dedicado a Ele.

Deus não se manifesta no vento impetuoso e barulhento, nem no terramoto que abala o deserto e nem sequer no fogo que alastra no montão. Pelo contrário, manifesta-se na brisa ligeira do vento, como um orvalho matinal.

Maria é aquela que vê com o coração: por detrás da alegria pode esconder-se uma sede, por detrás de uma palavra e um rosto humano, pode ser que o próprio Deus se ofereça como Vida. Quando se vê com o coração, ama-se ou seja, a água transforma-se em vinho. Simplesmente, Maria como em Nazaré entregou a sua vontade fazendo-a coincidir com a vontade de Deus, assim em Caná ela confiou o seu desejo de uma festa mais completa, ao coração daquele que é Onnipotente no Amor

Na Escola da Sabedoria

Do Evangelho de S. João 2, 1-12

Ao terceiro dia, celebrava-se uma boda em Caná da Galileia e a mãe de Jesus estava lá. Jesus e os seus discípulos também foram convidados para a boda. Como viesse a faltar o vinho, a mãe de Jesus disse-lhe: «Não têm vinho!» Jesus respondeu-lhe: «Mulher, que tem isso a ver contigo e comigo? Ainda não chegou a minha hora.» Sua mãe disse aos serventes: «Fazei o que Ele vos disser!» Ora, havia ali seis vasilhas de pedra preparadas para os ritos de purificação dos judeus, com capacidade de duas ou três medidas cada uma. Disse-lhes Jesus: «Enchei as vasilhas de água.» Eles encheram-nas até cima. Então ordenou-lhes: «Tirai agora e levai ao chefe de mesa.» E eles assim fizeram. O chefe de mesa provou a água transformada em vinho, sem saber de onde era - se bem que o soubessem os serventes que tinham tirado a água; chamou o noivo e disse-lhe: «Toda a gente serve primeiro o vinho melhor e, depois de terem bebido bem, é que serve o pior. Tu, porém, guardaste o melhor vinho até agora!» Assim, em Caná da Galileia, Jesus realizou o primeiro dos seus sinais miraculosos, com o qual manifestou a sua glória, e os discípulos creram nele. Depois disto, desceu a Cafarnaúm com sua mãe, os irmãos e os seus discípulos, e ficaram ali apenas alguns dias.

Ficamos admirados com a sensibilidade da Mãe de Jesus que em Caná intuiu as dificuldades que se estavam a viver naquela festa de núpcias e como essa sensibilidade deu voz a um gemido não expresso: “ Não têm vinho”. Maria é a Virgem atenta que sabe ver, mais sabe prever. O que vê na realidade? Co centro do episódio narrado pelo Evangelista S. João, está a pessoa de Cristo, o

mistério da Sua morte e ressurreição, o dom da salvação, anunciado no sinal da água transformada em vinho. Jesus é a festa e o “vinho novo” que falta no banquete da vida, o vinho da nova Aliança que Deus estabelece com a humanidade! Maria que escolheu estar ocupada com as coisas do Filho, como o Filho está ocupado com as coisas do Pai, percebe que o mundo antigo está a desaparecer, que a Antiga Aliança já está ultrapassada. Porque a novidade de Deus se tornou presente em Jesus Cristo.

Maria é Aquela que intercede: em caná contemplamos a sua mediação de mulher que não nega a sua maternidade, mas apresenta a Jesus, com uma abertura confiante e disponibilidade serena, a sede de festa e de alegria da humanidade.

Maria é “a discreta que faz silêncio para que o Filho realize o sinal, aquela que facilita a cada momento esta realidade, não como ordenante nem protagonista, mas sim como serva; a estrela que se sabe apagar para que o Sol se manifeste” (Cardeal Bergoglio, Omilia, 7 de Outubro de 2011).

Maria é a Mãe que cede o lugar para que chegue a Graça que pela fé transforma em “vinho novo” a nossa existência e identidade aguada.

Quando vimos bater á porta da casa de Maria, ela abre-nos sempre a porta, convida-nos a entrar, mostra –nos o seu Filho e mais ainda, diz-nos: «Fazei o que Ele vos disser!». Respondamos-lhe: “Sim, Nossa Mãe, nós empenhamo-nos a fazer o que Jesus nos disser! E o faremos com esperança, confiantes nas surpresas de Deus e cheios de alegria” (Papa Francisco, Omilia, 24 de Julho 2013).

Na Escola de Montfort

Do Tratado da Verdadeira Devoção, 208.62.164

O segundo dever de amor que a Santíssima Virgem exerce para com os seus servos fiéis é que os provê de tudo, seja referente ao corpo como à alma. Dá-lhes vestes duplas, como acabámos de ver; oferece-lhes os alimentos mais deliciosos da mesa de Deus; alimenta-os com o Pão da vida que se formou nela mesma. Por isso lhes dirá, pela boca da Sabedoria – *“Meus filhos, saciai-vos com os meus frutos”*; enchei-vos de Jesus, o fruto de vida que eu gerei e coloquei no mundo para vós... *Vinde – dir-lhes-á – comei do meu pão, bebei do meu vinho que vos preparei; Comei, amigos, bebei; Inebriai-vos, caríssimos: Vinde, comei o pão que é Jesus; bebei o vinho do seu amor, ao qual eu misturei para vós o leite das minhas ternuras maternas.*

Por ser a tesoureira e despenseira dos dons e graças do Altíssimo, a Virgem santa assegura-lhes uma boa porção, direi mesmo a melhor, para nutrir e conservar os seus filhos e servos. E estes, saciados com o Pão da vida e inebriados com o Vinho que gera Virgens, e *levados ao colo e acariciados sobre o seu regaço*, experimentam tanta felicidade em carregarem o jugo de Jesus Cristo, que quase lhe não sentem o peso, devido ao óleo da devoção em que Ela, a Virgem, o faz dissipar.

Se, pois, nós estabelecemos uma sólida devoção à Santíssima Virgem, não será senão para mais perfeitamente estabelecer a de Jesus Cristo, e para dar às almas um meio fácil e seguro de encontrarem Jesus⁸³. Se a devoção à Santíssima Virgem afastasse de Jesus Cristo, deveríamos repeli-la como uma ilusão do demónio; mas, muito pelo contrário, como já o provei e voltarei a mostrar mais adiante, esta devoção é-nos indispensável para encontrar perfeitamente Jesus Cristo, para amá-lo ternamente e servi-lo com fidelidade. Na verdade, faz parte da missão própria da Santíssima Virgem guiar-nos com segurança a Jesus Cristo, assim como faz parte da missão própria de Jesus Cristo guiar-nos com segurança ao Pai. E não julguem erradamente as pessoas espirituais que Maria seja para elas impedimento para alcançarem a união com Deus. Seria, porventura, possível que Aquela que achou graça diante de Deus, para todos em geral e para cada um em particular, fosse obstáculo a uma alma para encontrar a grande graça da união com Deus? Seria possível que Maria pudesse impedir uma alma de se unir perfeitamente a Deus, sendo ela repleta e superabundante em graças e que viveu tão unida e transformada em Deus que Ele se sentiu na obrigação de encarnar nela?

É bem verdade que a visão de outras criaturas, embora santas, poderia talvez retardar a união divina em certas circunstâncias. Mas não Maria, como já disse e não me cansarei de repetir. Uma das razões porque tão

poucas almas atingem a plenitude da idade de Jesus Cristo, é porque Maria, sendo hoje como sempre, a Mãe do Filho e a Esposa fecunda do Espírito Santo, não está suficientemente enraizada nos seus corações. Quem desejar possuir o fruto bem maduro e formado deve ter a árvore que o produz. Quem desejar o fruto de vida, Jesus Cristo, deve ter a árvore de vida, que é Maria. Quem quiser ter em si a acção do Espírito Santo, deve ter a sua fiel e indissolúvel Esposa, Maria Santíssima, que o torna fértil e fecundo como já antes afirmámos.

Para Aprofundar

- Maria dirige-me também a mim o convite: “fazei o que Ele vos disser”. Como ressoa este apelo aos meus ouvidos?

- Como vivo a dimensão da intercessão de Maria na minha experiência de fé?

- Estou atento às necessidades de quem me está ao lado e apresento essas necessidades a Jesus como fez Maria?

Invoca a Virgem Maria: Salvé Estrela do Mar

XXIII – Maternidade que se Expande

Prepara o teu coração

Invoca a Luz do Espírito Santo: Vinde Espírito Santo

É difícil acreditar que a dor possa ser fecunda. No entanto, a vida germina sempre através do sofrimento. Assim verificamos, pela experiência da maternidade segundo a carne, pela experiência de uma meta conquistada, pela experiência de uma vida que surge maravilhosa e por vezes inesperada quando tudo parece falar de morte, pela experiência de uma flor que surge.

É o ciclo da vida, como nos recorda Jesus: "Se o grão de trigo, lançado a terra não morre, permanece só ; se morrer da muito fruto" (Jo 12,24).

Isto passa- se também na vida da fé. Todos lá nascemos, no coração aberto de Jesus e no coração de Maria, que ferida pela dor, se apercebeu que além de ser Mãe segundo a carne, era Mãe espiritual de todos os discípulos: uma maternidade que se expande. Lançados nela, Forma Dei, também nós somos modelados para que a imagem do Filho, seja impressa em nossos corações.

A verdadeira devoção, coloca nos numa relação toda particular com Maria, relação que Montfort exprime desse modo: "eu transporto a no meu coração, reproduzida com traços de glória, Ainda que na obscuridade da fé. Ela é o oratório divino, onde sempre encontro Jesus" (C 77,15). Aceitar Maria como mãe e viver na sua dependência, segundo o exemplo de Jesus, sem temor algum de permanecer, os ficados na sua interioridade. Maria ama-nos, educa-nos para a vida de fé, ampara-nos nas dificuldades, faz-nos crescer na santidade.

Na Escola da Sabedoria

Do Evangelho de S. João 19, 25-27

Junto à cruz de Jesus estavam, de pé, sua mãe e a irmã da sua mãe, Maria, a mulher de Clopas, e Maria Madalena. Então, Jesus, ao ver ali ao pé a sua mãe e o discípulo que Ele amava, disse à mãe: «Mulher, eis o teu filho!» Depois, disse ao discípulo: «Eis a tua mãe!» E, desde aquela hora, o discípulo acolheu-a como sua.

A vida de Jesus encontra o Seu significado e cumprimento na Cruz, onde não retém nada para Si mesmo, nem sequer a Mãe. Dela, aos pés da cruz, não se narram gritos, lamentos nem sequer palavras. É transmitido apenas o seu silêncio, com o qual envolve o mistério que não compreende, permitindo que esse se desenvolva e floresça na esperança (Cfr. Papa Francisco, homilia matinal, 20 de Dezembro de 2013).

De Maria não transparece angústia, mas sim a coragem da sua presença afectuosa ao lado do Filho. De facto não está "junto a cruz", apenas sob o ponto de vista físico, está sim envolvida na dor de Jesus e sofre com Ele, levando até ao pleno cumprimento o "eis-me aqui" da Anunciação. Como para Jesus, também, para Maria, tudo está consumado.

As palavras de Jesus, tem um enorme significado! A expressão "discípulo amado" não se refere apenas João, mas todos os discípulos de todos os tempos. Jesus, na hora da morte, entrega a Maria todos os discípulos como filhos, e do mesmo modo entrega a todos eles Maria como Mãe. Aos pés da Cruz ela uma vez mais a mulher peregrina e estrangeira que não tem morada própria e se deixa "fixar" por Deus. E a mulher que desde o início até ao fim, deixa que Deus decida por ela sobre a sua vida, capaz de um amor que surpreende, porque não tem nada mais para dar, aceita ser ela própria um dom!

As palavras de Jesus soa uma vez mais, vocação para Maria: são um chamamento a que ela alargue a sua maternidade, a que a expanda a todos os viventes, ara que a todos chegue a vida que surge do lado aberto do Filho.

"Eis o teu Filho .. eis a tua Mãe": esta Palavra como toda a Palavra de Deus cumpre se hoje na nossa vida! No tesouro da nossa vida, entre os nossos bens mais precisos, devemos acolher este dom porque "não temos o direito de ser órfãos. Há uma Mãe! Temos uma Mãe! (Papa Francisco, discurso, 25 de Outubro de 2014).

Nos acolhemos Maria como Mãe espiritual se lhe permitimos que ela exerça a sua ação materna, se com amor filial fixamos o olhar sobre ela e a imitamos. Pudéssemos dizer de Maria, o que se refere à Sabedoria: "decidi partilhar com ela a minha vida... Deus dos nossos pais e Senhor da misericórdia, ela sabe o que é agradável aos teus olhos e conforme aos teus decretos" (Sb 8, 9.9,9)!

Na Escola de Montfort

Segredo de Maria, 14.16-8

Maria recebeu de Deus um domínio especial sobre as almas para as alimentar e fazer crescer em Deus.

Santo Agostinho diz mesmo que, neste mundo, os cristãos autênticos são inteiramente enclausurados no seio de Maria, e são dados à luz apenas quando esta boa mãe os gera para a vida eterna.

Por conseguinte, assim como a criança vai buscar todo o nutrimento à sua mãe, que lhe proporciona o alimento necessário à sua fragilidade, assim também os cristãos vão procurar em Maria todo o nutrimento e todo o vigor espiritual.

Esta comparação está na linha do famoso texto de Santo Agostinho, que afirma a maternidade divina no tocante aos cristãos: Maria "é, evidentemente, mãe dos membros de Cristo, que somos nós, já que deu a colaboração do seu amor de forma a nascerem na Igreja os fiéis, que são membros daquela Cabeça" (*Sobre a Santa Virgindade*, 5-6; PL 40, 399).

Maria é chamada por Santo Agostinho, e de facto assim é, a *Forma Dei*, imagem viva de Deus; isto quer significar que somente n'Ela foi formado Deus como homem perfeito, sem faltar-Lhe qualquer traço da divindade; e também que só n'Ela pode o homem ser transformado em Deus — tanto quanto a natureza humana o permita-pela graça de Jesus Cristo.

Um escultor pode reproduzir ao natural uma estátua ou um retrato de duas maneiras: aplicando todo o seu talento na matéria dura e informe, usando de toda a força, de toda a ciência e perfeição das suas ferramentas para reproduzir a estátua; ou então, metendo-a simplesmente num molde.

O primeiro método é demorado, é difícil e está sujeito a diversos inconvenientes: por vezes bastará uma pancada de cinzel ou uma martelada mal dada para estragar toda a obra.

O segundo, ao contrário, é rápido, suave e delicado, quase sem despesa e sem fadiga, desde que o molde seja perfeito e que reproduza com exactidão, e desde que a matéria utilizada seja maleável e não oponha resistência ao seu manejo.

É Maria o maravilhoso molde de Deus, criado pelo Espírito Santo para formar em perfeição um Homem-Deus através da união hipostática (=união das duas naturezas), e para tornar o homem participante da natureza

divina mediante a graça. Maria é esse molde a que não falta o mais leve traço da divindade: quem for metido nele e se deixar plasmar por ele, adquire todos os traços de Jesus Cristo, verdadeiro Deus, e isso de forma suave e em consonância com a fragilidade humana, sem tantos sacrifícios nem fadigas; e ainda de forma segura, sem medo de ilusões, já que o demónio não teve e nunca virá a ter qualquer acesso a Maria; finalmente e ainda de maneira santa e imaculada, sem a mais leve sombra de pecado.

Oh!, alma querida, quão grande é a diferença entre uma alma formada em Jesus Cristo pelos meios ordinários como os escultores — que confiam apenas no seu engenho, no seu talento — e a outra em que se está diante duma alma muito maleável, desapegada, bem fundida e que, recusando fiar-se em si mesma, deixa-se plasmar apenas pela acção do Espírito Santo!

Quantas manchas, quantos defeitos, quantas sombras, quantas ilusões, quanto de natural e humano existem no primeiro método!... E quão puro, quão divino e quão semelhante a Jesus Cristo é o segundo!

Para aprofundar

- Quais são os fundamentos da minha devoção a Maria? Acredito que acolher Maria consiste em responder com fidelidade a vontade do Senhor?

- Estou consciente da missão maternal de Maria na minha vida espiritual?

- Experimento a ação materna de Mariano âmbito da minha vida interior, que me torna aís conforme com a vontade de Cristo?

Invoca a Virgem Maria: Salvé Estrela do Mar

XXIV – No Coração da Igreja

Prepara o teu coração

Invoca a Luz do Espírito Santo: Vinde Espírito Santo

Nenhum de nos é feito para a solidão. Isto é verdade também para a a nossa experiência de discípulos do Senhor. Não somos aventureiros solitários, porque a existência cristã tem sempre uma natural dimensão comunitária.

O Evangelho suscita constantemente o desejo da comunhão, de fazer parte do povo de Deus de edificar a Igreja e de viver a dignidade desta vocação. O caminho de santidade desenvolve se sempre dentro da comunidade dos batizados, porque a luz da fé conduz nós sempre a olhar a própria vida não centrada em nós mesmos mas como uma dimensão de abertura aos outros.

Uma vez mais pé a fé de Maria que gera para a vida é para a Igreja a quem dá força e estímulo. E a Mãe que plasma no coração nobres sentimentos e desejos, novos projectos e capacidades. Ela nos estimula a recebermos o soprado Espírito, para sermos corajosos apóstolos, capazes de acender o fogo da caridade e a luz da verdade.

Em Maria, mãe da Igreja, também nos integrando a comunidade dos discípulos de Jesus somos chamados a ser mães de Cristo, no sentido de acompanhar, colaborar e fazer nascer e crescer Cristo

no coração dos irmãos. Tal atitude consiste em oferecer-lhe a nossa carne, com a humildade e coragem de Maria, para que Ele possa continuar a habitar no meio dos homens.

Palavra de Deus

Do Livro dos Atos dos Apóstolos (At 1, 12-14. 2, 1-4),

Desceram, então, do monte chamado das Oliveiras, situado perto de Jerusalém, à distância de uma caminhada de sábado, e foram para Jerusalém. Quando chegaram à cidade, subiram para a sala de cima, no lugar onde se encontravam habitualmente. Estavam lá: Pedro, João, Tiago, André, Filipe, Tomé, Bartolomeu, Mateus, Tiago, filho de Alfeu, Simão, o Zelota, e Judas, filho de Tiago.

E todos unidos pelo mesmo sentimento, entregavam-se assiduamente à oração, com algumas mulheres, entre as quais Maria, mãe de Jesus, e com os irmãos de Jesus.

Quando chegou o dia do Pentecostes, encontravam-se todos reunidos no mesmo lugar. De repente, ressoou, vindo do céu, um som comparável ao de forte rajada de vento, que encheu toda a casa onde eles se encontravam. Viram então aparecer umas línguas, à maneira de fogo, que se iam dividindo, e poisou uma sobre cada um deles. Todos ficaram cheios do Espírito Santo e começaram a falar outras línguas, conforme o Espírito lhes inspirava que se exprimissem.

Toda a vida de Maria foi vivida sob a proteção da potência do Espírito, pelo qual ela se deixou conduzir e na Igreja nascente ela está presente acompanhando os que foram considerados fiéis depois da provação da Cruz. Em todos os tempos, a comunidade cristã será fiel se mantiver presente no seu interior a presença da Virgem Maria. O Papa Francisco sublinha a profundidade da relação que une Maria e a Igreja: "contemplando Maria, descobriremos o rosto mais belo da Igreja; e contemplando a Igreja, reconhecemos os traços sublimes de Maria. Nós cristãos, não somos órfãos, temos uma mãe, esta realidade é enorme! Não somos órfãos! Lá Igreja e mãe, Maria e mãe!" (Audiência, 3 de Setembro de 2014).

Maria na Igreja é um coração de mãe que não apenas gera a vida mas que também faz crescer na fé, acompanha, trabalha as consciências dispondo as ao arrependimento. É um germen é sinal de comunhão que agrega.

E mãe que no silêncio guarda o mistério de Deus e purifica os olhos dos apóstolos com o colírio da memória, conservando desse modo a presença do Senhor. Ela continuamente encaminha para a autenticidade de Cristo, não adulterado, para que a comunidade do Ressuscitado não perca nunca as suas raízes e possa sempre ansiar por pela novidade sempre nova em esperança.

Mãe da beleza que surge da perseverança e da fidelidade quotidiana. É a firmeza dos dias que se opõe à tentação da indiferença, de cruzar os braços, faz despertar da sonolência da preguiça interior, da mesquinhez e do pessimismo para que se redescubra com alegria, como Igreja Serva, humilde e fraterna.

E Mãe da ternura, que envolve com paciência e misericórdia: ajuda a libertar das tristezas e da rigidez. Intercede junto do Seu Filho para que as nossas mãos, os nossos pés e o nosso coração se disponham a edificar a Igreja (cfr Papa Francisco, homilia de 23 de Maio de 2013) E Mãe dos "apóstolos dos últimos tempos". Suscita ainda hoje homens e mulheres, todos de fogo e servos do Evangelho. Estimula os com o seu exemplo, inflama os com o seu amor, anima os com a sua coragem.

Como o discípulo amado, também nos, acolhendo Maria, acolhemos a comunidade cristã que nasce com ela no Cenáculo. Por este motivo a nossa devoção a Maria e também Consagração a Igreja.

Para aprofundar

- A devoção a a Maria, abre o meu coração à dimensão comunitária da fé e aumenta em mim a consciência de que sou Igreja?

- A devoção a Maria interpela me para viver na concórdia e fraternidade?

- A devoção a Maria estimula em mim uma verdadeira perseverança na oração e um apaixonado desejo de servir o Reino de Deus na comunidade cristã ?

Invoca a Virgem Maria: Salvé Estrela do Mar

Terceira Semana

“Senhor, que eu Te conheça”

Empregarão a *terceira semana* a conhecer Jesus Cristo. Poderão ler e meditar o que a este respeito também dissemos, e ler a oração de Sto. Agostinho, que vem no princípio desta segunda parte²⁹⁰. Poderão dizer e repetir, com o mesmo Santo, mil e mil vezes ao dia: “*Noverim te*: Senhor, que eu Vos conheça!”, ou então: “*Domine, ut videam*: Senhor, fazei que eu compreenda quem sois Vós”. Rezarão, como nas semanas precedentes a Ladainha do Espírito Santo e o *Ave-Maris Stella*, e acrescentarão todos os dias a Ladainha do Santo Nome de Jesus. (VD 230)

(texto a colocar no retro da página onde será colocado o título)

“E vós quem dizeis que Eu Sou?” Mt 16,17): o itinerário desta terceira semana tem como ponto de partida a pergunta com a qual Jesus nos interpela e que espera de nós hoje uma resposta. Neste percurso, deixemo-nos mover pela humildade, pois não é possível dar a resposta sem o auxílio da Graça de Deus. O Conhecimento de Jesus, é um percurso a fazer: é preciso ir levantando o véu que O cobre. Conhecemos Jesus apenas, graças a uma revelação, como aconteceu no episódio do Seu batismo recebido da parte de João, quando os Céus se abriram; como no dia da morte sobre a Cruz, quando o Véu do templo se rasgou de alto a baixo.

Por outro lado, não é suficiente saber quem é Jesus. Conhecer Jesus implica amá-Lo! Se o amor é a abordagem ao conhecimento de Jesus Cristo, o amor é também o ponto de partida. Para conhecer Jesus, é preciso que O procuremos. Para O procurarmos, devemos ter sede d’Ele, sentir a sua ausência, porque, exclama Montfort: “De que nos serviriam todas as outras ciências, mesmo sendo de necessárias, para a nossa salvação, se não tivermos a ciência de Cristo, a única necessária, á qual todas as outras nos devem conduzir” (ASE 12). Se acolhermos e deixarmos entrar Jesus em nossos corações, então o nosso conhecimento àcerca d’Ele vai-se tornando cada vez mais uma relação de amor e ternura com Ele.

Precisamos de abrir três portas para chegarmos ao conhecimento de Jesus, diz-nos o papa Francisco: primeira porta: rezar a Jesus... sem oração, nunca conheceremos Jesus. Nunca! Segunda porta: celebrar Jesus. Não basta rezar a Jesus, precisamos da alegria da celebração. Celebrar Jesus nos seus sacramentos, porque é através deles que ele nos dá a vida, nos dá a força, nos dá o alimento, o conforto, renova a Aliança e nos confia a missão. Sem a celebração dos Sacramentos, não chegaremos a conhecer Jesus... terceira porta: imitar Jesus. Apropriar-se do Evangelho: o que é que Ele fez, como foi a Sua vida, o que é que nos disse, o que nos ensinou e então procurara imitá-Lo” Homilia da manhã, 16 de Maio 2014).

XXV - Eu sou a Água Viva

Prepara o teu coração

Invoca a Luz do Espírito Santo: Vinde Espírito Santo

O nosso interior está cheio, bem o sabemos, de desejos, expectativas, esperanças e por vezes corremos o risco de ficar confusos nesta situação de uma certa insatisfação.

Não é errado ter desejos, esperanças, pois essas são os sonho e a mola que faz avançar o mundo. Mas a vida não consiste em satisfazer uma falta aparente na tentativa de colmatar uma falta aparente. Pelo contrário, diz santo agostinho: “nisto consiste a nossa vida, em exercitar-mo-nos no desejo” porque o desejo escava o coração e torna-o profundo. Esta realidade leva-nos portanto a deixar que Jesus nos exercite no desejo, deixando que seja Ele o próprio desejado e que Ele nos deseje. Jesus é aquele que faz despertar em nós o desejo, fazendo despontar a insatisfação, para que não nos contenetemos com a mediocridade. Ele faz surgir em nós a suspeita de que exista algo mais na nossa vida, que ainda não atingimos e isso faz surgir em nós uma saudade de algo que ainda não conseguimos, o que aumenta o nosso desejo de procurar.

Confessar com o salmista: Ó Deus, Tu és o meu Deus! Anseio por ti! A minha alma tem sede de ti; todo o meu ser anela por ti, como terra árida, exausta e sem água. (Sl 63,2), significa acolher o convite de Cristo: “se alguém tem sede venha a mim e beba” (Jo 7,37).

Na Escola da Sabedoria

Do Evangelho de S. João 4, 5-26

Chegou, pois, a uma cidade da Samaria, chamada Sicar, perto do terreno que Jacob tinha dado ao seu filho José. Ficava ali o poço de Jacob. Então Jesus, cansado da caminhada, sentou-se, sem mais, na borda do poço. Era por volta do meio-dia. Entretanto, chegou certa mulher samaritana para tirar água. Disse-lhe Jesus: «Dá-me de beber.» Os seus discípulos tinham ido à cidade comprar alimentos. Disse-lhe então a samaritana: «Como é que Tu, sendo judeu, me pedes de beber a mim que sou samaritana?» É que os judeus não se dão bem com os samaritanos. Respondeu-lhe Jesus: «Se conhecesses o dom que Deus tem para dar e quem é que te diz: ‘dá-me de beber’, tu é que lhe pedirias, e Ele havia de dar-te água viva!» Disse-lhe a mulher: «Senhor, não tens sequer um balde e o poço é fundo... Onde consegues, então, a água viva? Porventura és mais do que o nosso patriarca Jacob, que nos deu este poço donde beberam ele, os seus filhos e os seus rebanhos?» Replicou-lhe Jesus: «Todo aquele que bebe desta água voltará a ter sede; mas, quem beber da água que Eu lhe der, nunca mais terá sede: a água que Eu lhe der há-de tornar-se nele em fonte de água que dá a vida eterna.» Disse-lhe a mulher: «Senhor, dá-me dessa água, para eu não ter sede, nem ter de vir cá tirá-la.» Respondeu-lhe Jesus: «Vai, chama o teu marido e volta cá.» A mulher retorquiu-lhe: «Eu não tenho marido.» Declarou-lhe Jesus: «Disseste bem: ‘não tenho marido’, pois tiveste cinco e o que tens agora não é teu marido. Nisto falaste verdade.» Disse-lhe a mulher: «Senhor, vejo que és um profeta! Os nossos antepassados adoraram a Deus neste monte, e vós dizeis que o lugar onde se deve adorar está em Jerusalém.» Jesus declarou-lhe: «Mulher, acredita em mim: chegou a hora em que, nem neste monte, nem em Jerusalém, haveis de adorar o Pai. Vós adorais o que não conheceis; nós adoramos o que conhecemos, pois a salvação vem dos judeus. Mas chega a hora - e é já - em que os verdadeiros adoradores hão-de adorar o Pai em espírito e verdade, pois são assim os adoradores que o Pai pretende. Deus é espírito; por isso, os que o adoram devem adorá-lo em espírito e verdade.» Disse-lhe a mulher: «Eu sei que o Messias, que é chamado Cristo, está para vir. Quando vier, há-de fazer-nos saber todas as coisas.» Jesus respondeu-lhe: «Sou Eu, que estou a falar contigo».

Este encontro entre Jesus e a samaritana, traz consigo a característica do quotidiano viver e da espontaneidade. No poço de Jacob, Jesus encontra a sede da mulher e revela esta sede nos seus meandros mais profundos e secretos: a exigência concreta, ligada às necessidades vitais, a algo mais que o imediato. A esta mulher falava a água para matar a sede do corpo, mas falta sobretudo a serenidade e a paz para viver as suas relações com Deus e com os outros, quer sentir-se amada e não sabe amar. Está à procura de Deus.

A samaritana, diz-nos que os homens de todos os lugares e de todos os tempos procuram uma vida bela e feliz, justa e boa, uma vida que não esteja ameaçada pela morte, mas que possa atingir a plenitude.

O ser humano é este viandante que atravessando os desertos da vida, tem sede de água viva, a jorrar fresca de uma fonte limpa, capaz de dessedentar em profundidade os seus desejos de luz, beleza, amor e paz. Todos temos este desejo!

Também Jesus revela a sua sede de encontrar corações ressequidos ao qual se possa oferecer como nascente de água viva. Escavando os corações, chegamos ao mais profundo dos desejos humanos.

Jesus é o pedaço de madeira seca que transformou a água amarga em água doce em Mara (Ex 15, 22-24)

Jesus é a rocha do deserto de onde surgiu a água para o povo sedento! (Ex 17, 1-2)

É nascente de água doce, boa que não provoca doenças e mau estar.

Jesus não é apenas um viandante sedento ou um profeta que conhece os corações e os seus mais profundos desejos, mas é o Messias da Verdade e da Vida.

Será Messias de Verdade e de Vida, também para nós se deixamos que Ele se sente no poço dos nossos corações e dilate os nossos horizontes, se tivermos a coragem de lhe dirigir a pergunta que temos dentro de nós no mais profundo de nós, mas que por vezes silenciámos: “Jesus dá-me dessa água que me sacia para a Eternidade.”

O que traduz o nome Jesus? O nome próprio da sabedoria Encarnada, se não caridade ardente, amor infinito, e encantável doçura?

Jesus salvador, Aquele que salva o homem, Aquele que tem como missão amar e salvar! Nada de mais suave se canta, nada de mais suave se escuta, nada de mais belo e nada de mais doce do que a palavra Jesus!

Óh como é doce ao ouvido e ao coração de uma alma predestinada o nome de Jesus! “É mel na sua boca, melodia no ouvido, júbilo no coração!” Jesus é doce no rosto, doce nas palavras, doce nas acções.

O amabilíssimo Salvador tinha um rosto de tal maneira doce e bom que invadia os corações e os olhos de quantos o viam. Os pastores que vieram ao seu encontro na gruta foram atraídos pela Sua doçura e suavidade do seu rosto. Os reis, mesmo os mais orgulhosos, apenas conheceram as doces atrações desta criança, deposto todo o orgulho ajoelharam-se e adoraram-no na mangedoura.

Jesus é doce nas palavras. Enquanto viveu na terra, conquistou muitos com a sabedoria das palavras, e nunca se ouviu levantar a voz nem discutir com animosidade, tal como tinha predito o profeta: “Não gritará nem alcará a voz, mas fará ouvir nas praças a sua voz”. Quem O escutou apaixonadamente ficou atingido pelas suas palavras de vida que saíam da Sua boca, tanto que exclamavam: “Nunca ninguém falou como fala este homem”!

E quem o odiava, muito surpreendido pela sua eloquência e sabedoria das Suas palavras, perguntava-se: “De onde lhe vem toda esta sabedoria?”

Muitos milhares de humildes pessoas abandonaram as suas casas e as famílias para O irem escutar até ao deserto, passando dias a segui-Lo, expondo-se à fome e à sede., apenas saciados da suavidade da sua presença. E com a doçura do falar, quase como uma isca, atraiu os Apóstolos a segui-lo, curou os doentes, consolou os aflitos. A Maria Madalena, desolada apenas disse: “Maria” e encheu-a de toda a alegria e doçura. (ASE 120-122)

Para Meditar

1º - De que coisa tenho sede na minha vida?

2º - De que poço tenho andado a beber?

3º - Posso encontrar Jesus sentado no poço da minha vida. Na oração, na Eucaristia, na Confissão, na Sua Palavra na Sagrada Escritura, nos irmãos. Sei valorizar os encontros onde posso encontrara a Água Viva?

XXVI – Eu sou a Luz do mundo

Prepara o teu coração

Invoca a Luz do Espírito Santo: Vinde Espírito Santo

A visão é um dos dons preciosos que nos foi concedido. A vista apesar de pequena, é capaz de conter a imensidão, a sua pupila é a janela através da qual a luz oferece o milagre da visão! Porém quando nos falta, avançamos às cegas, inseguros e a beleza da vida parece obscurecer se.

Existe também o drama da cegueira interior, quando os olhos da mente e do coração estão ofuscados pelo pecado. Diz o Papa Francisco: “talvez os nossos olhos estejam doentes por vermos tantas realidades que não são de Jesus, ou são mesmo opostas a Ele: realidades mundanas, realidades que não fazem bem á fé, nem á alma. E assim a luz vai-se apagando lentamente e sem nos darmos conta acabamos por viver na obscuridade porque perdemos o hábito de ver e imaginar as coisas á maneira de Jesus”. (Homilia, 16 de Março de 2014)

Quando somos atingidos pela humana presunção de ver, esquecendo a nossa realidade de cegos, o Senhor aconselha-nos a ir comprar colírio para que possamos unguir os nossos olhos e assim recuperar a vista (Ap 3, 18). A contemplação de Jesus, abre em nós os olhos da fé que sabe ver para além das aparências e das evidências dos acontecimentos, para podermos ir além do aparente fixando-nos no essencial. Se nos deixarmos iluminar por Cristo, luz do mundo, experimentamos a alegria de ser libertados da sombra da morte. Trata-se de ser chamados á luz e renascer.

Na Escola da Sabedoria

Do Evangelho de S. Marcos 8, 22-25

Chegaram a Betsaida e trouxeram-lhe um cego, pedindo-lhe que o tocasse. Jesus tomou-o pela mão e conduziu-o para fora da aldeia. Deitou-lhe saliva nos olhos, impôs-lhe as mãos e perguntou: «Vês alguma coisa?» Ele ergueu os olhos e respondeu: «Vejo os homens; vejo-os como árvores a andar.» Em seguida, Jesus impôs-lhe outra vez as mãos sobre os olhos e ele viu perfeitamente; ficou restabelecido e distinguia tudo com nitidez.

A vista é um dos dons mais belos que o ser humano possui. O olho ainda que pequeno, é capaz de conter coisas imensas e a pupila é a janela através da qual a luz nos permite ver imensas coisas. No entanto, quando a luz se apaga, ficamos na obscuridade, chegam então a insegurança, o medo a vida perde qualidade.

Existe também o drama da cegueira interior, quando os olhos da mente e do coração são ofuscados pelo pecado.

Diz o Papa Francisco : “talvez os nossos olhos estejam um pouco doentes porque vemos tantas realidades que não são de Jesus, são mesmo contrárias a Jesus: realidades mundanas que não fazem bem á fé da alma. E assim esta luz vai-se apagando lentamente e sem darmos por isso

encontramo-nos na escuridão porque nos desabituíamos de ver a realidade de Jesus (Homilia, 16 de Março 2014).

Quando a presunção de ver nos assalta, e esquecemos que somos cegos, também a cada um de nós o Senhor aconselha a comprar colírio para ungirmos os olhos e recuperarmos a vista (cf Ap 3,18).

Fixar-se em Jesus e escutar as Suas palavras, abre em nós os olhos da fé que sabe penetrar o mais profundo dos acontecimentos, para que indo para além da aparência vejamos o essencial da vida e dos acontecimentos.

Deixando nos iluminar por Cristo, luz do mundo, experimentamos a alegria de ser libertados das sombras da morte. Isto será como um nascimento.

Quem é Jesus?

E aquele que faz resplandecer a vida e transfigura toda a obscuridade. Ele vem chamar os seres das trevas para a luz da fé, da escuridão da dúvida à luz da Verdade. Vem para nos dar a confiança de podermos ver de novo, libertando-nos da angústia de uma existência apagada.

Se a vida cristã é um caminho “de luz em luz”, até à Luz da plena glória, a experiência do cego revela-nos também a nossa grande dificuldade em crer. Vemos a dificuldade interior de cada um de nós, que somos incapazes de chegar apenas, com as suas forças à Luz e à Vida. Somente o encontro com Cristo ressuscitado pode abrir os olhos e enchê-los de esplendor.

Por isso Jesus nos diz : “Eu sou a Luz do mundo” (Jo 8,12). Mas como é Luz que Ele nos oferece? Não é uma luz fria que torna frio o que ilumina, mas uma luz quente que alegra o coração do homem e o transforma com o seu calor.

Não é como a luz que o mundo nos oferece – diz o Papa Francisco – forte como um fogo de artifício, ou um flash de fotografia; é pelo contrário uma luz humilde, tranquila é uma luz de paz. É uma luz como a da noite de Natal: sem pretensões. A luz de Jesus não faz espetáculo, pois é uma luz que inunda o silêncio dos corações. Podemos reconhecê-la porque não é uma luz que se impõe pela força, pois é humilde, e vem com a força da humildade. É uma luz que fala ao coração e é uma luz que nos oferece a Cruz.

Jesus é Luz porque traz ao mundo a revelação de Deus e do seu vulto atento e terno, não hostil, nem indiferente. Graças a essa luz, aprendemos a olhar para nós mesmos, e aos outros de um modo novo. Com esta nova Luz compreendemos o sentido da vida e da morte.

Na Escola de Montfort

Amor da Sabedoria Eterna, 92-95

A Sabedoria Eterna comunica o seu Espírito fonte de luz à alma que a possui. “Por isso orei e veio a mim a sabedoria”. Com este Espírito subtil e penetrante o homem torna-se como Salomão, capaz de julgar todas as coisas com grande discernimento e profundidade: “considerar-me ao prudente nos juízos e admirado frente aos poderosos”. Graças à Sabedoria, que me comunica o seu Espírito, se reconhecerá a perspicácia da minha sabedoria nos juízos! Os mais poderosos ficarão admirados quando me observarem.

A sabedoria não dá ao homem ao homem apenas a luz para conhecer a verdade, mas também a capacidade de a fazer conhecer aos outros: “O Espírito do Senhor...conhece todas as línguas.”

A Sabedoria conhece tudo o que se diz e comunica ciência para o bem o dizer. De facto “a sabedoria abriu a boca dos mudos e soltou a língua das crianças”. A sabedoria libertou a língua de Moisés que estava presa. Deu a sua palavra aos profetas para arrancar e demolir, para destruir e abater, para edificar e plantar, ainda que esses tenham confessado não saberem falar melhor do que uma criança se estivessem sós e abandonados a si mesmos.

A Divina sabedoria é palavra na eternidade e no tempo. Por isso sempre falou, e com a sua palavra todo criou e recriou. Falou por meio dos profetas, dos apóstolos e falará até ao fim dos tempos pela boca de todos aqueles a quem se comunicar.

Para Meditar

1º Tenho vivido momentos de cegueira interior?

2º O que ofusca o meu coração impedindo-me de ver claro?

3º Deixo-me iluminar por Cristo e experimento que a sua Luz dissipa as minhas trevas)

Invoca a Virgem Maria: Salvé Estrela do Mar

XXVII – Eu sou a Porta

Prepara o teu coração

Invoca a Luz do Espírito Santo: Vinde Espírito Santo

A porta é algo com o qual nos confrontamos diariamente, tem muitos significados e diante de uma porta surgem sentimentos muito diferentes e inesperados, o medo, a insegurança, o temor, a hesitação. O sentido do desconhecido alterna-se com a curiosidade, a esperança a alegria. Diante de uma porta somos sempre convidados a decidir, entrar ou não. Cada porta ultrapassada, significa deixar o conhecido para entrar no desconhecido que nos espera.

Há uma porta que todos buscamos, que é a porta da felicidade. Acontece que nos corredores desta viagem da vida, passamos diante de tantas portas que nos convidam a entrar e nos prometem a felicidade; no entanto, entrando por elas damos-nos conta que essa felicidade dura pouco e não tem futuro.

Jesus diz-nos que existe uma porta que nos permite entrar na família de Deus, no calor da casa do Pai e da comunhão com ele. Esta porta é o próprio Jesus.

“Certo que esta porta é uma porta estreita, mas não porque seja uma sala de tortura ou nos leve para o abismo, mas porque nos pede que abramos o nosso coração a Sua pessoa, pede que nos reconheçamos pecadores, necessitados de salvação, do seu perdão, do seu amor, pede-nos para sermos humildes para podermos acolher a Sua misericórdia e nos deixarmos renovar por Ele”. (Papa Francisco na 25 Agosto 2013)

Na escola da Sabedoria

Do Evangelho de S. João 10, 7-10

Então, Jesus retomou a palavra: «Em verdade, em verdade vos digo: Eu sou a porta das ovelhas. Todos os que vieram antes de mim eram ladrões e salteadores, mas as ovelhas não lhes prestaram atenção. Eu sou a porta. Se alguém entrar por mim estará salvo; há-de entrar e sair e achará pastagem. O ladrão não vem senão para roubar, matar e destruir. Eu vim para que tenham vida e a tenham em abundância.

Eu sou a Porta, diz Jesus de si mesmo. Nas suas palavras colhemos o dinamismo da vida. A vida é um entrar e um sair, é intimidade e comunhão, partilha e conhecimento, liberdade e encontro. Se não houvesse a possibilidade desta passagem não seria possível a vida. Jesus é uma porta bela, uma porta de amor, não é falsa, não engana porque diz sempre a verdade com ternura. A Porta que é Jesus nunca se encontra fechada, mas está sempre aberta a todos, sem distinção sem exclusão. Ele é porta mas também caminho, única passagem para a salvação, o único que conduz ao Pai.

Apesar de sabermos isso, “*nós somos tentados a querer ter as chaves da interpretação de tudo a chave e o poder de fazer nós o nosso caminho, por onde quer que seja, tentados a encontrar nós a nossa porta. É a tentação de procurara outras portas que não seja Ele, para entrarmos no Reino de Deus*”. Papa Francisco, homilia 22 Abril 2013).

Sabemos no entanto que quantos entram por essas portas, construídas por si mesmos, vêm a encontrar-se num abismo do qual é difícil sair e contra a qual a pessoa sozinha nada pode. Quem entra por essas portas, encontra a morte, porque quem procura a vida e a felicidade longe de Cristo, encontra apenas amargura e destruição.

Por vezes, temos medo de passar através de Jesus Cristo, pois temos medo que isso signifique renunciar a alguma coisa de belo e de grande, de único que nos realize como pessoas e torne bela a nossa existência. Mas na realidade, só nesta amizade com Cristo de abrem as portas da vida e experimentamos a liberdade.

Então é importante rezar para termos a força para resistir á tentação de ir á procura de portas, talvez mais fáceis, confortáveis e próximas, para podermos seguir o Caminho e termos a força de bater na porta certa.

Para realizarmos uma grande obra, precisamos da energia interior, que nos permita agir. Esta energia só se pode receber numa atitude de abertura face á fonte da energia, que vem sempre de Outro.

Cristo, na Sua caminhada foi-nos ensinando sempre onde de vinha a força para a sua acção.

A Palavra Pai, assinala o início e o fim da sua presença terrena. Mt 6,9. 11,25; Lc 11,2; Jo 17,1;Mc 14,36.39)

Ele recebe a força que vem de Deus seu Pai, através da oração na qual persevera, com ternura e confiança.

Para que nos fixemos na porta por onde devemos entrar, somos talvez chamados a seguir o evangelista Marcos, quando nos convida a uma espécie de retiro, isto é alguns momentos de

intimidade com o Senhor Jesus. No cap 6 de Marcos, temos essa preocupação de Jesus em chamar a si os discípulos, para os sensibilizar para a obra que é preciso cumprir (Mc 6,32).

Cristo considera que entrar por Ele, que é a porta para nos nos introduzir na casa paterna, implica momentos de intimidade.

Para Meditar

1º- Por acaso, tenho atravessado portas que me levam á morte?

2º- estou disposto a passar pela Porta que é Jesus, ou bato a outras portas?

3º- Jesus é uma porta estreita. De que devo desprender-me para passar por Ele?

Invoca a Virgem Maria: Salvé Estrela do Mar

XXVIII- Eu sou o bom Pastor

Prepara o teu coração

Invoca a Luz do Espírito Santo: Vinde Espírito Santo

Nas parábolas evangélicas há imagens que parecem pertencer a um passado longínquo, porque um pouco fora de uso entre nós. Por exemplo as expressões Rei ou Pastor. Hoje dizem-nos pouco ou nada, sobretudo também porque temos a tentação de pensar que nós somos reis e pastores de nós mesmos, pretendendo assim afirmar a nossa autonomia. No entanto a experiência diz-nos que em cada dia muitos pretendem afirmar-se como reis e pastores da vida de cada um de nós e proponhem-se a nós como guias e mestres.

Assim acontece em vários ambitos, na moda do vestir, no que devemos comer e sobretudo no que devemos pensar. E todos estes pretensos reis e pastores nos oferecem propostas de salvação e felicidade! Na realidade muitas vezes corremos o risco de seguir falsos pastores, que criam modelos de comportamento e de bem estar que vão empobrecendo a nossa liberdade e capacidade de escolha. Infelizmente existe a tentação em que muitos caem de seguir esses pastores, com medo de saír do rebanho.

A imagem do pastor diz-nos alguma coisa apenas se estamos desorientados e a nossa vida corre risco. Sentimos na verdade necessidade de um guia que nos conduza á vida em abundância?

Se estamos demasiado convencidos de que conseguimos resolver tudo sozinhos e sozinhos nos realizarmos, se sentimos que não precisamos de um pastor de um guia. O salmista nos adverte:

*Esta é a sorte dos que confiam em si mesmos,
o fim dos que se comprazem nas suas palavras:
como um rebanho, caminham para o sepulcro,
e a morte será o seu pastor;
no dia seguinte, os justos passam-lhes por cima
e a sua imagem vai-se desvanecendo;
o sepulcro será a sua morada permanente (Sal 49, 14-15).*

Na escola da Sabedoria

Do Evangelho de S. João 10, 11-18

Eu sou o bom Pastor: o bom Pastor dá a sua vida pelas ovelhas. O mercenário, e o que não é pastor, de quem não são as ovelhas vê vir o lobo deixa as ovelhas e foge e o lobo arrebatá-as e dispersa-as. Ora o mercenário foge, porque é mercenário, e não tem cuidado das ovelhas. Eu sou o bom Pastor, e conheço as minhas ovelhas, e as minhas ovelhas conhecem-me. Assim como o Pai me conhece a mim, também eu conheço o Pai, e dou a minha vida pelas ovelhas. Tenho ainda outras ovelhas que não estão neste redil; também estas Eu preciso de as juntar e elas ouvirão a minha voz, e haverá um só rebanho e um só Pastor. É por isso Por isto o Pai me ama, porque dou a minha vida para a retornar. Ninguém ma tira de mim, mas sou Eu quem a dou; tenho poder para a dar, e poder para tornar a tomá-la. Foi este o mandamento que recebi de meu Pai.

Eu sou o Bom Pastor! Jesus, através do Evangelho, transmite-nos esta defenição da sua pessoa e da sua missão! Jesus não se afirma como um bom pastor, mas como O BOM PASTOR, o único; o único que conhece o lugar secreto das pastagens abundantes, do cansço aliviado; o único capaz de nos libertar do medo e da morte, da angústia da huna condição.

Quantos mercenários acariciam os nossos desejos e procuram seduzir-nos com ilusões destinadas ao fracasso!

Muitos também hoje, como no tempo de Jesus, se propõe como pastores da nossa existência; mas apenas o Ressuscitado é o verdadeiro Pastor, que nos dá a vida em abundância (Papa Francisco, 11 Maio 2014).

Bondade e beleza, encontram-se em Jesus: è o Bom Pastor porque belo, de uma beleza que fascina e conquista o coração. Essa beleza que se esconde por detras das palavras: “A minha vida sou eu quem a dou”. Na beleza de quem oferece a vida, contemplamos a liberdade extrema de Jesus e o seu verdadeiro poder: Aquele de entregar a vida para a retomar de novo por amor. Jesus, então é o bello pastor porque Cordeiro, tal como o apresenta o Percursor!

O interesse de Jesus é que nós vivamos e por isso mesmo colocou em jogo a própria vida, sacrificando-se, imolando-se por nós. Jesus não veio para roubar o que é nosso, a nossa liberdade ou autonomia; pelo contrário, Ele apenas dá. A única coisa que realmente tirou a cada um de nós foi o pecado e a nossa incredulidade!

Jesus como Bom Pastor faz-nos sair, sair para fora, “expulsa para fora do recinto” da velha condição de morte. Cada um de nós tem os seus recintos, aos quais se encontra constrangido, mas também comodamente instalado. Jesus é aquele que entra no recinto em que estamos prisioneiros e nos liberta, poisveio para libertar.

Jesus é o Bom Pastor que por vezes se coloca diante de nós para nos indicar a estrada e alimentar a nossa esperança; outras vezes está simplesmente no meio do rebanho, próximo de todos; outras vezes ainda caminha atrás de nós para ajudar os que caminham com dificuldade e cansaço. (Papa Francisco, Ev G, 31)

Jesus não nos decepciona, não nos engana, Ele não é um ladrão, não é um salteador, deu a vida por cada um de nós. Cada um de nós deve dizer ao Senhor:

“ *Tu deste a vida por mim, por favor abre a porta para que eu possa entrar*” Peçamos esta graça de bater sempre na porta certa e dizer ao Senhor: quero entrar por esta porta e não por outra.

Na escola de Montfort

Tratado da Verdadeira Devoção, 61

O fim último de qualquer devoção deve ser Jesus Cristo, salvador do mundo, verdadeiro Deus e verdadeiro homem. Caso contrário, seria uma devoção falsa e enganadora. Jesus Cristo é o Alfa e o ómega, o Princípio e o fim de todas as coisas. Um só é o fim do nosso ministério – escreve S. Paulo – fazer com que todos os homens alcancem o conhecimento do Filho de Deus, para constituir o homem perfeito, à medida da estatura da plenitude de Cristo. (Ef 4, 13) Na verdade só em Cristo “habita corporalmente toda a plenitude da divindade, com todas as outras plenitudes de graça, virtude e perfeição.

Para Meditar

1º - Experimento Jesus como o Bom Pastor, na minha vida quotidiana?

2º- Confio-me a Ele em cada dia?

3º- Deixo-me guiar pela sua voz?

Invoca a Virgem Maria: Salvé Estrela do Mar

XXIX- Eu sou o Pão da Vida

Prepara o teu coração

Invoca a Luz do Espírito Santo: Vinde Espírito Santo

O Homem nasce faminto de vida, de amor e sobretudo de eternidade. Cada um de nós procura um pão que nos alimente nos momentos de aflição, que nos mantenha, nesta nossa condição de nómadas e peregrinos; um pão que impeça de sejamos uma presa fácil dos nossos medos e das nossas falsas seguranças. Temos necessidade de um pão que nos conduza a aceitar a morte na vida, para que esta não seja reduzida a uma pura sobrevivência. Ansiamos por um alimento que traga esperanças a cada novo dia!

No entanto, nesta nossa busca, muitas vezes esquecemos que a resposta á nossa fome, não está nas coisas e no entanto continuamos gastar dinheiro por aquilo que não é pão e continuamos a usar o fruto das nossas canseiras por aquilo que não nos sacia (Is 55,2)

A plenitude de vida, pelo contrário desce do Céu, como o maná do deserto, preanúncio daquele pão que o Espírito amassou, que foi cozido pelo fogo do amor no seio de Maria e que ternura e carinho foi deposto na manjedoura de Belém, , a “Casa do pão”.

Como diz o papa Francisco é importante que aprendamos a reconhecer o falso pão que nos ilude e corrompe, porque é fruto do egoísmo, da auto-suficiência e do pecado, e por isso o papa nos ensina a rezar: “Jesus, defende nos das tentações do pão mundano que nos torna escravos, porque é um alimento envenenado” (homilia da manhã, 19 de Junho 2014).

Na escola da Sabedoria

Do Evangelho de S. João 6, 48-58

Eu sou o pão da vida. Os vossos pais comeram o maná no deserto, mas morreram. Este é o pão que desce do Céu; se alguém comer dele, não morrerá. Eu sou o pão vivo, o que desceu do Céu: se alguém comer deste pão, viverá eternamente; e o pão que Eu hei-de dar é a minha carne, pela vida do mundo.» Então, os judeus, exaltados, puseram-se a discutir entre si, dizendo: «Como pode Ele dar-nos a sua carne a comer?!» Disse-lhes Jesus: «Em verdade, em verdade vos digo: se não comerdes mesmo a carne do Filho do Homem e não beberdes o seu sangue, não tereis a vida em vós. Quem realmente come a minha carne e bebe o meu sangue tem a vida eterna e Eu hei-de ressuscitá-lo no último dia, porque a minha carne é uma verdadeira comida e o meu sangue, uma verdadeira bebida. Quem realmente come a minha carne e bebe o meu sangue fica a morar em mim e Eu nele. Assim como o Pai que me enviou vive e Eu vivo pelo Pai, também quem de verdade me come viverá por mim. Este é o pão que desceu do Céu; não é como aquele que os antepassados comeram, pois eles morreram; quem come mesmo deste pão viverá eternamente.»

A nossa vida decorre entre as pequenas coisas, que exatamente por serem pequenas, por vezes não são vistas por nós com o significado que merecem. E entre estas está também o pão. Aí sobre a nossa mesa, não tem outra finalidade do que ser consumido segundo a norma da mais pura gratuidade que faz brotar a alegria.

O ser humano tem necessidade de tantas coisas: de alimento, bebida, de amizade, trabalho de casa e de vestes, mas sobretudo tem necessidade de uma verdadeira vida. Poi, Jesus revela ser Ele mesmos a resposta a este desejo. Quando afirma: “Eu sou o pão da Vida”, convida nos a não procurara noutros lugares, a não contentarmo-nos com o pão material, a não depositarmos a nossa confiança em todos esses pães o alimentos falsos ou insuficientes de que está repleta a mesa do mundo. Explica o papa Francisco: “Algumas pessoas nutrem-se com o dinheiro, outros com o sucesso e a vanidade, outros com o poder e o orgulho. Mas o alimento que nos nutre verdadeiramente e nos sacia é aquele que o Senhor nos dá. O alimento que o senhor nos oferece é diferente dos outros, e talvez não nos pareça tão gostoso como outros que o mundo nos oferece” (Homilia, 19 de Junho de 2014)

Apenas comendo este Jesus, ou seja acreditando n’Ele, iniciamos o nosso processo de crescimento que será mais forte do que a morte. Aquele que acreditando, escuta as palavras de Jesus e a faz suas, está atento ás suas obras e as assimila, come a sua carne no sacramento da Eucaristia, encontra no amor de Jesus a Fonte da Vida.

Mais: a comunhão com o Senhor compromete-nos a nós Seus discípulos, a imitá-Lo, fazendo da nossa existência, com as nossas acções, um pão partido para os outros, como o mestre partiu o pão que é realmente a Sua carne” (papa Francisco, 19 de Junho de 2014).

Na Escola de Montfort

Querendo a Sabedoria, por um lado, manifestar o seu amor pelos homens até morrer por eles para salvá-los e, por outro lado, não podendo abandoná-los à sua sorte, eis que encontrou um segredo admirável de morrer, mas continuando a viver, e permanecendo com os mesmos homens até ao fim dos tempos: trata--se da amorosa instituição da Eucaristia.

E, para poder cumprir até à perfeição o seu amor neste mistério, não hesitou mesmo a alterar e derrubar as próprias leis da natureza.

Se ela não se esconde debaixo do esplendor de um diamante ou de outra pedra preciosa é porque não deseja ficar com o homem apenas exteriormente; mas esconde-se sob as apa-rências dum pequeno pedaço de pão — que é o alimento próprio do homem — a fim de que, comido pelo mesmo homem, possa penetrar dentro do seu coração e aí encontrar as suas delícias. “É a invenção dum amor intenso”⁷⁶.

“Ó Sabedoria eterna! - diz um Santo”- ó Deus realmente pródigo de Si mesmo pelo desejo que tem de estar com o homem!”

Para aprofundar:

- De que tenho fome, no mais profundo do meu coração?
- Em que mesa me alimento? Por que coisas estou a gastar a minha vida?
- Procuo Jesus, reconhecendo Nele o pão da Vida?

Invoca a Virgem Maria: Salvé Estrela do Mar

XXX – Elevado da terra EU SOU

Prepara o teu coração

Invoca a Luz do Espírito Santo: Vinde Espírito Santo

O nosso percurso de seguimento de Jesus, enquanto habitante no meio de nós, termina aos pés da Cruz, onde Jesus, elevado da terra, nos atrai a si. O percurso da nossa vida terminará também nesse mesmo lugar, para aí nos encontrarmos com Aquele que na Cruz faz o julgamento do mundo. Quando damos conta da nossa dificuldade a amar a vida, tecida de alegrias e tristezas, avanços e recuos, compreendemos que para avançar no caminho da santidade devemos aprender a morrer a nós

mesmos! E em que escola devemos inscrever-nos, diz S. Luís de Montfort, senão na escola de um Deus Crucificado? (CAC, 26).

Jesus ensina-nos a antever no grão de trigo que morre, o nascer e o crescer de uma espiga madura. A perceber no tronco seco, o desabrochar de um germen e a chegada da primavera; a intuir por detrás de uma morte por amor o surgir de uma vida!

Jesus levantado na Cruz, ensina-nos a não nos contentarmos com os horizontes puramente mundanos, a procurar a vida do alto para ter o dom de uma visão nova e plena de harmonia.

Diante do icomensurável amor de Jesus crucificado reconhecemos a nossa distância, por nos termos entregado á sabedoria do mundo.

Somos convidados a depôr aos pés da Cruz a nossa dificuldade em nos abandonarmos ao amor do Pai do céus, assim como temos dificuldade em depôr aos pés do Pai todas as nossas outras feridas. Aquelas que os outros vão infligido na nossa carne e aquelas que nós infligimos nos seus corações.

Eme convida-nos a que mergulhemos no abismo de luz que é Sabedoria da Cruz, onde a salvação e felicidade consiste apenas em deixar-se amar. Jesus quer-nos felizes e faz todo o possível para que o sejamos. A cruz com o que ela implica de entrega, é segundo a lógica divina, o percurso para uma vida feliz.

Na escola da Sabedoria

Do Evangelho de S. Lucas Lc 23, 33-49

Quando chegaram ao lugar chamado Calvário, crucificaram-no a Ele e aos malfeitores, um à direita e outro à esquerda. Jesus dizia: «Perdoa-lhes, Pai, porque não sabem o que fazem.» Depois, deitaram sortes para dividirem entre si as suas vestes.

O povo permanecia ali, a observar; e os chefes zombavam, dizendo: «Salvou os outros; salve-se a si mesmo, se é o Messias de Deus, o Eleito.» Os soldados também troçavam dele. Aproximando-se para lhe oferecerem vinagre, diziam: «Se és o rei dos judeus, salva-te a ti mesmo!»

E por cima dele havia uma inscrição: «Este é o rei dos judeus.» Ora, um dos malfeitores que tinham sido crucificados insultava-o, dizendo: «Não és Tu o Messias? Salva-te a ti mesmo e a nós também.» Mas o outro, tomando a palavra, repreendeu-o: «Nem sequer temes a Deus, tu que sofres o mesmo suplício? Quanto a nós, fez-se justiça, pois recebemos o castigo que as nossas acções mereciam; mas Ele nada praticou de condenável.» E acrescentou: «Jesus, lembra-te de mim, quando estiveres no teu Reino.» Ele respondeu-lhe: «Em verdade te digo: hoje estarás comigo no Paraíso.»

Por volta do meio-dia, as trevas cobriram toda a região até às três horas da tarde. O Sol tinha-se eclipsado e o véu do templo rasgou-se ao meio. Dando um forte grito, Jesus exclamou: «Pai, nas tuas mãos entrego o meu espírito.» Dito isto, expirou. Ao ver o que se passava, o centurião deu glória a Deus, dizendo: «Verdadeiramente, este homem era justo!» E toda a multidão que se tinha aglomerado para este espectáculo, vendo o que acontecera, regressava batendo no peito. Todos os seus conhecidos e as mulheres que o tinham acompanhado desde a Galileia mantinham-se à distância, observando estas coisas.

Quando levantardes o Filho do Homem, então reconheceréis quem Eu sou. (Jo 8.28).

No nosso itinerário para o conhecimento de Jesus Cristo é inevitável descobrir este mistério da Cruz. Ela é como um livro aberto e através das suas páginas, cada um de nós pode contemplar Jesus, porque nenhum véu o esconde ao olhar das nossas almas. Ele revela quem é, não quem nós gostaríamos que Ele fosse. Este seu afirmar-se deste modo, por vezes torna difícil reconhecê-Lo.

Talves esperássemos um Deus todo-poderoso que respondesse á violência com a violência, que tivesse á disposição um exército poderoso que tivesse á sua disposição tudo e todos para os comendar. Concebemos por vezes um Deus que realiza a nossa vontade de ter, poder e aparecer.

Jesus elevado da terra, mostra pelo contrário, um Deus que se entrega nas mãos de todos e serve na humildade e pequenez, um Deus que se doa totalmente, até a própria vida.

Gostaríamos talvez de ter á nossa disposição um Deus potente e livre para fazer o que quizesse, como um dominador deste mundo. Mas o Crucificado, pelo contrário, é rei porque é extremamente livre ao ponto de sacrificar a Sua vida pelos outros. Traz assim á terra o poder de Deus: aquele de servir e não de ser servido de amar e não de dominar, de dar e não de exigir nada.

Podemos inclusivé fazer imprecações contra Jesus elevado da terra, porque Ele é um Deus que morre. O que importa quando se encontra diante da própria morte?

Na verdade, um Deus que morre por nós, interroga-nos sobre o sentido que damos á própria vida.

Sozinhos, com as nossas forças não compreendemos a Cruz. Temos dificuldade sobretudo a fazer experiência da salvação que ela nos traz. É um mistério de tal maneira grande!

Canta S. Luís de Montfort, que é preciso uma luz muito forte para o podermos compreender e acolher. A natureza humana, de facto, detesta a Cruz, a razão combate a Cruz, os sábios segundo o mundo, ignoram-na, o demónio procura combatê-la (cf cântico 19).

Assim, nos recorda o Papa Francisco:

Podemos compreender um pouco deste mistério colocando-nos de joelhos, ou seja em oração. E também através das lágrimas (homilia 14 Setembro 2013).

É preciso ter um olhar como o do segundo malfeitor para conhecer que Jesus crucificado é o êxtase, ou seja o despojar-se completamente de si, por parte do amor de Deus, em favor da humanidade. Serve por isso para nos ajudar, o coração do centurião para nos dizer que no sinal da Cruz, Deus nos amou e nos ama imensamente.

Estando de joelhos aos pés da Cruz, que a contemplação deste amor de Jesus, suscite em nós o mesmo desejo que tinha S. Luís de Montfort:

“desde há muito tempo, para dizer a verdade, desejo elevar-te mais acima” (C164).

É também a nossa missão elevar cada vez mais Jesus, quer dizer reconhecer o Seu a mor e fazer conhecer este amor, para que todos os corações sejam por Ele atraídos e contemplem a Glória do Seu Reino.

Palavras de s. Luís Maria de Montfort

Da Carta aos Amigos da Cruz, 28-29

Vós sois templos do Espírito Santo. Vós bem o sabeis.

Sabeis também que como Pedras vivas, deveis ser utilizados por este Deus de Amor, na construção da Jerusalém Celeste. Tomai por isso consciência de que deveis ser serrados, esculpidos e cinzelados pelo martelo da Cruz; se assim não fosse permaneceríeis como pedras brutas que não servem para nada, são desprezadas e deitadas fora. Estai bem atentos a não recusar o martelo que vos atinge, e estai atentos ao cinzel que vos corta e á mão que vos modela. Certamente o divino arquitecto, competente e bom, quer fazer de vós uma das pedras mais importantes do seu eterno edifício e uma das melhores imagens do seu reino celeste. Deixai-O por isso atuar. Ele quer-vos bem; sabe o que faz, é experiente. Todos os seus golpes são dados com habilidade e motivados pelo amor. Não dá nenhum golpe sem motivo a não ser que vós não o inutilizeis com a vossa falta de paciência.

O Espírito Santo, compara a Cruz:

- *Com a peneira que separa o grão, da palha e da suguidade. Deixai-vos por isso abanar e penairar, sempre sem resistência, como o grão na peneira. Agora estais na peneira do Pai de família; em breve estareis no seu celeiro.*

- *Com o fogo que elimina a ferrugem do ferro com a vivacidade da sua chama. O nosso Deus “é um fogo devorador” que permanece na alma através da cruz, afim de a purificar sem a consumir, como aconteceu no passado com o arbusto ardente.*

- *Com o crizol onde o ouro genuino sai refinado e o falso desaparece como fumo. O ouro genuino suporta pacientemente a prova do fogo, enquanto que o falso sobe como o fumo e com a chama. No crizol da tribulação e da tentação, os verdadeiros amigos da Cruz são purificados com a sua paciência enquanto os seus inimigos se desfazem em fumo por causa da sua dificuldade e a sua incapacidade de sofrer e por causa das suas lamentações.*

Para Meditar

1º- Quais são as minhas reações diante do mistério da Cruz?

2º- O que é a Cruz para mim?

3º- O que descobro acerca de Jesus, entrando no mistério da Cruz?

Invoca a Virgem Maria: Salvé Estrela do Mar

A Entrega

O nosso itinerário termina com o acto da consagração. Escreve Montfort “ao termo destas três semanas, confessarse-ão e receberão a sagrada Comunhão, com a intenção de se darem a Jesus Cristo, como escravos de amor pelas mãos de Maria. Depois de terem recebido a sagrada Comunhão que procurarão fazer segundo o método que indicarei mais á frente, recitarão a fórmula de consagração (VD 231) A consagração é feita a Maria para nos consagrarmos a Jesus Cristo; tal consagração decorre no contexto da Eucaristia, memorial do Senhor, pedindo a Maria de moldar o nosso coração, para que seja semelhante ao seu.

Montfort faz referência ao carácter pessoal e compromisso deste empenho que se assume, recordando a cada um dos que se consagram, que competirá a cada um escrever a fórmula, ou fazê-la escrever se não tivessem a fórmula impressa, e a cada um o dever de a assinar no dia em que a pronunciarem. (cfr. VD 231)

Além disso, ele pede que a consagração seja feita “num dia solene” (SM 61). Propõe que se faça uma oferta a Jesus Cristo e a sua Mãe, “segundo a devoção e as possibilidades de cada um, poderá ser um jejum, um sacrifício, uma esmola, uma vela; mas mesmo que dessem apenas um alfinete como omenagem, desde que

fosse com bom coração, seria suficiente para Jesus, que olha apenas para a nossa boa intenção” (VD 232). São estes pequenos gestos que ajudam a interiorizar e fazer memória do que se viveu no acto da consagração. Conhecendo-nos, sabemos bem que com o tempo arriscamos de perder o entusiasmo, correndo o risco de resfrear o amor e entrar numa fase de aridez! Por isso Montfort convida a fazer memória do acto da consagração para reavivar a graça inerente: “pelo menos, uma vez por ano, no mesmo dia, renovarão a consagração, renovando as práticas de preparação ao menos durante três semanas” (VD 233). Por outro lado, para alimentar e desenvolver a relação com Jesus e Maria, sugere que se repita em cada dia, pelo menos a fórmula breve: “Sou todo Teu e tudo o que tenho te pertence, meu amável Jeus, por meio de Maria, vossa santa Mãe”.

A fórmula de consagração

O texto da consagração não chegou até nós através do tratado da Verdadeira Devoção a Maria, mas encontramos-lo sim nos números 223-227 do Amor da Sabedoria Eterna. Na fórmula podemos apreciar alguns “movimentos” que ajudam a compreender melhor o seu verdadeiro valor.

Primeiro movimento: adoro, agradeço e louvo Jesus pela Sua encarnação e submissão a Maria.

Ó Sabedoria Eterna e encarnada!

*Ó meu muito amado e adorável Jesus, verdadeiro Deus e verdadeiro homem,
Filho único do Pai Eterno e de Maria sempre Virgem!*

Eu vos adoro profundamente

no seio e nos esplendores do Pai, durante a Eternidade,

e no seio virginal de Maria, Vossa digníssima Mãe, no tempo da Vossa encarnação.

Dou-Vos graças, por Vos terdes aniquilado a vós mesmo,

Tomando a forma de escravo,

Para me tirardes da cruel escravidão do demónio.

Louvo e glorifico-Vos por terdes querido submeter-Vos a Maria,

Vossa Santa Mãe, em todas as coisas,

A fim de me tornar por Ela vosso fiel escravo.

A fórmula da consagração começa com a oração dirigida a Jesus, Sabedoria eterna e encarnada. Quem a pronuncia exprime a sua admiração e maravilha porque se confronta com um amor que o precede e pode fazer experiência de toda a sua ternura. Trata-se de uma admiração que se transforma em adoração, acção de Graças e glorificação! São atitudes que ajudam a olhar a consagração neste contexto da gratuidade e não do calculismo, do dar e não do receber do puro amor e não do interesse! É bom que pensemos na consagração segundo Montfort, dentro deste contexto de adoração. A percepção da grandeza e beleza do amor de Deus e da Sua presença na nossa história faz brotar em nós uma atitude de admiração, de onde emerge o silêncio, trata-se de uma presença que seduz e nos atrai. Antes de ser um pensamento ou uma fórmula, a consagração consiste em dar um « beijo » de comunhão, confessando que a Sabedoria é o todo que devemos procurar, é como o alimento que levamos á boca ou o ar que respiramos.

A admiração torna-se « acção de graças » que surge da contemplação do coração de Cristo. Por amor ele « esvaziou-se de si mesmo » (Cfr. Fil 2,5-11) afim de que também nós possamos libertar-nos da escravidão do demónio: de uma vida centrada sobre nós mesmos, da pretensão de sermos como Deus, afim de que nos coloquemos no nosso lugar (cfr. Papa Francisco, homilia da manhã, 3 de janeiro de 2014). A Consagração insere-se portanto na lógica da gratuidade e do louvor! Fascinados por esta realidade da dependência de Jesus e da Santíssima Trindade em relação a Maria exclamamos com o padre de Montfort: « Ó maravilhosa e incompreensível dependência de Deus » (VD 18) !

Segundo movimento: reconheço a minha infidelidade na vivência do meu batismo.

*Mas, ah! ingrato e infiel que eu sou,
não observei os votos e promessas que tão solenemente Vos fiz no meu baptismo;
não cumpri as minhas obrigações;
não mereço ser chamado vosso filho nem vosso escravo
e, como nada há em mim que não mereça a Vossa repulsa e a Vossa cólera
não ousa mais por mim mesmo, aproximar-me da Vossa Santa e augusta Majestade.
É, pois por isso, que eu recorro à intercessão e á misericórdia de Vossa santa Mãe,
que me destes por medianeira junto de Vós, e é por intercessão dela que eu espero
obter de vós a contrição e o perdão dos meus pecados, a aquisição e conservação da Sabedoria.*

Quanto mais tomarmos consciência da doçura e do amor de Deus na nossa vida, mais tomamos consciência da nossa distância em relação a Ele.

A partir desse momento tomamos tomando consciência da nossa indignidade e fraqueza da graça baptismal. Por um lado, percebemos que não podemos resistir ao profundo desejo que a Sabedoria tem de nós, mas ao mesmo tempo tomamos consciência do peso dos nossos limites.

Por isso confiamos-nos á intercessão de Maria, porque através dela, pode encontrar cumprimento o desejo que temos da Sabedoria. Entremos por isso no terceiro movimento da fórmula da Consagração

Terceiro movimento: volto o meu olhar para maria, a Virgem Fiel.

*Saúdo-Vos, pois ó Maria Imaculada,
Tabernáculo vivo da Divindade,
Onde a sabedoria eterna escondida quer ser adorada pelos Anjos e pelos homens.
Saúdo-Vos, ó Rainha do Céu e da terra,
A cujo império está submisso, tudo quanto está abaixo de Deus.
Saúdo-Vos, ó Refúgio seguro dos pecadores,
cuja misericórdia a ninguém jamais faltou;
Atendei os desejos que tenho da divina Sabedoria,
e recebei, para isso, os votos e oferendas que a minha baixeza Vos apresenta.*

A intensa saudação a Maria, faz eco da saudação Angélica em Nazaré e culmina na súplica que fazemos á virgem de que satisfaça o nosso interior desejo da divina Sabedoria!

A fórmula sublinha uma vez mais, que a consagração total se orienta exclusivamente para Jesus Cristo, a divina Sabedoria que “de entre todas as coisas que possamos desejar é a mais desejável”(ASE 11). Sentimos fome e sede do amor de Jesus e buscamos-Lo recorrendo a Maria (VD 67), que contemplamos coroada com uma tríplice coroa. A primeira é a da inefável grandeza: Maria é o tabernáculo no qual a Sabedoria fez morada e Se escondeu. A segunda é a de potência: Maria é a rainha á qual Deus concedeu o poder de reinar nos corações. A terceira é a de bondade: Maria é o seguro refúgio dos pecadores. Enquanto cheia de misericórdia, leva-nos a reconhecer que afastados da sabedoria somos como uma terra deserta, por isso alimenta a nossa vontade de redescobrir a nossa dignidade baptismal.

Quarto movimento: renovo as promessas do meu baptismo, dando-me a Jesus pelas mãos de Maria.

*Eu ... pecador infiel,
Renovo e ratifico hoje, em Vossas mãos,*

*Os votos de meu Baptismo:
Renuncio para sempre a Satanás,
às suas pompas e às suas obras,
e dou-me inteiramente a Jesus Cristo,
a Sabedoria encarnada, para carregar a minha cruz atrás de Si,
Todos os dias da minha vida.*

*E, a fim de lhe ser mais fiel do que fui até aqui:
Escolho-vos, hoje, ó Maria, na presença de toda a corte celeste,
por minha Mãe e Senhora.
Entrego-vos e consagro-Vos, na qualidade de escravo,
o meu corpo e a minha alma, os meus bens interiores e exteriores,
e o próprio valor das minhas boas obras, passadas, presentes e futuras,
deixando-Vos um inteiro e pleno direito de dispor de mim e de tudo o que me pertence,
sem exceção alguma, segundo o Vosso agrado,
para maior glória de Deus, no tempo e na eternidade.*

A árvore da consagração tem as suas raízes no sacramento do renascimento pela água e pelo Espírito. Por isso, no coração da fórmula insere-se a tomada de consciência, livre e responsável, dos compromissos batismais.

“*Renovo...*”: em primeiro lugar, a consagração consiste em reconhecer que somos do Senhor e a Ele pertencemos deixando que esta verdade assinale a nossa vida. Já somos d’Ele e por isso devemos apenas tomar consciência desta realidade: desse modo nos consagramos.

“*Renuncio...*”: desde o dia do nosso batismo estamos mortos para o pecado e vivemos para Deus. Renunciamos a viver a partir de nós mesmos e para nós mesmos e escolhemos viver para Jesus.

“*Dou-me inteiramente...*”: ousar dizer a Jesus “eu amo-te”, implica necessariamente entregar-se a Ele sem reservas. “Eu amo-Te”, significa “Eu dou-me todo a Ti, sou todo Teu” e por isso já não me pertencem a mim mesmo, não reservo nada de mim para mim mesmo!

“*..para levar a minha cruz*”: a consagração consiste em amar o mundo como Deus o ama; não consiste num encerramento em si mesmo, mas de uma encarnação na história; trata-se de um acto de plena solidariedade, não de individualismo; consiste em servir, não em dominar.

“*todos os dias...*”: o dom a Jesus pelas mãos de Maria, é para sempre, perdura no tempo e vive-se no quotidiano dos dias, abraçando todos os seus aspectos.

A consagração segundo Montfort consiste por isso em viver numa atitude de dedicação, de dom de entrega total sem reticências, sem condições ao mistério de Deus.

Recusando a pretensão de estabelecermos por nós mesmos a relação com Cristo, escolhemos passar pela mediação de Maria, porque a acolhemos como caminho fácil, breve, perfeito e seguro para nos unirmos a Jesus.

A Ela damos o nosso corpo, a nossa alma e tudo o que temos, bens materiais e espirituais, sem reservas e gratuitamente, para pertencermos totalmente a Cristo.

A oração final ilumina uma vez mais o significado da consagração.

Quinto movimento: peço a Maria para me acompanhar neste itinerário de conformação a Cristo.

*Recebei, ó Virgem benigna,
Esta pequena oferenda da minha escravidão,
em união e honra da submissão que a sabedoria eterna quis ter de vossa maternidade;
Em homenagem ao poder que ambos tendes sobre este pequeno verme e miserável pecador,
e em ação de graças pelos privilégios com que a santíssima Trindade Vos favoreceu.
Declaro que, doravante, na qualidade de Vosso verdadeiro escravo,
quero procurar a Vossa honra e obedecer-Vos em tudo.
Ó Mãe admirável!
Apresentai-me ao vosso querido Filho,
Na qualidade de escravo eterno,
a fim de que, tendo-me resgatado por Vós, por Vós me receba.
Ó Mãe de misericórdia!
Alcançai-Me a graça de obter a verdadeira sabedoria de Deus,
e de me colocar, para isso,
entre aqueles que ensinai, que guiais, que alimentais e protegeis
como Vosso filhos e escravos.
Ó Virgem fiel!
Tornai-me em todas as coisas um tão perfeito discípulo,
imitador e escravo da Sabedoria Encarnada,
Jesus Cristo, Vosso Filho, que eu chegue,
por Vossa intercessão e a Vosso exemplo,
à plenitude da sua idade na terra e da sua glória nos céus.
Assim seja!*

Do nosso íntimo surgem três pedidos á Virgem, todos orientados para Jesus.

“Apresenta-me...”: Maria que atraiu a Sabedoria trazendo-A até nós, apresenta o nosso coração a Jesus, já purificado e aperfeiçoado pelos seus méritos.

“Obtem-me..”: através da consagração, plantámos em nós a árvore da vida que é Maria. Graças á união com ela, recebemos como dom o fruto bendito do seu ventre, Jesus! Conscientes da necessidade de nos deixarmos amar por ela, para que a nossa relação filial com Deus se torne cada vez mais sólida; ela serve-nos de mestra que nos leva sempre a desejar a vontade de Seu Filho; conduz-nos e alimenta-nos com o alimento requintado da palavra de Deus e do Pão da Vida. Maria é uma Mãe que nos protege e defende, fortalece nas fragilidades e nos leva a amadurecer em nós uma consistência interior que nos torna inatacáveis e nos preserva da sabedoria do mundo.

Encontramos um eco dos cuidados maternos de Maria, na oração do papa Francisco a nossa Senhora da Aparecida: “acolhe-me ó incomparável Rainha, entre o bem-aventurado número dos teus filhos, tu, que nos foste dada por Mãe pelo teu Filho crucificado; acolhe-me sob a tua protecção, socorre-me em todas as minhas necessidades espirituais e temporais, sobretudo na hora da minha morte” (24 de Julho de 2013).

“Torna-me...”: o terceiro e último pedido é a síntese do itinerário monfortino que nos orienta para a plenitude da aliança batismal. A meta e cume da consagração é que nos tornemos perfeitos discípulos da Sabedoria encarnada, Jesus Cristo. Através da sua assistência materna, Maria orienta-nos para o seu Filho e faz-nos o apelo a sermos um dom para Ele e para os outros!

Viver a consagração

O acto de nos consagrarmos a nós mesmos a Jesus Cristo, pelas mãos de Maria, serviria a bem pouco se não fosse acompanhado do compromisso de viver numa atitude de vida correspondente a esta entrega. Montfort compara a consagração com uma árvore que o Espírito plantou em nós! Para que esta árvore cresça e produza o “fruto de honra de graça, o amável e adorável Jesus, aquele que desde sempre foi e sempre será o único fruto de Maria”, deve ser cultivado (cfr.SM 78). Mas como cultivar e viver esta nossa doação?

Viver fielmente os compromissos batismais

Podemos responder analisando a própria natureza da consagração: consiste numa perfeita renovação das promessas batismais. Trata-se portanto de um percurso que nos leva a apoiar a vida sobre novos pontos de apoio, recusando os ídolos da riqueza, do poder e da autosuficiência e nos leva a abraçar os valores coerentes com esta nossa condição de filhos de Deus. A partilha e a sobriedade, em oposição ao fascínio e promessas da riqueza; a liberdade de não possuir nada nem ninguém, em oposição ao fascínio das falsas promessas de poder e às falsas promessas da autossuficiência.

A consagração é um redescobrir a nossa dignidade batismal e traduzir essa realidade na vida. Inseridos em Cristo, sacerdote, rei e profeta, somos chamados a oferecer a vida como sacrifício espiritual agradável a Deus; a fazer resplandecer a força do evangelho; a conduzir para Deus os nossos irmãos, servindo a Cristo nos irmãos.

Para vivermos com profundidade a consagração é importante:

- voltar á palavra de Deus, sobretudo ao fundamental, Jesus Cristo crucificado e ressuscitado. A escuta da palavra abre-nos o coração á conversão e ao encontro com Deus no sacramento da reconciliação.
- permanecer unido ao Senhor com uma vida de oração quotidiana, constante e fiel.
- participar na Eucaristia, saboreando constantemente a maravilha que é este Sacraento. A Missa, sobretudo ao Domingo, introduz-nos no mistério pascal. Das mesas da Palavra do Pão da vida receberemos o alimento para vivermos em cristo e sermos conformados a Ele.
- viver o amor como Cristo o vive, vendo deus na pessoa do próssimo para aí O amarmos.
- irradiar a Sabedoria do Evangelho, dando a conhecer aos outros o que nós próprios encontramos e saboreamos. Trata-se da maturidade da fé, que nunca se encerra em si mesma mas se abre ao testemunho do anúncio.

Na dependência de Maria

A Virgem Maria, uma vez acolhida na nossa intimidade, ajuda-nos a viver o dom total de nós mesmos a Jesus Cristo. Isto pressupõe uma grande docilidade á sua ação materna que nos modela. Econforma com o Filho. Trata-se de uma experiência que Montfort sintetiza ao falar das “práticas interiores”: “trata-se em poucas palavras, de cumprir todas as acções por meio de Maria, com Maria, em Maria, e para Maria, para as podermos cumprir mais perfeitamente por meio de Jesus Cristo, com Jesus Cristo, em Jesus Cristo e para Jesus Cristo” (VD 257). É importante não separarmos entre si as práticas interiores, mas olhá-las como um todo, numa progressão cosntante rumo á plenitude da vida Cristã. O primeiro passo, consiste na vontade de tomar maria como modelo e viver a própria experiência cristã com as mesmas disposições com que ela viveu, (por meio de Maria); trata-se depois, de escolher Maria como modelo, assumindo na nossa vida quotidiana as virtude de Maria (com Maria), até chegarmos a uma união mística com Maria (em Maria), e por fim, experienciar a alegria e a beleza de estarmos ao seu serviço (para Maria).

Viver por meio de Maria (cfr. VD 258-259; SM48)

Trata-se de deixar-se conduzir pelo espírito de Maria, sendo dóceis ás suas inspirações. São inspirações que surgem do nosso íntimo, percebemolas na solitação a crescer na fé. Concretamente, Montfort sugere três passos.

- Trata-se de renunciar aos nossos interesses e pontos de vista, quando nos dispomos a realizar qualquer acção, ou seja, somos chamados a renunciar às inclinações do nosso coração, ao nosso modo de ver, por vezes egoístico e interesseiro. Recordemos que a realidade da nossa natureza faz-se sempre sentir, escondendo-se por detrás de aparentes razões e justificações, reclamando para si satisfações e gratificações. Essa natureza decaída, acompanha-nos em todas as actividades, mesmo nos momentos de oração, nos momentos de participação da vida da comunidade cristã, nos gestos de caridade e de serviço. O interesse egoístico manifesta-se sempre na forma de vaidade, ostentação, justificação de nós mesmos, nos sentimentos de inveja, de rancor e de amor próprio ferido.

- Em seguida, abandonemo-nos com total confiança ao espírito de Maria para que nos oriente, como ela deseja, nos caminhos da vontade de Deus. Como um instrumento nas mãos de um artesão, como as cordas de uma guitarra nas mãos de um tocador, assim devemos ser nós, abandonados ao espírito de Maria! Trata-se de deixar que a sua materna solicitação interior nos influencie. A vida torna-se então semelhante a uma sinfonia que o Espírito Santo e Maria compoem é tocada nas cordas do nosso coração. Perder-se em Maria, como uma pedra se lança ao mar é uma outra imagem que exprime a profundidade do abandono pedido a quem se decidiu viver por meio de Maria.

- Enfim, durante e depois de qualquer acção levada a cabo, renovemos o mesmo acto de oferta e de união, pois que imersos na avalanche da sabedoria do mundo estamos sempre sujeitos à torrente que nos arrasta. Podemos pensar que a prática de nos entregarmos ao espírito de Maria seja difícil e complicada e requeira muito tempo. Na realidade, basta um simples pensamento, breve como um abrir e fechar de olhos, um leve movimento da vontade ou uma só palavra sussurrada; “Maria”... “eu me dou a ti”... “eu sou todo teu”! pouco importa se nós experimentamos ou não a doçura sensível deste acto de união...

Viver com Maria (cfr. VD 260; SM 45-46)

Se tomamos a decisão de ter Maria conosco, espontaneamente olhamos para ela, em cada uma das nossas actividades concretas da vida. Fazer todas as nossas acções em Maria, significa fixar nela os nossos olhos, contemplando-a para a imitarmos. A nossa vida não pode ser uma repetição da vida de Maria, mas devemos simplesmente caminhar com os olhos postos nela e segui-la como guia segura. Uma pergunta deve estar sempre presente na nossa vida: “o que faria Maria nesta situação concreta, se estivesse no meu lugar?”. O que somos chamados a imitar de Maria? Montfort faz um elenco das virtudes marianas, das quais sobressaem a fé viva, a profunda humildade e a pureza de vida (cfr. VD 260). Podemos assimilar também, aquelas virtudes marianas que estão bem presentes nas esperanças dos homens do nosso tempo. Pensemos na coragem e determinação de Maria, para ir contracorrente, testemunhando os valores mais genuínos e autênticos do coração humano; na sua opção em colocar-se do lado dos frágeis e dos débeis; na sua fortaleza perante o sofrimento. É importante descobrir sobryudo as suas disposições interiores! Com os olhos postos em Maria, imitaremos a sua capacidade de escuta e imitaremos a sua atitude de guardar e meditar no coração, a sua disponibilidade para os outros, a sua fortaleza nas provações e a sua abertura aos imprevistos de Deus.

Tudo isto requer um conhecimento profundo da interioridade de Maria que podemos maturar na medida em que frequentarmos assiduamente as passagens do Evangelho que nos revelam o seu comportamento do seu coração. Somos convidados a ler, reler e a meditar estes episódios para os apreendermos. Somos portanto convidados a olhar para Maria, mas também a permanecer debaixo do seu olhar: “trata-se de ver nela o reflexo do olhar do Pai, que a escolheu para ser a Mãe de Deus e o olhar do Filho que na cruz no-la entregou como nossa Mãe. É com esse olhar materno que Ela nos olha. Temos necessidade do seu olhar de ternura, do seu olhar materno que nos conhece melhor do que qualquer outra pessoa, do seu olhar cheio de compaixão e zelo... Não podemos por isso permitir que alguma coisa ou alguém interfira entre nós e o olhar de Nossa Senhora... não deixemos que nos roube o olhar de Maria” (Papa Francisco, homilia, 22 de Setembro de 2013).

Viver em Maria (cfr. VD 261-264; SM 47)

A verdadeira devoção não se reduz apenas numa relação filial e maternal, trata-se sim de viver em Maria e de se identificar com Ela. O modo de compreender esta relação está em olhar para Jesus que em Maria fez a Sua morada. Tal como Jesus viveu no seio da Mãe, assim também nós devemos viver e agir no seio de Maria. Que felicidade nos advém do facto de podermos, depois de Jesus, entrar em Maria e assim, em Maria podermos unir-nos a Ele. Trata-se de entrar em modo consciente e por amor, lá onde Jesus se encontra e onde ele as suas delícias e partilhar a Sua alegria. Escutar Jesus que nos sussurra: “Filho, desfruta do coração de Maria para poderes experienciar o meu Amor”. Então poderemos estar com Jesus lá onde ele se encontra deste toda a eternidade; no Seio do Pai (cfr. Jo 17,24)

Fazer tudo em Maria é uma graça que podemos obter através do Espírito Santo, da fidelidade que nos torna dóceis às inspirações de Maria e do modo como imitamos as Suas virtudes! Nesta prática da devoção, não conta tanto portanto a nossa acção, mas sim o facto de deixarmos que Deus invada a nossa alma.

Vivendo recolhidos em nós, procuramos refugiar-nos com amor no interior de Maria. Ela passa a ser o nosso oratório: quando rezamos, rezamos em Maria e quando recebemos Jesus na sagrada comunhão, ela é o trono para o depor; é para nós a Torre de David: quando nos sentimos atacados pelos inimigos, que estão antes demais em nós mesmos, refugiamos-nos em Maria e nela encontramos segurança; é uma lâmpada acesa diante de nós: posta no candelabro do nosso coração, pela sua luz nos deixamos guiar e pelo seu fogo nos deixamos aquecer e incendiar para nos deixarmos queimar pelo fogo do amor de Deus; ela é o ostensório: em Maria contemplamos Deus; é o nosso lugar de descanso: quando nos sentimos cansados e oprimidos, nela encontramos descanso e alento.

Viver para Maria (cfr. VD 265; SM 49)

A quarta prática interior exige a dimensão apostólica da nossa vida batismal. Tal como sabedoria não deixa apodrecer numa vida tépida e negligente aqueles que gozam da Sua amizade” (ASE 100), também Maria não permite que vivam na ociosidade quantos a ela se entregam totalmente. Por outro lado assim agiu com Ela o Espírito quando, depois da anunciação colocou no Seu coração a urgência da fé que a fez levantar-se e dirigir-se apressadamente para as montanhas de Judá!

Tal como os servos de Caná, colocamo-nos ao serviço de Maria, obedecendo ao seu conselho, seguimos o seu conselho para nos colocarmos mais intensamente ao serviço de Jesus, nem nada roubar portanto á nada roubar portanto á dedicação que temos para com o Filho.

Agir para Maria consiste em tomar a peito, não com palavras mas de facto, com perseverança e generosidade os seus interesses, que são também os do seu Filho: a glória do Pai que está no céu, a dedicação á Palavra de Deus, o serviço aos mais pequenos e uma presença activa na comunidade dos discípulos, a Igreja.

Pertence á essência do amor fazer algo de belo pela pessoa amada. Com ela se compromete, dela se fala bem, por ela se levam por diante audaciosos projectos afim de lhe agradar, sem nada pedir como contrapartida. Do mesmo modo, viver para Maria consiste em torna-la conhecida e difundir a Verdadeira Devoção para que também outros possam encontrar este caminho que conduz a Jesus. Quer dizer, ajudar outros a viver uma autêntica relação com Maria. Não se trata simplesmente de falar de Maria, mas mais de partilhar com os outros uma experiência pessoal de vida com Ela.

Na sua oração a nossa senhora da aparecida, o Papa Francisco deixa transparecer em que consiste viver a vida para Maria: “consagro-Te a minha mente, para que pense sempre no amor que Tu mereces; consagro-Te a minha língua para que Te louve sempre e difunda a devoção á tua pessoa; consagro Te o meu coração, para que depois de Deus, Te ame acima de todas as coisas (24 de julho de 2013).

A razão mais profunda do fazer tudo para Maria, encontra-se no número 217 do tratado: “Para que venha o teu Reino Senhor, que venha o Reino de Maria”. Viver para Maria consiste em abrir o coração dos outros á sua realeza onde a característica é o amor, para que consigam chegar á realeza de Cristo.

Ao ritmo da vida quotidiana

A vontade de viver como consagrados, deve encontrar a sua expressão na vida quotidiana. A este propósito, eis algumas práticas importantes que merecem ser cultivadas.

- Iniciar o nosso dia recitando o Angelus e renovando a nossa entrega recitando a fórmula breve: Sou todo Teu ó Maria e tudo o que sou Te pertence ó amável Jesus, por meio de Maria Tua Santa Mãe”.
- Manter viva a memória de Maria com simples invocações.
- Colocar num lugar recolhido das nossas casas uma estátua ou um ícone de Maria que nos remete para a Sua presença na nossa vida.
- Aprofundar o conhecimento sobre Maria, fixando-nos sobre os textos do Evangelho que falam dela, e buscando o ensinamento oficial da Igreja e o testemunho espiritual da vida dos Santos, sobre Ela.
- Viver e celebrar com Maria e como Maria os mistérios da salvação levados a cabo por Cristo, tal como se apresentam ao longo do ano litúrgico, de modo especial os Domingos. Amar as celebrações marianas, considerando o seu contínuo reenvio para a pessoa de Jesus Cristo.
- Participar activamente na vida da comunidade cristã, numa lógica de partilha de talentos e ministérios.
- Como peregrinos na fé, fazer peregrinações a santuários marianos.
- Depois de reviver o percurso de preparação, renovar solenemente em cada ano o Acto de Consagração a Jesus por Maria.

A Oração do Rosário

Um lugar de todo especial nesta forma de devoção, ocupa a oração do Rosário. Segundo a experiência espiritual de Montfort, ela constitui um dos meios mais eficazes para vivermos a total entrega a Ele. De facto, escreve Montfort, bem rezado, o Rosário faz despertar e encarnar em nós o Verbo de Deus e traz o fruto de vida. Jesus Cristo (cfr. VD 249)

O Papa Francisco não deixou de chamar a atenção para a beleza da oração contemplativa do rosário, uma oração simples, acessível a todos, grandes e pequenos, cultos ou pouco instruídos. Em primeiro lugar ele testemunhou a sua experiência pessoal: “uma coisa que me fortalece todos os dias é o facto de rezar o Rosário a Maria” (Vigília do Pentecostes, 18 de Maio de 2013).

Além disso, com palavras incisivas, soblinhou o valor teológico e espiritual do mesmo: “pela oração do Rosário, nós invocamos a Virgem Maria para que nos guie a uma intimidade cada vez mais profunda com o Seu Filho Jesus, para nos conformar a Ele, podermos ter os Seus sentimentos e agir como Ele. Na oração do rosário, de facto, repetindo cada Avé Maria, nós meditamos os Mistérios, os episódios da vida de Cristo para o conhecermos e amarmos cada vez mais. A oração do Rosário é o instrumento eficaz para nos abirmos a Deus, porque nos ajuda a vencer o egoísmo e trazer paz aos nossos corações, nas famílias, na sociedade e no mundo” (Mensagem, 21 de Junho 2013). Recitando a Avé Maria, diz ele ainda, “ nós somos conduzidos a contemplar os mistérios de Jesus, isto é, a reflectir nos episódios centrais da Sua vida, para que como para Maria e São José, Ele esteja continuamente no nosso pensamento e nas nossas acções” (Audiência, 1 de Maio de 2013).

Orações para acompanhar a caminhada de Preparação

Salvé Estrela do mar

Salvé Estrela do mar,
Mãe do Verbo de Deus,
Virgem pura entre as virgens,
Feliz porta do Céu.

Salvé, salvé Estrela do Mar,
Salvé Mãe do Verbo de Deus!

Saudada pelo Arcaño,
Avé, cheia de Graça.

Dá-nos a tua paz,
Mudando o nome de Eva.

Quebra ao preso as cadeias,
Dá aos cegos a vista,
Afugenta a desgraça,
Traz-nos todos os bens.

Mãe de Deus nossa Mãe
Ouça os nossos pedidos,
Aquele que por nós
quis chamar-se teu Filho.

Virgem incomparável,
Mãe de misericórdia,
liberta-nos da culpa,
Faz-nos mansos e castos.

Vinde Espírito Santo

Vinde, ó santo Espírito,
vinde, Amor ardente,
acendei na terra vossa luz fulgente.

Vinde, Pai dos pobres:
na dor e aflições,
vinde encher de gozo
nossos corações.

Benfeitor supremo
em todo o momento,
habitando em nós
sois o nosso alento.

Descanso na luta
e na paz encanto,
no calor sois brisa,
conforto no pranto.

Luz de santidade,
que no Céu ardeis,
abrasai as almas
dos vossos fiéis.

Sem a vossa força
e favor clemente,
nada há no homem
que seja inocente.

Lavai nossas manchas,
a aridez regai,
sarai os enfermos
e a todos salvai.

Abrandai durezas
para os caminhantes,
animai os tristes,
guiai os errantes.

Vossos sete dons concedei
à alma do que em Vós confia:
Virtude na vida,
amparo na morte, no Céu alegria.

Mistérios do Rosário

Gozosos

A Encarnação de Jesus

- Oferecemo-Vos, ó Jesus esta primeira dezena para honrar a vossa Encarnação no seio de Maria; e Vos pedimos por este mistério e por intercessão de vossa Mãe Santíssima, uma profunda humildade. R. Amen

A Visitação a Santa Isabel

Oferecemo-Vos, ó Jesus esta segunda dezena para honrar a Visitação de maria e a santificação de S. João Batista; e Vos pedimos por este mistério e por intercessão de vossa Mãe Santíssima, a caridade para com o nosso próximo . R. Amen

O Nascimento de Jesus

Oferecemo-Vos, ó Jesus esta terceira dezena para honrar o Vosso nascimento no Estábulo de Belém; e Vos pedimos por este mistério e por intercessão de vossa Mãe Santíssima, a graça do bom uso dos bens e o amor á pobreza. R. Amen

A Apresentação no Templo

Oferecemo-Vos, ó Jesus esta quarta dezena para honrar a vossa Apresentação ao templo pelas mão de Maria; e Vos pedimos por este mistério e por intercessão de vossa Mãe Santíssima, a Graça da nossa consagração a Deus . R. Amen

O Reencontro no Templo

Oferecemo-Vos, ó Jesus esta quinta dezena para honrar a vossa Perda e Reencontro por Maria; e Vos pedimos por este mistério e por intercessão de vossa Mãe Santíssima, a verdadeira sabedoria. R. Amen

Luminosos

O Batismo de Jesus no Rio Jordão

Oferecemo-Vos, ó Jesus esta primeira dezena para honrar o Vosso batismo no rio jordão pelas mãos de João batista; e Vos pedimos por este mistério e por intercessão de vossa Mãe Santíssima, a renovação em nós da Graça do próprio Batismo. R. Amen

As Bodas de Caná

Oferecemo-Vos, ó Jesus esta segunda dezena para honrar a vossa presença santificante nas Bodas de Caná; e Vos pedimos por este mistério e por intercessão de vossa Mãe Santíssima, a graça da fidelidade e união das famílias. R. Amen

O Anúncio do Reino de Deus

Oferecemo-Vos, ó Jesus esta terceira dezena para honrar vosso empenho na proclamação do Evangelho; e Vos pedimos por este mistério e por intercessão de vossa Mãe Santíssima, a graça de um renovado fervor no nosso apostolado. R. Amen

A Transfiguração de Jesus no Monte Tabor

Oferecemo-Vos, ó Jesus esta quarta dezena para honrar a vossa Transfiguração no Monte Tabor; e Vos pedimos por este mistério e por intercessão de vossa Mãe Santíssima, a graça da nossa própria transfiguração em Vós, Jesus Cristo h. R. Amen

A última Ceia e Instituição da Eucaristia

Oferecemo-Vos, ó Jesus esta quinta dezena para honrar a vossa última Ceia e a instituição da eucaristia; e Vos pedimos por este mistério e por intercessão de vossa Mãe Santíssima, um amor e reparação cada vez maior ao tesouro da Sagrada Eucaristia. R. Amen

Dolorosos

A Agonia de Jesus

Oferecemo -Vos, ó Jesus esta primeira dezena para honrar a vossa Agonia Mortal no Jardim das Oliveiras; e Vos pedimos por este mistério e por intercessão de vossa Mãe Santíssima, a contrição dos nossos pecados. R. Amen

A Flagelação de Jesus

Oferecemo -Vos, ó Jesus esta segunda dezena para honrar a vossa sangrenta Flagelação; e Vos pedimos por este mistério e por intercessão de vossa Mãe Santíssima, a mortificação dos nossos sentidos. R. Amen

A Coroação de Espinhos

Oferecemo -Vos, ó Jesus esta terceira dezena para honrar a vossa Coroação de Espinhos; e Vos pedimos por este mistério e por intercessão de vossa Mãe Santíssima, a Graça de dar um valor relativo às coisas do mundo. R. Amen

O Carregamento da Cruz

Oferecemo-Vos, ó Jesus esta quarta dezena para honrar a Carregamento da Cruz; e Vos pedimos por este mistério e por intercessão de vossa Mãe Santíssima, a paciência em todas as nossas cruces. R. Amen

A Crucifixão e Morte de Jesus

Oferecemo-Vos, ó Jesus esta quinta dezena para honrar a vossa Crucifixão e Morte sobre o Calário ; e Vos pedimos por este mistério e por intercessão de vossa Mãe Santíssima, a conversão dos pecadores, a perseverança dos justos e o alívio das almas do purgatório. R. Amen

Gloriosos

A Ressurreição de Jesus

Oferecemo-Vos, ó Jesus esta primeira dezena para honrar a vossa Ressurreição Gloriosa; e Vos pedimos por este mistério e por intercessão de vossa Mãe Santíssima, o Amor de Deus e a perseverança no Vosso santo Serviço. R. Amen

A Ascensão de Jesus

Oferecemo-Vos, ó Jesus esta segunda dezena para honrar a vossa triunfante Ascensão; e Vos pedimos por este mistério e por intercessão de vossa Mãe Santíssima, um ardente desejo do Céu, nossa cara Pátria. R. Amen

A Descida do Espírito Santo

Oferecemo-Vos, ó Jesus esta terceira dezena para honrar o mistério do pentecostes; e Vos pedimos por este mistério e por intercessão de vossa Mãe Santíssima, a descida do Espírito Santo em nossas almas. R. Amen

A Assunção de Maria ao Céu

Oferecemo-Vos, ó Jesus esta quarta dezena para honrar a triunfal Assunção de Vossa Mãe ao Céu; e Vos pedimos por este mistério e por intercessão de vossa Mãe Santíssima, uma terã devoção para com tão boa Mãe. R. Amen

A Coroação de Maria, como Rainha do Céu e da terra

Oferecemo-Vos, ó Jesus esta quinta dezena para honrar a Coroação gloriosa de Vossa Mãe Santíssima no Céu; e Vos pedimos por este mistério e por intercessão de vossa Mãe Santíssima, a perseverança na Graça e a coroa da glória. R. Amen

ORAÇÃO A MARIA NO FIM DO ROSÁRIO

Ave, Maria,
filha Bem-amada do eterno Pai,
mãe admirável do Filho,
Esposa fidelíssima do Espírito Santo!
Templo augusto da Santíssima Trindade.
Avé, Soberana princesa, a quem tudo está submisso no céu e na terra.
Avé, seguro Refúgio dos pecadores,
Nossa senhora da Misericórdia, que jamais repeliste pessoa alguma.
Ainda que pecador, prostro a Vossos pés,
pedindo-Vos que me alcanceis de Jesus,
Vosso amado Filho,

a contrição e o perdão de todos os meus pecados e a divina Sabedoria.
Eu me consagro todo a vós com tudo o que possuo.
Eu Vos tomo hoje por minha Mãe e Senhora.
Tratai-me, pois, com o último dos Vossos filhos
e o mais obediente dos Vosso servos.
Atendei, minha princesa,
atendei aos suspiros dum coração que deseja amar-Vos e servir-Vos fielmente.
Não se possa dizer que, entre todos aqueles que a Vós recorreram,
seja eu o primeiro desamparado.
Ó minha Esperança! Ó minha Vida!
Ó minha Fiel e Imaculada Virgem Maria:
Defendei-me, nutri-me, escutai-me, instrui-me, salvai-me.
Ámen.

ORAÇÃO A MARIA

Ave, Maria, filha predilecta do eterno Pai!
Ave, Maria, mãe admirável do Filho!
Ave, Maria, esposa fidelíssima do Espírito Santo!
Ave, Maria, minha querida Mãe, minha Senhora e minha poderosa Rainha!
Ave, minha alegria, minha glória, meu coração e alma minha!

Vós entregastes-vos inteiramente a mim por misericórdia e eu dou-me todo a Vós por dever de justiça. E, se ainda não o fiz como deveria, uma vez mais renovo hoje, inteiramente, a minha consagração, na qualidade de escravo, e sem reservar nada para mim ou para outrem.

Se virdes em mim algo que ainda Vos não pertença, suplico-Vos que o tomeis imediatamente para que possais exercer sobre mim uma soberania total; destruí, desenraizai e fazei desaparecer de mim tudo quanto possa desagradar a Deus, e em mim plantai, desenvolvi e activai tudo quanto a Vós der prazer.

Que a luz da Vossa fé dissipe as trepas do meu espírito; que a vossa profunda humildade se substitua ao meu orgulho; que a vossa sublime contemplação sustenha a dissipação da minha vagabunda fantasia; que a vossa visão contínua de Deus preencha a minha memória com a Sua presença; que a chama ardente da caridade do vosso coração dilate e abraze a tibieza e frieza do meu; que as vossas virtudes tomem o lugar dos meus pecados; que os vossos méritos sejam o meu ornamento e o meu suplemento diante de Deus.

Enfim, minha querida e amabilíssima Mãe, fazei, se tal for possível, que eu não tenha outro espírito senão o vosso, para conhecer Jesus Cristo e sua divina vontade; que eu não tenha outra alma senão a vossa para louvar e glorificar o Senhor; que eu não tenha outro coração senão o vosso para amar a Deus com amor puro e ardente tal como Vós.

Não Vos peço visões ou revelações, nem prazeres ou delícias, ainda que espirituais. Só Vós tendes o direito de ver tudo com clareza e sem trevas; só Vós tendes o direito de saborear a plena felicidade, sem amarguras; só a Vós pertence o direito de reinar triunfalmente, à direita do Filho, sem qualquer humilhação; a Vós o poder absoluto, e sem oposição, de comandar sobre os Anjos, sobre os homens e até sobre os demónios; só a Vós, enfim, pertence dispor segundo o vosso agrado, de todos os bens de Deus, sem qualquer reserva.

E é esta, ó excelsa Maria, a vossa melhor parte que o Senhor Vos concedeu e que jamais Vos será arrebatada. E isto causa em mim uma enorme alegria!

Neste mundo eu não desejo para minha porção senão aquilo mesmo que também a Vós foi concedido, a saber: acreditar com simplicidade, sem ter o prazer de gostar ou de ver; sofrer com alegria, sem esperar conforto das criaturas; morrer continuamente a mim mesmo, sem me dar tréguas, e para a vossa glória trabalhar arduamente até à minha morte, comportando-me como o mais miserável escravo e sem qualquer interesse próprio.

A única graça que para mim imploro à vossa misericórdia é a de me concederdes, cada dia e em cada momento da minha vida, de eu poder dizer três vezes ao dia, “Amém”.

“Assim seja”!

“Amém”! por tudo quanto fizestes na terra enquanto cá vivestes;

“Amém”! por tudo quanto tendes vindo a fazer até agora, no céu;
“Amém”! por tudo quanto tendes vindo a fazer na minha alma, para que, dentro de mim, estejais apenas
Vós a glorificar inteiramente a Jesus no tempo e na eternidade.

ORAÇÃO AO ESPÍRITO SANTO

Espírito Santo, concedei-me todas estas graças; plantai, regai e cultivai na minha alma a verdadeira Árvore da Vida que é a amabilíssima Maria, para que cresça, deia flores e frutos de vida em abundância.

Espírito Santo, concedei-me o dom de amar e venerar muito a vossa divinal Esposa, de ter no seu coração materno um sólido apoio e um recurso assíduo da sua misericórdia para que n’Ela e com Ela venhais a formar em mim Jesus, ao natural, grande e robusto, até à plenitude da sua idade perfeita. Amém.

Ladaínha do Santíssimo Nome de Jesus

Senhor, tende piedade de nós.
Jesus Cristo, tende piedade de nós.

Senhor, tende piedade de nós.

Jesus Cristo, ouvi-nos.

Jesus Cristo, atendei-nos.

Pai celeste que sois Deus,

tende piedade de nós.

Filho, Redentor do mundo, que sois Deus,

tende piedade de nós.

Espírito Santo, que sois Deus,

tende piedade de nós.

Santíssima Trindade, que sois um só Deus,

tende piedade de nós.

Jesus, Filho de Deus vivo,

Jesus, esplendor do Pai,

Jesus, pureza da luz eterna,

Jesus, Rei da glória,

Jesus, sol da justiça,

Jesus, Filho da Virgem Maria,

Jesus amável,

Jesus admirável,

Jesus, Deus forte,

Jesus, Pai do futuro do século,

Jesus, Anjo do grande conselho,

Jesus poderosíssimo,

Jesus pacientíssimo,

Jesus obedientíssimo,

Jesus, brando e humilde de coração,

Jesus, amante da castidade,

Jesus, amador nosso,
Jesus, Deus da paz,
Jesus, autor da vida,
Jesus, exemplar das virtudes,
Jesus, zelador das almas,
Jesus, nosso Deus,
Jesus, nosso refúgio,
Jesus, Pai dos pobres,
Jesus, tesouro dos fiéis,
Jesus, bom Pastor,
Jesus, luz verdadeira,
Jesus, sabedoria eterna,
Jesus, bondade infinita,
Jesus, nosso caminho e nossa vida,
Jesus, alegria dos anjos,
Jesus, Rei dos patriarcas,
Jesus, Mestre dos apóstolos,
Jesus, Doutor dos evangelistas,
Jesus, fortaleza dos mártires,
Jesus, luz dos confessores,
Jesus, pureza das virgens,
Jesus, coroa de todos os santos,

Sede-nos propício; perdoai-nos, Jesus.
Sede-nos propício; ouvi-nos, Jesus.

De todo o mal, **livrai-nos, Jesus.**

De todo o pecado,
De vossa ira,
Das ciladas do demônio,
Do espírito da impureza,
De morte eterna,
Do desprezo das vossas inspirações,
Pelo mistério da vossa santa Encarnação,
Pela vossa natividade,
Pela vossa infância,
Pela vossa santíssima vida,
Pelos vossos trabalhos,
Pela vossa agonia e paixão,
Pela vossa cruz e desamparo,
Pelos vossas angústias,
Pela vossa morte e sepultura,
Pela vossa ressurreição,
Pela vossa ascensão,
Pela vossa instituição da Santíssima Eucaristia,
Pelos vossas alegrias,
Pela vossa glória,

Cordeiro de Deus, que tirais os pecados do mundo,
perdoai-nos, Jesus.

Cordeiro de Deus, que tirais os pecados do mundo,
ouvi-nos, Jesus.

Cordeiro de Deus, que tirais os pecados do mundo,
tende piedade de nós, Jesus.

Jesus, ouvi-nos.

Jesus, atendei-nos.

Oremos.

Senhor Jesus Cristo, que dissestes: Pedi e recebereis; buscai e achareis; batei e abrir-se-vos-á, nós vos suplicamos que concedais a nós que vo-lo pedimos, os sentimentos afetivos de vosso divino amor, a fim de que nós vos amemos de todo o coração e que esse amor transcenda por nossas ações, sem que deixemos de vos amar.

Permiti que tenhamos sempre, Senhor, um igual temor e amor pelo vosso santo nome; pois não deixais de governar aqueles que estabeleceis na firmeza do vosso amor. Vós que viveis e reinais pelos séculos dos séculos.

Amém

Ladaínha do Espírito Santo

Senhor, tende piedade de nós.
Jesus Cristo, tende piedade de nós.
Senhor, tende piedade de nós.

Divino Espírito Santo, ouvi-nos.
Espírito Paráclito, atendei-nos.

Deus Pai dos céus, tende piedade de nós.
Deus Filho, redentor do mundo, ...
Deus Espírito Santo,
Santíssima Trindade, que sois um só Deus,

Espírito da verdade,
Espírito da sabedoria,
Espírito da inteligência,
Espírito da fortaleza,
Espírito da piedade,
Espírito do bom conselho,
Espírito da ciência,
Espírito do santo temor,
Espírito da caridade,
Espírito da alegria,
Espírito da paz,
Espírito das virtudes,
Espírito de toda a graça,
Espírito da adoção dos filhos de Deus,
Purificador das nossas almas,
Santificador e guia da Igreja católica,
Distribuidor dos bens celestes,
Conhecedor dos pensamentos e das intenções do coração,
Doçura dos que começam a vos servir,
Coroa dos perfeitos,
Alegria dos anjos,
Luz dos patriarcas,
Inspiração dos profetas,
Palavra e sabedoria dos apóstolos,
Vitória dos mártires,
Ciência dos confessores,
Pureza das virgens,
Unção de todos os santos,

Sede-nos propício, perdoai-nos, Senhor.
Sede-nos propício, atendei-nos, Senhor.
De todo o pecado, livrai-nos, Senhor.

De todas as tentações e ciladas do demônio, livrai-nos, Senhor.
De toda a presunção e desesperação, livrai-nos, Senhor.
Do ataque à verdade conhecida, livrai-nos, Senhor.
Da inveja da graça fraterna, livrai-nos, Senhor.
De toda a obstinação e impenitência, livrai-nos, Senhor.
De toda a negligência e tepidez do espírito, livrai-nos, Senhor.
De toda a impureza da mente e do corpo, livrai-nos, Senhor.
De todas as heresias e erros, livrai-nos, Senhor.
De todo o mau espírito, livrai-nos, Senhor.
Da morte má e eterna, livrai-nos, Senhor.
Pela vossa eterna procedência do Pai e do Filho, livrai-nos, Senhor.
Pela milagrosa conceição do Filho de Deus, livrai-nos, Senhor.
Pela vossa descida sobre Jesus Cristo batizado, livrai-nos, Senhor.
Pela vossa santa aparição na transfiguração do Senhor, livrai-nos, Senhor.
Pela vossa vinda sobre os discípulos do Senhor, livrai-nos, Senhor.
No dia do juízo, livrai-nos, Senhor.
Ainda que pecadores, nós vos rogamos, ouvi-nos.
Para que nos perdoeis, nós vos rogamos, ouvi-nos.
Para que vos digneis santificar todos os membros da Igreja, nós vos rogamos, ouvi-nos.
Para que vos digneis conceder-nos o dom da verdadeira piedade, devoção e oração, nós vos rogamos, ouvi-nos.
Para que vos digneis inspirar-nos sinceros afetos de misericórdia e de caridade, nós vos rogamos, ouvi-nos.
Para que vos digneis criar em nós um espírito novo e um coração puro, nós vos rogamos, ouvi-nos.
Para que vos digneis conceder-nos verdadeira paz e tranquilidade do coração, nós vos rogamos, ouvi-nos.
Para que vos digneis fazer-nos dignos e fortes, para suportar as perseguições pela justiça, nós vos rogamos, ouvi-nos.
Para que vos digneis confirmar-nos em vossa graça, nós vos rogamos, ouvi-nos.
Para que vos digneis receber-nos no número dos vossos eleitos, nós vos rogamos, ouvi-nos.
Para que vos digneis ouvir-nos, nós vos rogamos, ouvi-nos.
Espírito de Deus, nós vos rogamos, ouvi-nos.

Cordeiro de Deus, que tirais os pecados do mundo, enviai-nos o Espírito Santo.
Cordeiro de Deus, que tirais os pecados do mundo, mandai-nos o Espírito prometido do Pai.
Cordeiro de Deus, que tirais os pecados do mundo, dai-nos o Espírito bom.

Espírito Santo, ouvi-nos.
Espírito Consolador, atendei-nos.

V. Enviai o Vosso Espírito e tudo será criado.
R. E renovareis a face da terra.

Oremos:

Deus, que instruístes os corações dos vossos fiéis com a luz do Espírito Santo, concedei-nos que no mesmo Espírito conheçamos o que é reto, e gozemos sempre as suas consolações. Por Cristo, Nosso Senhor. Amém.

Ladainha de S. Luis Maria de Montfort

Senhor, tende piedade de nós.
Jesus Cristo, tende piedade de nós.
Senhor tende piedade de nós.
Jesus Cristo, ouvi-nos.
Jesus Cristo, atendei-nos.
Pai do Céu, que sois Deus, tende piedade de nós.
Filho, Redentor do mundo que sois Deus, tende piedade de nós.
Espírito Santo que sois Deus, tende piedade de nós.
Santíssima Trindade que sois um só Deus, tende piedade de nós.
Santa Maria – Rogai por nós
Raíña dos Corações – Rogai por nós
Medianeira de todas as graças – Rogai por nós

S. Luís Maria – Rogai por nós

S. Luís Maria, imitador fiel de Jesus Cristo – Rogai por nós
S. Luís Maria, pregador eloquente da Cruz – Rogai por nós
S. Luís Maria, arauto do Sagrado Coração – Rogai por nós
S. Luís Maria, devoto e escravo de Jesus em Maria – Rogai por nós
S. Luís Maria, Apóstolo do santo Rosário – Rogai por nós
S. Luís Maria, homem de oração – Rogai por nós
S. Luís Maria, prodígio de mortificação – Rogai por nós
S. Luís Maria, apaixonado amante dos pobres – Rogai por nós
S. Luís Maria, destemido campeão da verdade – Rogai por nós
S. Luís Maria, ardente defensor da fé católica – Rogai por nós
S. Luís Maria, incansável zelador da Glória de Deus e da salvação das almas – Rogai por nós
S. Luís Maria, restaurador dos templos do Senhor – Rogai por nós
S. Luís Maria, amparo dos fracos – Rogai por nós
S. Luís Maria, educador das crianças e dos jovens – Rogai por nós
S. Luís Maria, fundador de famílias religiosas – Rogai por nós
S. Luís Maria, modelo de sacerdotes e de missionários – Rogai por nós

S. Luís Maria, alcançai-nos a verdadeira Sabedoria – S. Luís Maria
S. Luís Maria, alcançai-nos o espírito de fé – S. Luís Maria
S. Luís Maria, alcançai-nos o espírito de oração – S. Luís Maria
S. Luís Maria, alcançai-nos o espírito de humildade – S. Luís Maria
S. Luís Maria, alcançai-nos o amor à Cruz – S. Luís Maria
S. Luís Maria, alcançai-nos a vossa Verdadeira devoção para com a santa Virgem – S. Luís Maria
S. Luís Maria, alcançai-nos a vossa dedicação ao Vigário de Jesus Cristo – S. Luís Maria
S. Luís Maria, alcançai-nos a vossa obediência filial ao Papa – S. Luís Maria
S. Luís Maria, alcançai-nos a coragem nas provas – S. Luís Maria
S. Luís Maria, alcançai-nos o vosso amor à vida silenciosa – S. Luís Maria
S. Luís Maria, alcançai-nos o zelo pela conversão dos pecadores – S. Luís Maria
S. Luís Maria, alcançai-nos a perseverança no bem – S. Luís Maria
S. Luís Maria, alcançai-nos a graça de uma santa morte – S. Luís Maria
S. Luís Maria, alcançai-nos o Reino de Jesus por Maria – S. Luís Maria

Cordeiro de Deus que tirais o pecado do mundo, tende piedade de nós.
Cordeiro de Deus que tirais o pecado do mundo, tende piedade de nós.
Cordeiro de Deus que tirais o pecado do mundo, dai-nos a paz.

Oremos

Deus, que fizestes de S. Luís Maria um incansável arauto do Reino do Vosso Filho, e por ele suscitastes na vossa Igreja as suas famílias religiosas, concedei propício que, pelos seus conselhos e exemplo, possamos servir perenemente o Vosso mesmo dileto Filho sob o suave jugo da Bem-aventurada Virgem e Mãe. Por Nosso Senhor Jesus Cristo, Vosso Filho, na Unidade do Espírito Santo. Amen.

Ladainhas Marianas Bíblicas

Senhor, tende piedade de nós.
Jesus Cristo, tende piedade de nós.
Senhor tende piedade de nós.
Jesus Cristo, ouvi-nos.
Jesus Cristo atendei-nos.

Pai do Céu, que sois Deus, tende piedade de nós.
Filho, Redentor do mundo que sois Deus,

tende piedade de nós.
Espírito Santo que sois Deus, tende piedade de nós.
Santíssima Trindade que sois um só Deus,
tende piedade de nós.

Santa Maria Mãe de Deus – Rogai por nós

Nova Eva
Mãe da Humanidade
Descendente de Abraão
Herdeira da promessa
Rebento de Jessé
Filha de Sião

Terra Virgem
Escada de Jacob
Sarça Ardente
Tabernáculo do Altíssimo
Arca da Aliança
Sede da Sabedoria
Cidade de Deus
Porta do Oriente
Fonte de Água Viva
Aurora da Salvação
Alegria de Israel
Glória de Jerusalém
Honra do nosso Povo
Virgem de Nazaré
Virgem cheia de Graça
Virgem plena do Espírito Santo
Virgem que destes á Luz

Serva do Senhor

Serva da Palavra
Serva humilde e pobre
Esposa de José
Mãe do Emanuel
Mãe do Filho de David
Mãe do Senhor
Mãe dos discípulos

Mãe solícita na Visitação

Mãe plena felicidade em Belém
Mãe que apresentaste Jesus ao Templo
Mãe estrangeira no Egipto
Mãe aflita em Jerusalém
Mãe providente em Caná
Mãe forte no Calvário
Mãe da oração no Cenáculo
Mulher da Nova Aliança
Mulher vestida de Sol
Mulher coroada de estrelas
Rainha á direita do Rei

Feliz porque acreditaste
Feliz porque fizeste a vontade de Deus

Cordeiro de Deus que tirais o pecado do mundo,
tende piedade de nós.

Cordeiro de Deus que tirais o pecado do mundo,
tende piedade de nós.

Cordeiro de Deus que tirais o pecado do mundo,
dai-nos a paz.

Oremos

Senhor Deus Alíssimo,
Que ao enviar o Espírito Santo ao seio de Maria
Formastes nela e por ela o Vosso Filho Jesus,
Ouvi a nossa oração:
Concedei que também nós
nos tornemos verdadeiros Filhos de Maria,
a fim de que sendo por ela espiritualmente gerados,
alimentados e educados,
possamos parecer-nos cada vez mais com Cristo Vosso Filho,
que é Deus convosco na Unidade do Espírito Santo

Ladaínhas a Santa Maria Nossa Irmã.

Senhor , tende piedade de nós.

Jesus Cristo, tende piedade de nós.

Senhor tende piedade de nós.

Jesus Cristo, ouvi-nos.

Jesus Cristo atendei-nos.

Pai do Céu, que sois Deus, tende piedade de nós.

Filho, Redentor do mundo que sois Deus,
tende piedade de nós.

Espírito Santo que sois Deus, tende piedade de nós.

Santíssima Trindade que sois um só Deus,
tende piedade de nós.

Santa Maria

Filha predilecta do Pai

Mãe admirável do Filho

Esposa do Espírito Santo

Templo da Santíssima Trindade

Criatura excelsa do Deus Altíssimo

Prodígio da Omnipotência

Paraíso de Deus

Repouso de Deus

Imagem admirável de Deus

Altar de Deus

Templo vivo de Deus

Mística Cidade de Deus

Filha do Rei dos Reis

Paraíso do Novo Adão

Mãe da Sabedoria Divina

Senhora da Sabedoria Encarnada

Trono da Sabedoria Eterna
Mãe do Puro Amor
Mãe de Bondade
Rainha dos corações
Fiel a Deus e aos homens
Tesouro do Senhor Deus
Coluna invencível
Âncora segura
Mãe da árvore da Vida
Lâmpada sempre acesa
Tesouro de misericórdia
Virgem Mãe de Cristo, Rogai por nós
Virgem Mãe da Igreja
Virgem Mãe de todos os homens
Filha do nosso povo
Companheira do nosso caminhar
Irmã dos redimidos
Profecia dos novos tempos
Presença viva na história
Sinal da nossa futura glória
Virgem de Nazaré
Esposa de José
Meditadora da Palavra de Deus
Virgem do coração simples
Mulher do coração puro
Mãe de coração trespassado
Mãe que nos conhece
Mãe que nos escutas
Mãe que nos compreendes
Mãe junto á Cruz
Mãe dos discípulos
Mãe de todos os que sofrem
Esperança dos oprimidos
Confiança dos pobres
Consoladora dos aflitos
Nascente da Alegria
Fonte da Luz
Sede da Vida

Cordeiro de Deus que tirais o pecado do mundo,
tende piedade de nós.

Cordeiro de Deus que tirais o pecado do mundo,
tende piedade de nós.

Cordeiro de Deus que tirais o pecado do mundo,
dai-nos a paz.

Oremos

Senhor Deus, que pela Encarnação
do Vosso Filho Jesus no seio de Maria,
manifestastes a Vossa Glória ao mundo inteiro;
fazei que todos os cristãos vivam
da harmonia com o Evangelho,
para levarem aos seus ambientes de trabalho

a Luz de Cristo e possam ser sal da terra.
Por Cristo Nosso Senhor. Amen

Magnificat

A minha alma glorifica o Senhor,
e o meu espírito se alegrou em Deus, meu Salvador.

Porque pôs os olhos na humildade da sua serva
de hoje em diante me chamarão bem-aventurada todas as gerações.
Santo é Seu nome!

A Sua misericórdia se estende de geração em geração
sobre aqueles que o temem.

Manifestou o poder do seu braço
e dispersou os soberbos.

Derrubou dos seus tronos os poderosos
e exaltou os humildes.

aos famintos encheu de bens,
e aos ricos despediu de mãos vazias.

Acolheu a Israel Seu servo lembrado da Sua misericórdia.
Como tinha prometido a nossos pais,
A Abraão e à sua descendência para sempre.

Glória ao Pai e ao Filho e ao Espírito Santo,
Como era no princípio, agora e sempre. Amém.